

IGREJA LUTERANA

(ISSN 0103-779X)

CONSELHO EDITORIAL:

Acir Raymann, editor
Gerhard Grasel Vilson
Scholz

DIRETOR GERAL: Hans Horsch

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA: Cláudio Kaminski

EXPEDIÇÃO: Zely S. Steyer

PROFESSORES: Acir Raymann, Christiano J. Steyer, Gerhard Grasel, Hans Horsch, Paulo M. Nerbas, Vilson Scholz e Norberto E. Heine(CAAPP)

IGREJA LUTERANA: (ISSN 0103-779X) é uma revista semestral de teologia publicada em Junho e Novembro pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

IGREJA LUTERANA está indexada em *Bibliografia Bíblica Latino-Americana*. Os originais dos artigos, publicados ou não, não serão devolvidos.

Aceita-se permuta com revistas congêneres.

Toda correspondência deve ser enviada ao seguinte endereço:

Revista **IGREJA LUTERANA**

Seminário Concórdia
Caixa Postal, 202
93001-970 - São Leopoldo, RS

IGREJA LUTERANA

VOLUME 53

NOVEMBRO 1994

Número 2

ÍNDICE

EDITORIAIS

Notado editor146

FÓRUM 147

ARTIGOS

O uso e a posição da Escritura nas obras dos Pais Apostólicos

Manfred Zeuch..... 150

Lutero e Erasmo: o Contato e a Divergência

Clóvis J. Prunzel..... 159

AUXÍLIOS HOMILÉTICOS 179

DEVOÇÕES258

EDITORIAIS

Nota do editor:

Quod non est biblicum non est theologicum é uma das ênfases da Igreja Luterana em suas afirmações hermenêuticas enaltecendo a Escritura como única fonte e norma de fé e vida. Esta ênfase tem como corolário a ousada atestação de que sem a Escritura a Igreja não existe.

Os artigos deste número de *Igreja Luterana* enfocam o desdobramento apologético da Escritura Sagrada iniciado nos primórdios do Cristianismo e reiterado nos embates do Luteranismo emergente. Num primeiro momento, o Rev. Manfred Zeuch viaja pelo trem da história para nos familiarizar com "O Uso e a Posição da Escritura nas Obras dos Pais Apostólicos". Questões como a autoridade da Palavra de Deus, relação Cristo-Escritura, unidade dos Testamentos - sempre atuais no debate teológico - são examinadas em nada menos que nove obras desse período da Igreja Cristã. Em seu artigo "Lutero e Erasmo: o Contato e a Divergência", o Rev. Clóvis J. Prunzel analisa a polêmica que caracterizou um dos momentos marcantes na teologia do século XVI protagonizada por dois de seus maiores expoentes. No cerne da questão está não apenas a autoridade da Escritura como também a situação do ser humano *coram Deo*. Nessa tergiversação de armas, Erasmo se posiciona com argumentos ético-anropológicos, ao passo que Lutero esmera-se na ênfase cristológica. O resultado desse confronto foi - e continua sendo - decisivo para a causa da Reforma e para eventuais estudos das relações entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Luterana.

Estes dois artigos, juntamente com o já conhecido "Auxílios Homiléticos", certamente trarão grandes benefícios a você no exercício do seu Santo Ministério. Abençoada leitura. AR

Pregação eficiente

(Nota: Abordar assuntos relevantes como o da pregação deve ser uma constante numa revista como *Igreja Luterana*, cujo público alvo é o teólogo e pastor. As orientações que seguem - fruto de pesquisa entre professores de homilética - foram publicadas no periódico *Repórter* (julho 1994) e traduzidas pelo Rev. Ely Prieto. - Ed.).

O que é necessário para se produzir uma pregação eficiente? A Universidade de Baylor, em Waco, no Texas, recentemente desenvolveu uma pesquisa entre professores de homilética para determinar o critério de uma pregação eficiente.

Um total de 140 respostas foram recebidas, vindas de Seminários e Escolas de Teologia nos Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

As observações contidas nas respostas produziram mais de 700 critérios, os quais foram categorizados dentro de sete áreas e posteriormente incluídos em um artigo intitulado "Dimensões de uma Pregação Eficiente".

A seguir apresentamos o sumário dos critérios que, conforme o artigo são necessários para uma pregação eficiente.

Bíblico/Exegético

O pregador eficiente prega sermões baseados na Escritura e que exibem uma boa preparação exegética. Pregação eficiente está baseada em uma sólida exegese bíblica. Um sermão bem "fabricado" é forjado a partir de um texto da Escritura.

Relevância

O pregador eficiente prega sermões que são relevantes para seus ouvintes. O sermão é pertinente às suas dificuldades diárias, levando-os a viver o Evangelho. O pregador deve fazer a ponte entre o contexto histórico e a situação contemporânea de forma a se dirigir ao ambiente cultural da congregação.

A persona do pregador

O pregador eficiente prega sermões que refletem sua própria experiência de vida e estão compromissados com a fé cristã. O pregador reflete "paixão" bem como "integridade" em seus sermões. O pregador deve ter absorvido totalmente e/ou ser totalmente absorvido pelo tema dominante ou a imagem do sermão, de forma que sua cabeça, coração e entranhas estejam apropriadamente envolvidos na palavra pregada. As palavras são mais do que mecanicamente lidas ou recitadas, elas se tornam vivas com a paixão do pregador.

Teológico/Ortodoxo

O pregador eficiente prega sermões que são fiéis à tradição cristã. Isto envolve a pregação de sermões que são expressos doutrinariamente de acordo com os parâmetros da fé cristã. O sermão deve tocar ou refletir (se não lidar diretamente) alguma das grandes verdades cristãs: mesmo que o seu estilo seja informal ou divertido, o conteúdo não deve ser trivial.

Estrutura do sermão

O pregador eficiente prega sermões que são estruturados com uma clara introdução, corpo principal, e conclusão; e todo esse conjunto deve refletir um tema ou foco central. O sermão é organizado em estilo lógico, o qual progressivamente estrutura o argumento principal do sermão. O sermão deve demonstrar pensamento claro e ter uma estrutura que flui de forma fácil e natural e conter uma linguagem que pode ser facilmente compreendida.

Comunicação eficiente

O pregador eficiente prega sermões que claramente comunicam a idéia central através do uso de linguagem simples e ilustrações, de forma tal que os ouvintes sejam convencidos pela mensagem. Pregação eficiente é persuasiva, de forma que a mesma convença ou condene o ouvinte. O pregador eficiente comunica de forma efetiva o sentido da presença e da autoridade de Deus.

Apresentação/Estilo

O pregador eficiente prega sermões que são apresentados habilmente com apropriado equilíbrio: linguagem corporal, gestos, contato visual e boa qualidade de voz. O pregador sempre exhibe uma pronúncia apropriada, boa articulação, fraseado correto, postura adequada, bom tom, modulação vocal e gestos. O sermão tem estilo que agrada os ouvidos e é atrativo? É apresentado em tom de conversação? Usa linguagem direta aos ouvidos ao invés dos olhos? É poético - apresentado com palavras e imagens orais?

O uso e a posição da Escritura nas obras dos Pais Apostólicos

Manfred Zeuch

Nessa breve análise do uso da Escritura pelos Pais Apostólicos dos séculos I e II e de seu conceito sobre a mesma, usamos como fonte as seguintes edições críticas: *Patrologiae. Cursus completus. Series Graeca.* J. P. Migne, vol. I e IV, Paris, 1894. Bihlmeyer, Karl. *Die apostolischen Väter.* Neuarbeitung der Funkschen Ausgabe, Tübingen, 1924. G. Bonet-Maury. *La Doctrine des Douze Apôtres*, Paris, 1984. Huber, Sigrid. *Los padres apostólicos.* Versão crítica em espanhol, Buenos Aires, 1949.

1. "A Doutrina dos Doze Apóstolos" ou a "Didachê". Este primeiro manual de instrução e de liturgia conhecido da igreja primitiva, devido à sua antigüidade, não faz referência ao Cânone. Tendo sido composta, ou não, a partir de uma eventual fonte comum a ela e à epístola de Barnabé - podendo essa fonte ter sido um manual judeu-cristão da dispersão - a Didachê expõe os conteúdos doutrinários apostólicos, de onde vem seu nome. Seu autor, desconhecido, constrói sua doutrina com palavras da Escritura. Acham-se, ao lado de palavras do Antigo Testamento, citações de Mateus, Lucas, Romanos, - entre outros. Há mais de setenta referências ao Novo Testamento e duas dezenas ao Antigo Testamento. A Didachê cita naturalmente as palavras da Escritura, de maneira indireta, mostrando assim que naquele tempo a "doutrina dos apóstolos" (cf. At 2.42), espalhada já também pelos escritos neo-testamentários, tinha criado raízes nos corações e na memória da comunidade cristã.

O conceito de autoridade das Escrituras acha-se, mesmo que implícita, claramente presente, por exemplo, no parágrafo IV, onde a "Palavra de Deus", anunciada pelos "verdadeiros doutores" da igreja (parágrafo XIII,

Rev. Manfred Zeuch é pastor da IELB em Woerth Sur Sauer, França, e presidente do Conselho Regional da Eglise Evangelique Luthérienne de France et de Belgique.

2), fazendo alusão a Hebreus 13.7, é identificada à "autoridade do Senhor" (cf. Ef 1.29 e Cl 1.16) ou a "seu domínio": "Meu filho, lembra-te noite e dia daquele que te ensina a palavra de Deus; honrá-lo-ás como ao Senhor, pois onde a palavra do Senhor (sua autoridade, seu domínio) é ensinada, ali está presente o Senhor" (IV, 1). Em "Didascalias et constitutiones Apostolorum", inspirado pela Didachê, esta mesma frase é expressa assim: "Pois onde se ensina a doutrina do Senhor, ali Deus está presente". Temos assim uma identificação, ou permutabilidade dos conceitos "Palavra de Deus", "autoridade" (domínio), e "doutrina", todos três indicando a presença do Senhor mesmo. A Didachê mesma reivindica possuir a autoridade daquele que expõe a doutrina do Senhor, porque fundamenta-se na "Palavra de Deus", e exorta no parágrafo XI, 1: "Todo aquele que vier a vós e vos ensinar tudo o que foi exposto acima, acolhei-o. Mas se aquele que ensina, ensinar outra doutrina, não o escuteis".

Esta autoridade, unida a uma excelente qualidade de ensino das principais verdades e práticas morais e litúrgicas, sua coerência e sua estrutura clara, numa linguagem simples, num mosaico de citações escriturísticas, certamente contribuiu para que a Didachê fosse contada, por alguns, entre os livros canônicos. Mas Eusébio classificou-a entre os "nothoi".

2. O testemunho seguinte virá de *Clemente de Roma*, um dos primeiros bispos romanos, discípulo de Pedro e Paulo. Cronologicamente anterior à Didachê, Clemente é o primeiro dos pais apostólicos (ver Fp 4.3), e sua carta aos Coríntios foi escrita entre 92 AD e 101 AD. Nessa carta, pela qual ele intervém na situação conflituosa e quase caótica da igreja de Corinto, tendo uma reivindicação evidente de ser guardião e depositário da fé apostólica, de ser portador legítimo da autoridade apostólica - um embrião do "primado" de Roma -, Clemente traz uma grande quantidade de citações do Antigo Testamento, revelando especialmente ter um profundo conhecimento e compreensão dos elementos proféticos e típicos. Enfatiza a penitência, a conversão e a obediência na fé - sendo esta, aliás, uma das características da teologia dos pais apostólicos comparada aos livros canônicos: ela é mais "nomista" e moralizante. Nessa carta acham-se 150 citações do Antigo Testamento. Mesmo não fazendo alusão ao Cânone do Novo Testamento, nota-se claramente aqui o andamento do processo de formação do mesmo, visto que Clemente cita passagens, que futuramente integrarão o Cânone, com pelo menos a mesma autoridade que o Antigo Testamento Cita especialmente as "Palavras do Senhor Jesus", tratando-se aqui provavelmente dos evangelhos sinóticos. Esta noção de autoridade fundamenta-se na compreensão da inspiração divina das Escrituras. Assim temos, por exemplo, em XIII, 1 (exortação à humildade):

"Irmãos, sejamos pois humildes, isentos de qualquer orgulho e soberba, insensatez e ira. Procedamos conforme ao que está escrito, pois o Espírito Santo diz: 'Não se glorie o sábio na sabedoria (1), nem o forte na sua força (2), nem o rico na riqueza (3), mas aquele que se gloria, glorie-se no Senhor' (4)". Temos aqui: (1,2,3) que são citações de Jeremias 9.23, e (4) que é Jeremias 9.24 citado por Paulo em 1 Coríntios 1.31. A citação de Clemente aqui (4) é literal: *hó kauchòmenos en kyriō kauchâstô*, ao passo que a LXX (Septuaginta), texto utilizado por Clemente, traz: *all' hê en toutô kauchâstô hó kauchòmenos...* Clemente coloca aqui uma palavra de Paulo ao lado de uma citação do Antigo Testamento, referindo-se ao todo como sendo uma afirmação do Espírito Santo, e como tendo autoridade daquilo que "está escrito". Em XLV, 2, onde fala sobre o pecado de se contradizer líderes íntegros da igreja, Clemente afirma que o conteúdo das Escrituras é a "verdade", pois elas são "inspiradas pelo Espírito Santo". São, portanto, "Palavra de Deus" (LIII, 1).

Citando o testemunho das Escrituras sobre a ressurreição, provavelmente com o fim de acalmar outra crise ou discórdia coríntia sobre o assunto, Clemente usa os Salmos e Jó, admoestando essa igreja a perseverar na esperança da ressurreição, declarando o seguinte: "Por esta esperança da ressurreição nossas almas devem juntar-se àquele que é fiel em suas promessas e justo nos seus julgamentos. Aquele que proibiu mentir, não pode ele mesmo mentir. Pois nada é impossível a Deus, exceto mentir" (XXVII 1,2; cf. Hb 6.18). Clemente parece colocar a base do conceito da inerrância (*Unfehlbarkeit*) das Escrituras, defendido por Lutero, e nos lembra de sua argumentação sobre o batismo no Catecismo Maior: "Cur ita? Ideo quod certi simus Deum non mentiri. Ego et proximus meus et in summa omnes homines errare possunt et fallare, porro autem verbum Dei nec potest errare nec fallare" (CM IV, 57 BSLK).

A epístola de Clemente gozava igualmente de grande autoridade e popularidade nos primeiros tempos, tendo sido lida em público como os livros canônicos. Esta proximidade da "prima clementis" com os escritos canônicos verifica-se também pelo fato de ela achar-se em certos manuscritos antigos ao lado dos livros canônicos, como no Codex Alexandrinus (A), do séc.V.

3. *Santo Inácio de Antioquia* tem uma contribuição de grande valor para a posteridade teológica especialmente na área da cristologia, da qual elabora um sistema bastante completo. Outro ponto dogmático sobre o qual

Inácio insiste é a unidade da Igreja no bispo, o que será um fundamento incontestável para o episcopado monárquico, assunto que não abordaremos aqui.

No início do século II, Inácio escreve sete cartas a igrejas diversas, estando no caminho do martírio que o espera sob a responsabilidade de Trajano. Escreve principalmente para fortalecer a primeira comunidade cristã na fé e na prática para que esta resista às incursões heréticas que tencionam solapar a base cristã, vindo por um lado da parte dos ebionitas - um ramo sectário do cristianismo judaico - e por outro lado do docetismo. Estes ataques se dirigem ao ponto central e vital da fé, o elo da antiga e da nova aliança: Jesus Cristo.

3.1 - Em sua epístola aos Efésios, destacamos um ponto no qual Inácio fala de "Escritura" referindo-se a um escrito do Novo Testamento, valioso para os efésios, a saber, a epístola de Paulo aos efésios. Na qualidade de testemunha condenado ao martírio, Inácio lembra aos efésios de que eles foram "iniciados" por Paulo, que eles são "os iniciados de Paulo" (parágrafo 12). Inácio refere-se aqui certamente ao primeiro capítulo de Paulo aos efésios, onde o apóstolo descreve as "bênçãos espirituais" que os cristãos recebem no Cristo (1.3), a saber, "a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça" (v.7). Paulo os havia "iniciado" no "mistério da sua vontade" que nos "desvendou" (Ef 1.9) para que nos tornemos herdeiros de Deus (v.11) os quais andam na fé e no amor, em direção a Deus (XII, 1). Inácio qualifica Paulo de "santificado", "confirmado" por Deus e "bem-aventurado", não deixando dúvida de que ele reconhecia a inspiração e a autoridade canônica desta "epístola inteira na qual ele (Paulo) vos lembra de Jesus Cristo" (XII, 1).

3.2 - Na sua carta aos magnésios manifesta-se claramente sua compreensão do alvo do Antigo Testamento, e da unidade existente entre ele e a nova aliança. Atacando por um lado os ebionitas, os quais defendiam a validade da lei mosaica no Novo Testamento, e que refutavam as epístolas de Paulo (cf. Gl 2.14), e os gnósticos por outro lado, Inácio afirma que o Antigo Testamento não tem sentido fora de Jesus Cristo, e que todos os que outrora viviam conforme o judaísmo, como ele mesmo aliás, "não receberam a graça senão em Jesus Cristo", trazendo à sua defesa os profetas, "os quais viveram conforme Jesus Cristo". Estes profetas, diz, foram perseguidos porque eram "inspirados pela graça", para convencer os fiéis (da antiga aliança) de que só existe um Deus, o qual se manifestou em Jesus Cristo, seu Filho, seu *verbum eternum*. Os ebionitas negavam a preexistência de Cristo, e os gnósticos asseveravam que ele

tinha surgido "do silêncio" do pléroma. A teologia dos assim chamados "pais antigñósticos" refutava vigorosamente tais heresias. Inácio chama os profetas do Antigo Testamento de "discípulos de Jesus no espírito", em quem "esperam como seu Mestre" (este aspecto voltará na sua carta aos filadélfios). Temos aqui, creio eu, um dos mais antigos testemunhos da igreja primitiva sobre a unidade dos dois Testamentos em Cristo, e que Lutero viria a enfatizar no seu princípio escriturístico "alles was Christum treibet". Inácio poderia ter dito igualmente com Lutero: "ego non intellego usquam in scriptura nisi Christum crucifixum" (WA 1,219,25).

Nesta perspectiva, Inácio exorta a seguir os magnésios ao estudo das Santas Escrituras, dizendo em XIII: "esforçai-vos, pois de vos confirmardes (fortificardes) na doutrina do Senhor e dos apóstolos, para que tudo que fizerdes seja bem encaminhado na carne e no espírito, na fé e no amor, no Filho e no Pai e no Espírito, no começo e no fim".

Assim, a base da fé e do amor na igreja - em termos mais clássicos: a base da doutrina e praxe - é claramente estabelecida como sendo a Escritura, "as doutrinas do Senhor e dos apóstolos", ou seja, o Antigo Testamento e os escritos conhecidos e reconhecidos do Novo Testamento, mesmo se por outro lado ele preconiza o bispo como guardião da doutrina e como elemento de unidade e de estabilidade da igreja (o que num certo sentido admite-se à luz de 1 Tm 4.16).

3.3 - No que tange à autoridade dos apóstolos, temos na sua epístola aos romanos (uma das mais belas páginas da literatura cristã antiga, exalando fé, entusiasmo e paixão da parte de um mártir do Senhor) uma alusão à autoridade particular de "Pedro e Paulo", superiores a Inácio, e que tinham o poder de "ordenar" à igreja (IV).

3.4 - Em sua carta aos filadélfios, encontramos novamente o tema do cristocentrismo das Escrituras. Os profetas são dignos do nosso amor porque "também eles pregaram com vistas ao evangelho, e pela sua expectativa e sua esperança nele" (V). Diante dos ataques dos sectários contra a legitimidade e autoridade da igreja, ataques estes que faziam uso das Escrituras com o intuito de provar que a doutrina apostólica é ilegítima, Inácio, que ama os profetas como os apóstolos, refuta o argumento daqueles que utilizam os "antigos documentos" (a Escritura) contra o Evangelho, e lhes diz: "Para mim, no entanto, 'documento antigo' é Jesus Cristo; os 'documentos intactos' são sua cruz, sua morte e sua ressurreição e a fé que vem dele" (VIII). Jesus Cristo e sua obra são objeto salvífico da fé, e, em última análise, também o conteúdo salvífico da Escritura, Palavra de Deus. Inácio parafraseia aqui eloqüentemente Hebreus 1.1: " Havendo

Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas ("documento antigo", conforme o argumento dos adversários da igreja), nestes últimos dias nos falou pelo Filho (igualmente "documento antigo", conforme Inácio)". A revelação do Cristo e de sua obra é, no mínimo, tão importante quanto a revelação do Antigo Testamento.

No parágrafo seguinte temos um dos mais belos testemunhos da excelência do Cristo sobre os profetas e da unidade entre os Testamentos nele. Nota-se aqui a formação do Cânone em andamento. Inácio conclui este capítulo sobre os dois Testamentos: "Todos os dois, sem distinção, são bons, se credes em amor".

3.5 - Na carta aos esmímios, Inácio utiliza a palavra *euaggélion* para designar os escritos do Novo Testamento (V) em contraposição (não exclusiva, mas complementar) às "profecias e a lei de Moisés", ou seja, o Antigo Testamento. Os adversários, na verdade, não haviam sido convencidos nem por um nem pelo outro (cf. Irineu: "Deus quem lex annunciat, quem prophetae praeconant, quem Christus revelat, quem apostoli tradunt, quem ecclesia credit", Adv. Haer. 11 30,9). No parágrafo VII ele repete esta justaposição, e afirma a unidade dos Testamentos, dizendo: "distanciai-vos deles... (aqueles que "ensinam doutrinas estranhas sobre a graça de Jesus Cristo", ou seja, os adeptos do gnosticismo, VI), mas dai ouvidos aos profetas, especialmente ao Evangelho, no qual nos é revelada a paixão e onde há provas perfeitas da ressurreição" (cf. 1 Co 15.17s.).

4. *Policarpo, discípulo* de São João, traz uma grande contribuição pelo seu testemunho sobre as Escrituras. Eusébio cita Irineu, o qual descreve Policarpo como uma testemunha fiel dos milagres e da doutrina de Jesus segundo testemunhas oculares, "conforme a Escritura" (Hist. Ecl. V, 20,4-7). Segundo o testemunho de vários pais, Policarpo gozava de grande autoridade em toda a Ásia Menor, e a abundância de citações neotestamentárias nos seus escritos (mais de setenta) demonstram grande interesse pela história do Cânone. Em sua carta aos Filipenses, ele exorta a edificar-se na fé pelo estudo profundo das epístolas de Paulo, as quais escrevera após sua partida. Policarpo cita várias passagens dessas epístolas, das quais as duas a Timóteo. A autoridade que ele atribui às Escrituras está evidente nessa afirmação contra o docetismo, VII: "Todo aquele que torcer as palavras do Senhor a seu bel-prazer (interpretação arbitrária das Escrituras), dizendo que não há ressurreição nem julgamento, é o primogênito de Satanás" (como ele também chamou Marcião por ocasião de um encontro com ele!).

5. A *epístola dita de Barnabé*, escrita entre 70 A.D. e 130 A.D. por um autor desconhecido, provavelmente um cristão convertido do judaísmo, é antes de mais nada uma defesa do cristianismo contra as incursões nacionalistas judias contra a igreja, após a destruição de Jerusalém, as quais foram intensificadas com o surgimento de um pseudo-messias. Dadas as manobras de propaganda e de recuperação da parte dos judeus, esta carta contém grande número de citações bíblicas para mostrar que, afinal, o único objetivo do Antigo Testamento foi o de anunciar e preparar a vinda do Messias Jesus Cristo, em que pode-se ter uma compreensão espiritual da Antiga Aliança. Transparece muito a epístola aos Hebreus aqui.

6. *Quanto a Papias*, igualmente discípulo de João, infelizmente não sabemos muito, visto que seus escritos principais, uma obra de cinco volumes intitulada "Explicação das Palavras do Senhor", desapareceram após o século XIV. Têm-se fragmentos sobre ele nos escritos de outros pais. Sabe-se que seu testemunho sobre a autoridade canônica do Apocalipse foi precioso, mesmo que Eusébio, de quem também temos fragmentos sobre Papias, tentasse diminuir a autoridade de Papias porque negava a canonicidade do Apocalipse. O fragmento V, de André de Casaréia, do VI século, que escreveu um comentário sobre o Apocalipse, cita Papias entre as mais antigas testemunhas em favor da canonicidade deste livro de João. Os ditos fragmentos de Papias são de grande importância.

7. *Irineu* cita na sua polêmica contra os gnósticos em sua obra "Adversus Haereses" um certo "Presbítero", discípulo dos apóstolos (não sabemos se trata de Clemente de Roma, ou de Papias, ou de Policarpo), que teria mostrado que os dois testamentos têm sua origem no mesmo e único Deus e que "carece de autoridade o discurso daqueles que afirmam que nosso mundo teria sido criado pelos anjos ou por um outro poder (o poder do acaso?!) ou por um outro Deus (demiurgo?)" (IV 32, fragm. IV).

8. Na "*Homília do século II*" ou a "*Segunda carta de Clemente aos Coríntios*" temos, na verdade, o primeiro sermão congregacional da igreja primitiva, destinado a ser lido no culto após as leituras bíblicas, e que foi incorretamente atribuído à pena de Clemente de Roma. Esta homília, de autor anônimo, parece ter vindo da pena de um cristão de origem gentílica.

A "secunda Clementis" cita alguns apócrifos do Novo Testamento. Mas as Escrituras figuram como autoridade incontestável. Como sinônimo de "Escritura" temos as expressões "O Senhor diz no Evangelho" (VIII,5),

tratando-se, neste parágrafo, de uma citação livre de Lucas 16.10, ou simplesmente "o Senhor diz" como em IX,11, onde se trata de uma citação de Jesus achada nos sinóticos, Mateus 12,50 etc., ou em XIII,2 onde cita Isaías 52.5.

"Escritura" significa para o autor de "secunda clementis" "os livros", ou seja, o Antigo Testamento, herança legítima da antiga aliança à cristandade, mas também "os' apóstolos", ou seja, os Evangelhos e o Novo Testamento. Assim diz o autor em XIV. 2, argumentando ser a igreja viva o corpo de Cristo: "pois a Escritura diz : Deus fez o homem, macho e fêmea (Efésios 1, 22-23; Gênesis 1, 27). O homem é Cristo, a mulher é a Igreja. Até mesmo os livros dos profetas e os apóstolos declaram que a igreja não é de agora, mas de antes". O autor utiliza igualmente o binômio "os livros" e "a outra Escritura", significando esta última o Novo Testamento (II, 4). Mas mesmo com a devida distinção, os dois Testamentos são considerados como autoridade equivalente (conferir eventualmente opinião divergente sobre o assunto, de André Benoit, da Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo em: "Die Überlieferung des Evangeliums in den ersten Jahrhunderten", in: "Evangelium und Geschichte, Band IV" (*'Evangelium als Geschichte'*), Vajta, Vilmos, ed. Goettingen Vandenhoeck & Ruprecht, 1974).

9. Finalmente, a *carta a Diogneto*, de autor anônimo, datada de fim do século II, é uma apologia supostamente endereçada a um filósofo estóico que desejava conhecer melhor a religião cristã. Se bem que este (precioso) documento não contenha citações diretas da Bíblia, as referências indiretas tanto ao Antigo quanto ao Novo Testamento são numerosas. No epílogo transparece claramente a argumentação deste discípulo anônimo dos apóstolos, fundamentando-se sobre a palavra de Deus quando discorre sobre a verdadeira "gnose" (ciência) e a verdadeira vida: "pois as Escrituras afirmam claramente que Deus, no princípio, plantou a árvore do conhecimento e a árvore da vida..." ou, literalmente: "pois as Escrituras não são duvidosas..." (XII, 3)

Ou seja, o *que está escrito, está escrito*: nossos primeiros pais perderam a ciência e a vida, quando se deixaram seduzir pela serpente. A verdadeira ciência (conhecimento) e a verdadeira vida nos são devolvidas pelo Verbo, Jesus Cristo. E é nele, o qual nos é trazido pelos "profetas", "os Evangelhos" e a "tradição dos apóstolos" (tanto escrita como oral) que o autor termina sua carta. Citamos o versículo 6 da conclusão (parágrafo XI) que resume, de certa maneira, a visão que os pais tinham da Escritura: ou seja, que elas possuem uma autoridade intrínseca, pois têm como alvo

e como elo Jesus Cristo: "então se canta o temor da lei, é reconhecida a *graça dos profetas*, estabelece-se a fé dos *evangelhos*, guarda-se a *tradição dos apóstolos*, e a graça da Igreja exulta!".

Lutero e Erasmo: o Contato e a Divergência

Clóvis J. Prunzel

Introdução

O problema todo de existência humana está centrado no seu valor, na sua cosmovisão, na sua ideologia, na sua condição. O estudo antropológico busca estas respostas. Mas, como a teologia tem se posicionado a respeito do que é o homem? O existencialismo teológico praticado hodiernamente dá ao homem um valor natural que não coaduna com o pensamento escriturístico. A grande parte da teologia praticada neste século, e porque não dizer pelos séculos anteriores, está centrada no homem, que tudo pode, sem considerar sua condição natural; são os argumentos filosóficos permeando a palavra de Deus, transformando-a numa argumentação meramente racional e não como palavra que se crê.

Para melhor confrontar esta realidade teológica, analisa-se, neste artigo, numa perspectiva histórico-sistemática, o pensamento de Lutero e Erasmo, limitando-o aos seus pontos de contato e divergências: o contato via correspondência e a divergência teológica, proposta nas obras *De Libero Arbitrio* de Erasmo e *De Servo Arbitrio* de Lutero. Ambos, Lutero e Erasmo, inseridos num contexto social e ideológico que requeria a condição humana: Erasmo, baseado numa "filosofia cristã" chega à conclusão de que o homem possui uma potencialidade positiva em relação ao divino (o livre arbítrio); já Lutero, baseando-se no *sola fidei*, *sola Scriptura* e *sola gratia*, conclui que a potencialidade humana nada pode perante o poder de Deus (o servo arbítrio), retomando a teologia escriturística como base para a ética cristã.

Rev. Clóvis Prunzel é pastor em São José dos Pinhais, PR, e faz mestrado em Teologia no Seminário Concórdia.

1.0 Contato

Lutero começou a conhecer Erasmo quando teve em mãos o *Novo Testamento Grego*, publicado em 1516, talvez a maior publicação da segunda década do século XVI. Lendo os comentários de Erasmo feitos no texto, principalmente os de Romanos, Lutero escreve numa carta que Erasmo "não entende o suficiente de Cristo e da graça de Deus".¹ Depois, noutra carta, Lutero condena a exegese bíblica de Erasmo, determinando-a de jerônimo-agostiniana.² Erasmo conheceu Lutero através de uma carta escrita por Espalatino, em 1516. Espalatino mencionou a Erasmo que um monge local havia questionado a interpretação do quinto capítulo de Romanos, sugerindo que este lesse Agostinho cuidadosamente nesta questão.³

Após Lutero ter publicado suas 95 *teses*, Erasmo ficou conhecendo mais a Lutero, ficando impressionado com suas propostas reformadoras, enviando saudações a Lutero em janeiro de 1518 e, em março do mesmo ano, escreveu para Thomas Morus a respeito do que estava acontecendo na Alemanha referente às indulgências. Erasmo também se posicionou numa carta a Capito, sendo que este escreve a Lutero a 3 de setembro de 1518: "A opinião que Erasmo tem de você, isto é, admira-o em sua disputa nas indulgências".⁵

Realmente, nas palavras de Erasmo, "Lutero tem dito muitas coisas muito bem... eu não entendo como Eck possui força contra Lutero".⁶ Espalatino louvou a atitude de Erasmo em favor de Lutero a Cajetano, em Augsburg.⁷

¹ Luther an Joh. Lang in Erfurt, Wittenberg, 1 maerz 1517. WA Br I, xxv, 89.

² Luther an Spalatin, Wittenberg, 18januar 1518. WA Br. Ivii 132 a 133, 10s.

³ REYNOLDS. *Was Erasmus Responsible for Luther? A Study of the Relationship of the two reformers and their clash over the question of the will.* p. 20.

⁴ DALLMANN. *Erasmus on Luther.* p 661.

⁵ Wolfgang Fabricius Capito an Luther, Basel, 4 September 1518. WA Br I, xci, 197.

⁶ Erasmo para o reitor John Lang de Erfurt, a 17 de outubro de 1518 apud DALLMANN. *Erasmus on Luther*, p. 662.

⁷ Apud DALLMANN, *ibid*, p.662.

A primeira carta escrita por Lutero a Erasmo, incentivada por Capito teria o objetivo de convidar Erasmo a participar da causa reformadora. Erasmo respondeu, em maio do mesmo ano, descrevendo a aceitabilidade das idéias de Lutero na Inglaterra e de um bispo da Antuérpia, que o amava muito.⁹ Em carta ao Eleitor Frederico de 14 de abril de 1519, pede a este que proteja a Lutero.¹⁰ Quando ouviu que Lutero falou contra o papa e os concílios, em Leipzig, pensou que Lutero iria perecer.¹¹ E escreveu ao papa Leão X, em agosto de 1519, para que este fosse muito calmo com o caso Lutero. Erasmo estava preocupado com Lutero.¹² Enquanto isto, esta preocupação de Erasmo por Lutero estava escandalizando o clero, sendo que muitos bispos e até o papa estavam escandalizados com suas atitudes. Os livros de Lutero já estavam sendo queimados na Inglaterra, sendo que rei Henrique VII chamou a atenção de Erasmo por causa de seu apoio a Lutero.¹³ Erasmo alertou a Lutero de sua situação em uma carta de agosto de 1520.¹⁴ A situação começou a mudar quando o papa Leão X convocou Erasmo a escrever contra Lutero, isto em 20 janeiro de 1521, depois que Lutero havia sido excomungado pela Bula *Decet pontificem Romanum*, de 3 de janeiro.¹⁵

Lutero continuou a posicionar-se contra os escritos de Erasmo. Em 29 de junho de 1521, escreve para Rhenamus que *Enchiridion milita Christiani* imita muito mais a Platão do que a Cristo.¹⁶ Enquanto que Erasmo dizia que "não estava qualificado para escrever contra Lutero" e que "é fácil de dizer 'escrever contra Lutero'; mas para isto é necessário, como diz Hesídio, tanto que dê para encher uma carroça."¹⁸ Em março de 1522, Erasmo solicitou que Lutero não mais publicasse suas obras *Do Cativo*

⁸ Luther an Erasmus. Wittenberg, 28 maerz 1519. WA Br Clxiii, 361.

⁹ Erasmus an Luther, Loeven, 30 mai 1519. WA Br clxxxiii, 410.

¹⁰ Apud DALLMANN, op. cit., p. 663.

¹¹ Id. Ibid., p. 663.

¹² p. 663, 664.

¹³ Apud DALLMANN, op. cit., p.666. 667.

¹⁴ Erasmus an Luther. Loeven, 1 august 1520. WA Br II cccxxi, 155.

¹⁵ Apud DALLMANN, op. cit., p.667.

¹⁶ Id. Ibid., p.669.

¹⁷ Carta de 13 de agosto de 1521 a Peter Barbirus apud DALLMANN, p. 670.

¹⁸ Carta de 23 de setembro de 1521 a Paul Bombasius, id. ibid., p. 670.

*Babilônico da Igreja*¹⁹ e sua *Assertio omnium articulorum Mi. Lutheri per bullam Leonis X, novissimam damnatorum*²⁰ No mesmo ano, acusa os luteranos de o chamarem de "pelagiano".²¹ Também, testemunhou que "aqui em Basel nós temos 100.000 homens que detestam Roma e são amigos dos luteranos".²² Convidado pelo Rei Henrique VIII a atacar Lutero, escreve a Moselanus, em 8 de agosto de 1522: "Todos querem que deva atacar Lutero. Eu não aprovo a causa de Lutero mas tenho razões próprias para resolver o impasse".²³ Também a Jorge da Saxônia escreve alertando da situação de Lutero.²⁴ E no de início de 1523, recebe novamente o convite do papa para escrever contra Lutero e, a partir daí, Erasmo toma a decisão de se pronunciar a respeito do problema diretamente. Lutero escreveu numa carta a Oekolampad, em junho de 1532: "Observo os golpes que Erasmo me atira, daqui, dali, embora reconhecendo que não se *trata* de inimigo declarado; minha intenção também é fazer como se não percebesse seus coices ardilosos; mas, eu o compreendo mais profundamente do que ele pensa".²⁵ Lutero percebendo que a situação agravava-se sempre mais e que o *articuleis stantis et cadentis ecclesiae* era atacado veementemente por Erasmo, escreve a ele solicitando que não publique obras contra o ideal reformador. A carta foi a última escrita por Lutero a Erasmo.²⁶ A resposta de Erasmo foi contrária às expectativas luteranas e a situação agravou-se mais²⁷ e, numa carta a Zwínglio, atacou Lutero afirmando que este havia errado a respeito do livre arbítrio e no ensino da justificação só pela fé.²⁸ E a obra de Erasmo contra Lutero surgiu em setembro, com o título de *Diatribe seu collatio de libero arbítrio*, atacando os pontos principais da doutrina luterana. Esta obra, segundo Schumann

¹⁹ Publicado a 6 de outubro de 1520. WA VI, 497-573.

²⁰ Publicado a 1 de dezembro de 1520. WA VII, 94-151.

²¹ Apud DALLMANN, *òp. cit.*, p. 671.

²² Apud DALLMANN, *op. cit.*, p. 671.

²³ *Ib. Ibid.*, p. 671.

²⁴ Carta de 3 de setembro de 1522 apud DALLMANN, *ibid.*, p. 671.

²⁵ Luther and John Oekolampad in Basel, Wittenberg, 18 de abril 1524. WA Br III, dccxxix.

²⁶ FUNCK-BRENTANO, *Lutero*, p.158-160 traduz a carta.

²⁷ Erasmus and Luther, Basel, 8 mai 1524. WA Br III, dccxl, 284.

²⁸ Escrita em 31 de agosto de 1524 apud DALLMANN, *op. cit.*, p. 736.

"representa o 'divisor de águas' entre humanismo e Reforma do século XVI".²⁹

Lutero logo em novembro escreve a Espalatio: "*Incredibile est, quam fastidium libellum de libero arbitrio; necdum ultra ii quaterniones eius legi; molestum est, tam inerudito libro respondere tam eruditi viri*".³⁰

No ano da publicação do livro de Erasmo, a preocupação de Lutero estava centrada na sua posição contra os *fanatici* e a situação difícil da guerra dos camponeses. Por isso, Lutero voltou-se à causa com Erasmo só um ano após a publicação da obra erasmiana. E, em dezembro de 1525, Lutero enviou ao prelo a sua resposta a Erasmo: *De Servo Arbitrio*.³¹ E como Lutero mesmo disse: é desagradável "responder a um livro tão inculto de um homem tão culto".³² A resposta de Erasmo veio um ano depois, com o escrito *Hyperaspistes*, contra Lutero, reafirmando sua posição anterior. E a última carta direta de Erasmo a Lutero é datada de 11 de abril de 1526, na qual reclamava da agressividade de Lutero frente a seus escritos.³³

²⁹SCHUMANN. *Erasmus e Lutero: a vontade é livre?* p. 1090. O autor comenta o ideal de Erasmo com a sua obra: "E por que esse tema, para que o confronto? Antes de mais nada, é óbvio que Erasmo não poderia abordar sobre assuntos nos quais ambos estivessem razoavelmente de acordo (como é o caso, por exemplo, das críticas ao papado, ao sistema escolástico, ao jejum obrigatório, etc.). Sua escolha recaiu no tema que lhe parecia fundamental, em Lutero. E, nesse assunto, sua opinião era diametralmente oposta. Conhecedor da patrística, formado pela piedade típica da Devotio Moderna adepto de racionalismo otimista, Erasmo só poderia optar pelo meio-termo, pela síntese sinergista, pela harmonização. Em outras palavras: no pensamento erasmiano, a situação criada pelo pecado humano torna necessária, sim, a história salvífica –mas não torna impossível uma história positiva da cultura. Erasmo é o humanista conciliador, o pensador tranqüilo, o irônico espectador da incurável estupidez dos homens e das nações, o apertadário (já porque nenhuma corrente possui toda a verdade), aquele que se afasta dos tumultos".

³⁰ Lutheran Spalatin, Wittenberg, 1 november 1524. WA Br III, dcclxxxix, 367.

³¹ Wa XVIII, 600-787. SCHUMANN. *Erasmus e Lutero: a vontade é livre?* p. 1090 argumenta: "Lutero responde qual profeta: impiedoso, sem considerar as conseqüências, com arbatamento. Sucedem-se as formulações paradoxais, culminando com alternativas que exigem opção. Sua teologia é irracional, teocêntrica, escatológica. Independente dos ataques pessoais, as posições de ambos favorecem à ruptura, a partir das próprias premissas. Posteriormente, essa ruptura provocaria outras: enquanto alguns humanistas apoiavam Lutero, outros se solidarizariam com Erasmo".

³² Luther an Spalatin, Wittenberg, 1 november 1524. WA Br III, dcclxxxix, 367-369, 30,31.

³³ Erasmus an Luther, Basel 11 abril 1526. WA Br IV, cmxcii, 46.

2. A Divergência

A discussão que separou Lutero de Erasmo está centrada na interpretação bíblica da natureza do homem em termos de sua capacidade em relação a Deus, ³⁴ sendo que a concepção teológica de *liberum arbitrium* distanciou-os completamente.

O termo *libero arbitrium* foi sempre usado na discussão antropológica, desde os filósofos antigos até os mais modernos pensadores. Com a utilização da filosofia na argumentação teológica, o conceito incorporou-se à concepção teológica do homem. Pelágio foi o maior propulsor desta doutrina na igreja, sendo combatido por Agostinho, que negou que o homem possuía a liberdade de escolher o bem; o homem só pode pecar, *necessitas peccandi*, transformando a expressão *posso non peccare* de Pelágio em *non posso non peccare*.³⁵

Com a escolástica o pelagianismo tornou-se enfatizado e influenciou toda a teologia, contrariando a concepção bíblica do homem e negando completamente o *sola gratia*.

Erasmo, ao escrever contra Lutero, confessou que a salvação ocorre através do *sola fide* em Cristo, mas acreditava que havia vários caminhos para se chegar aos ensinamentos de Cristo: a piedade, o poder natural do homem (o livre arbítrio) e, também, através dos clássicos do passado.³⁶ E é aqui que ocorre o maior distanciamento entre a concepção teológico-bíblica de Erasmo e Lutero. Percebe-se, então, que a forte influência humanista de Erasmo, com suas noções filosóficas, determinaram sua concepção teológica, a "filosofia cristã".³⁷ e, a fim de manter relações e

³⁴ KLANN, R. *Human Claims to Freedom and God's Judgment*, p. 243. FERKENSTAD, C. *Luther's Reply to the humanist: The Bondage of the Will*, p. 1.

³⁵ HAGGLUND, B. *História da Teologia*, p. 114. Lutero posicionou-se a favor de Agostinho já nas *leituras sobre Romanos*, em 1515-1516: "The power of free decision in so far as it is not under the sway of grace has no ability whatever to realize righteousness, but is necessarily in sins. Hence, Blessed Augustine is right, when, in his book against Julian (Contra Julianum II, 8, 23), he calls it 'the enslaved rather than free will'. But when it has received grace, the power of decision really becomes free, at all events in respect to salvation. To be sure, it is always free according to its nature, but only with respect to that which is in its power and is inferior to it, but not with respect to that which is superior to it, since it is here captive in sins and cannot choose the good according to God". Apud KLANN, R. op. cit., p. 243.

³⁶ FERKENSTAD, C. op. cit., p. 9.

³⁷ KLANN, R. op. cit., p. 244-246.

proteção de seus amigos, elabora a *diatribe* ³⁸ contra as idéias "revolucionárias" da teologia luterana.³⁹

O escrito de Erasmo é dividido em três partes:

1 - a posição de Erasmo contra Lutero, que possuía uma argumentação extremada e excêntrica;

2 - a própria posição de Erasmo caracterizada como racional, tolerante, reconciliadora e humilde;

3 - a posição de Erasmo a respeito do livre arbítrio.⁴⁰

E é na terceira parte que o distanciamento é melhor caracterizado.

Erasmo começa argumentando que seu propósito é de simplesmente analisar e não julgar, de inquirir e não dogmatizar⁴¹ e, a partir daí, determinar a condição humana frente à salvação, à vida eterna: tomar uma posição a respeito da discussão entre Carlstad e Eck ocorrida em Leipzig, em junho de 1519, a respeito das Teses publicadas por Lutero em 1517.⁴²

Como Lutero já havia se posicionado a respeito da condição antropológica dependente da *gratia Dei*,⁴³ Erasmo argumenta a favor do livre arbítrio, como essência da natureza humana.⁴⁴

³⁸ O equivalente latino é *Collatio*, que é caracterizado por um escrito ou discurso violento e injurioso. Na Universidade de Paris, durante a Idade Média, era usado pelo candidato ao doutorado em teologia, que discursava sobre as Sentenças de Pedro Lombardo.

³⁹ PACKER, J. *Luther against Erasmus*, p. 207.

⁴⁰ Esta divisão está em PACKER, j. *ibid.*, p. 209-211.

⁴¹ Apud REYNOLDS, R. *op. cit.*, p. 24.

⁴² ERASMUS. *De Libero Arbítrio*, p. 35. Lutero comentou a respeito dos argumentos de Eck (cf. *Resolutiones Lutheriane super propositionibus suis Lipsiae disputatis*. WA II, 391-435 a tradução: *Comentários de Lutero sobre suas Teses Debatidas em Leipzig*, OS 1, 333-384 e, principalmente na Tese 7, contrariou o posicionamento de Eck sobre o livre arbítrio, afirmando que: 1. a condição de liberdade do homem está condicionada à escravidão na graça de Deus; 2. que o homem não pode ser justificado pelas obras e que ela ocorre somente pela fé; 3. que é escriturístico a respeito do arbítrio humano. OS 2, 371-374. E é baseado na argumentação de Lutero que Erasmo elabora a sua *diatribe*.

⁴³ O programa da *theologia crucis* de Lutero é caracterizado já em 1517, nos seus escritos. Sobre o conceito de liberdade do arbítrio humano já havia se posicionado: "Está errado que o desejo é livre para optar por qualquer uma das duas alternativas opostas; pelo contrário: ele não é livre, e sim cativo". (*Debate sobre a Teologia Escolástica*. OS 1, p. 15, 5. cf. *Disputatio contra scholasticam theologiam*. WA I, 224-8). Mais: "13. Após a queda, o livre arbítrio é um mero título; enquanto faz o que está em si, peca mortalmente. 14. Após a queda, o livre arbítrio tem uma potência apenas subjetiva para o bem; para o mal, porém, sua potência é sempre ativa. 15. O livre arbítrio tampouco pode permanecer no estado de inocência pela potência ativa, mas sim subjetiva; menos ainda pôde progredir em direção ao bem". (*Debate de Heidelberg*, OS 1, 38 cf. *Disputatio Heidelberg habita*. WA I, 353-65). Este conceito pelagiano

é negado por Lutero, mas servirá fundamentalmente para Erasmo.

⁴⁴ WATSON, P. *Erasmus, Luther and Aquinas*, p. 748.

A definição do *liberum arbitrio* é aplicada como *vim humanae voluntatis, que se possit homo applicare ad ea quae perducunt ad aeternam salutem, aut ab iisdem avertere*.⁴⁵ Logicamente, Erasmo considera o homem caído em pecado, mas não totalmente corrompido. Insiste que o "livre arbítrio humano é apenas obscurecido pelo pecado, mas não é totalmente extinto".⁴⁶ E isto ele comprova argumentado que assim falaram os pais da igreja, afirmando que há certas virtudes implantadas na mente humana e que não perdeu completamente sua condição de integridade perante Deus.⁴⁷ Este *status integritatis* está em relação às condições naturais do homem, como a razão e o livre arbítrio, complementado com uma graça sobrenatural, que o faz obedecer a Deus,⁴⁸ isto antes da queda. Mesmo com a queda em pecado, na qual ocorre uma deformação da graça sobrenatural no homem, o homem caído em pecado ainda possui uma capacidade para conhecer e obedecer a Deus.⁴⁹ Com isso, percebe-se que Erasmo nunca entendeu as reais consequências do pecado no homem.⁵⁰ O conceito filosófico do *logos spermaticos*⁵¹ da teologia patrística e escolástica é evidenciado.

Então, como acontece a salvação no homem, segundo Erasmo? Basicamente com a concepção humanística de salvação, tem-se um processo salvífico.⁵² Com base na teologia nominalista, Erasmo argumenta que o homem é salvo segundo a *potentia absoluta Dei*, que se torna *potentia ordinata Dei*⁵³ no homem, tornando o homem positivo pela *gratia infusa*.

⁴⁵ERASMUS. *De Libero Arbitrio*, p. 47. "By free choice in this place we mean a power of the human will by which a man can apply himself to the things which lead to eternal salvation or turn away from them".

⁴⁶ Apud REYNOLDS, T. op. cit., p. 25.

⁴⁷ Id. Ibid., p. 25.

⁴⁸WATSON, op. cit.,p. 749.

⁴⁹ Id. Ibid., p. 749.

⁵⁰ SASSE, H. *Erasmus, Luther and Modern Christendon*, apud REYNOLDS, T. op. cit., p. 25.

⁵¹ A doutrina do *logos spermaticos* afirmava que Deus tem depositado o germen de sua palavra em todos os corações dos homens, principalmente dos mais destacados.

⁵² TRINKAUS, C. *Erasmus, Augustine and the Nominalist*, p.16.

⁵³ Id. Ibid., p. 16-17. Lutero também argumenta em favor da força absoluta de Deus na salvação do homem, mas não natural e sim em Cristo e não como quer Erasmo. Para Lutero, a vontade humana é sempre oposta a Deus, é uma perversa vontade (De Servo Arbitrio. WA XVIII, 712, 33).

O processo da salvação do homem, devido ao pecado, é uma colaboração conjunta entre Deus e o homem.⁵⁴ Este processo mescla a graça divina com o esforço humano. Mesmo não usando a terminologia tomista, Erasmo distingue entre *meritum de condigno* e *meritum de congruo*.⁵⁵

M. Phillips descreve o processo salvífico de Erasmo nos seguintes termos:

Just as the general is said to win the battle, but the soldiers are not unimportant, or the architect is said to build the house, but the bricklayers have done their part, so in all good actions the inspiration and completion are of God, but man cooperates by opening his mind to God's grace.⁵⁶

Percebe-se que, na posição erasmiana, a cooperação humana acompanha a graça de Deus, nunca mencionando-a como o primeiro passo no processo justificador. "Yet... in consenting, grace and human will act together, but in such a way that grace is the principal cause, and the secondary cause our will".⁵⁷ Fica, então, caracterizado o seu sinergismo pelagiano.⁵⁸

A graça não é única. Descreve-a de várias formas:

There is a natural grace; there is a stimulating grace; there is the grace that makes the will effective, which we called cooperating, which allows us to perform that which we have undertaken to do; there is a grace that carries things to a conclusion. These three they think to be one, although they are called by different names according to what effect within us. The first arouses, the second promotes, the third completes.⁵⁹

⁵⁴ WATSON, op. cit., p. 750.

⁵⁵ Apud REYNOLDS, op. cit., p. 25. A teologia escolástica desenvolveu uma bem complexa ordo salutis pormenorizada, que sempre foi semipelagiana. Falavam de uma gratia increata e gratia creata, sendo que esta última correspondia à graça infusa - aquilo que Deus dá ao homem gratuitamente, sem compreender o mérito. Por isso, o evangelho assumiu o caráter de nova lex, que ordena e confere o poder necessário para se cumprir os mandamentos, que vem através dos sacramentos. Quanto ao facere quod in se est (o que o homem deve fazer por própria força) era respondido com o meritum de congruo, a recompensa de Deus pela boa obra, embora não fossem meritórias, e pelo meritum de condigno, que é fruto das qualidades divinas, méritos genuínos. Tomás de Aquino muito enfatizou que o homem é incapaz de preparar-se para receber a graça, por suas próprias forças, por isso o facere quod in se est deve acabar para dar lugar à obra sobrenatural, que só pode ser alcançada em virtude da graça infusa.

⁵⁶ PHILLIPS, M. *Erasmus and the Northern Renaissance*, p. 186 apud REYNOLDS, T. op. cit., p. 25.

⁵⁷ ERASMUS. *De Libero Arbitrio*, p. 80.

⁵⁸ WATSON, op. cit., p. 750.

⁵⁹ ERASMUS, op. cit., p. 53.

E conclui seu pensamento afirmando que "no one perishes except through his own fault".⁶⁰

Portanto, a volta ao pelagianismo é bem caracterizada no semipelagianismo de Erasmo, sendo que ele próprio argumenta a favor de Pelágio,⁶¹ determinando a salvação do homem como resultado dos próprios méritos humanos: "If man does nothing, there is no room for merits; when there is no room for merits, there is no room for punishments or rewards..."⁶² A isto acrescenta: "If man does ali, there is no room for grace".⁶³

O problema de Erasmo estava em relacionar a vontade humana com a graça de Deus.⁶⁴ Ou como sugere Bainton, o problema todo de Erasmo estava na idéia de predestinação, que é consequência natural da salvação *sola gratia*, sendo que no pensamento de Erasmo deveria ser consequência da decisão do homem,⁶⁵ tornando a doutrina da predestinação um monstro para a mente de Erasmo.

A confusão na mente de Erasmo era bem caracterizada quando examinava passagens bíblicas, querendo aplicar a elas a vontade do homem. Um exemplo clarifica esta confusão, quando escreve a respeito do filho pródigo:

What signifies the son speaking to himself, planning to confess and return to home? It signifies the will of man turning towards grace, which has stimulated him...
What signifies the father who hastens to meet his son? He signifies the grace of God which furthers our will so that we can accomplish that which we wish.
We oppose those who conclude like this: 'Man is unable to do anything unless God's grace helps him. Therefore there are no good works of man'. We propose the rather more acceptable conclusion: Man is able to accomplish all things, if God's grace aids him. Therefore it is possible that all works of men be good.⁶⁶

⁶⁰ Ib. Ibid., p. 53.

⁶¹ p. 53-54.

⁶² p. 73.

⁶³ p. 73.

⁶⁴ REYNOLDS, T. op. cit., p. 27.

⁶⁵ BAINTON. *Erasmus of Christendon*, p. 189. O autor também caracteriza que enquanto Lutero dizia "Let God be God", Erasmo afirmava "Let God be good", p. 190.

⁶⁶ Apud REYNOLDS, op. cit., p. 27.

A resposta de Lutero veio contra toda esta *theologia gloriae*, um ano após Erasmo ter publicado o seu discurso. E o distanciamento entre os dois tomou-se bem acentuado, pois Lutero no *De Servo Arbitrio*⁶⁷ condenou a teologia especulativa do humanismo de Erasmo.⁶⁸ Para Lutero é uma questão de fé, de confissão pessoal da verdadeira fé, confessada no credo cristão, que afirma que Deus é criador e mantenedor, que somos servos de Cristo e que a fé, manifestada em cada cristão, não pode existir sem a ação do Espírito Santo em favor de Cristo. Lutero diz: "Não especulei, mas defendi e afirmei neste meu pequeno livro".⁶⁹

Lutero, conscientemente, percebeu a intenção de Erasmo, que não era puramente de defender a "velha" forma de se fazer teologia. Diz Lutero: "De todos os meus adversários, tu és o único que atacou o problema mesmo, isto é, o ponto cardinal de minha doutrina. E por discernir o ponto cardinal de tudo que está atualmente em controvérsia, agradeço profundamente".⁷⁰

As passagens destacadas da obra luterana podem ser resumidas a cinco:

1. O verdadeiro cumprimento da lei em Cristo (WA XVIII, 691, 20-39);
2. Somos colaboradores de Deus (WA XVIII, 754,1-17);
3. Somos salvos por Deus através de Cristo (WA XVIII, 781, 29 - 782, 11);

⁶⁷WA XVIII, 551-787.

⁶⁸ WA XVIII, 613, 24 Lutero diz: Atque huc ducit nos tua illa moderata Scetica Theologia. Lutero, desde 1517, já havia condenado esta teologia especulativa. No escrito *Rationes Latomianae confutatio* (WA VIII, 36-128). Lutero atacou indiretamente a Erasmo quando escreveu contra os argumentos de Latomus, que defendeu as boas obras, o livre arbítrio, o sacramento da penitência, a idolatria universal e outros problemas. O ataque a estes humanistas não era outra coisa senão o ataque a todo o sistema teológico praticado na época e isto é bem caracterizado no escrito *De Servo Arbitrio*.

⁶⁹ WA XVIII, 787,12. A obra tem sido tratada como apologética por muitos estudiosos. Mas, percebe-se a intenção de Lutero de deixar Erasmo em sérias dificuldades para entender o que havia escrito. Portanto, a confissão de Lutero pode ser vista como discurso polêmico, sendo que busca apoio na própria obra erasmiana e mostra-lhe, com base escriturística, o quanto o pensamento não é cristão, mas apenas especulativo. Ao ler-se a obra luterana, nota-se que ela não reflete uma simples disputa acadêmica entre dois expoentes pensadores; mas, trata-se de uma batalha pela vida e bem-aventurança eterna. Estão em jogo os grandes temas da teologia: lei e evangelho, pecado e redenção. E é por isso que Lutero responde humildemente a Erasmo.

⁷⁰ WA XVIII, 786, 30.

4. Os dois reinos e a vida neles (WA XVIII, 782, 21 - 783, 2);

5. A confissão pessoal de Lutero, afirmando que não há liberdade, mas a escravidão total (W/. XVIII 783,13-39).⁷¹

Enquanto Erasmo está fundamentado nos pais da igreja, principalmente Jerônimo e Pelágio, na razão filosófica especulativa, evidenciando o Deus abscondido, Lutero põe em evidência o Deus que se revela na cruz de Cristo, através de afirmações categóricas e não céticas, pois o Espírito de Deus não colocou coisas e opiniões duvidosas em nossos corações, mas convincentes e certas.⁷²

A falta de uma religião absoluta na proposta erasmiana⁷³ é identificada com um pressuposto não escriturístico mas tradicional na determinação do que se crê. Lutero, então, chama a atenção de Erasmo: "Como haverias tu de escrever algo de bom e correto a respeito do livre arbítrio, se em tuas palavras revelas ignorância das Escrituras e da piedade?"⁷⁴ Para Lutero, as Escrituras são completamente claras e não obscuras e que não estão presas aos homens, como afirma Erasmo.⁷⁵ Erasmo muito enfatiza a concordância lógica e sistemática das Escrituras, enquanto que Lutero contrasta a clareza escriturística com o ser e o agir do Deus inacessível e oculto.⁷⁶ Frente à obscuridade do *Deus ipse*, as Escrituras oferecem ao homem o *summum mysterium proditum*, em Cristo.⁷⁷ E na *claritas scripturae*, em Cristo, está toda a base doutrinária para qualquer discussão teológica.⁷⁸ Portanto, diz: "Ao entrar na discussão, prometo recorrer às Escrituras canônicas, já que Lutero não se rende perante a autoridade de nenhum outro escritor, a não ser às Escrituras".⁷⁹ Pois as Escrituras servem juiz para *spirítus in facie Ecclesiae esse probandos*,⁸⁰ sendo elas

⁷¹ Este destaque é dado num comentário feito pelos editores da obra castelhana de LUTERO. *La Voluntad Determinada*, p. 292.

⁷² WA XVIII, 605, 25.

⁷³ FERKENSTAD, C. *Luther's Reply to the Humanistics: The Bondage of the Will*, p. 10-12.

⁷⁴ WA XVIII, 610, 21. Qui tu de libero arbitrio boni aut recti scriberis, qui tantam ignorantiam scripturae et pietatis hic verbis tuis confiteris.

⁷⁵ WA XVIII, 629, 23.

⁷⁶ WA XVIII, 607, 18-25.

⁷⁷ WAXVIII, 608, 5-7.

⁷⁸ WAXVIII, 609, 4-14.

⁷⁹ WA XVIII, 639, 13-14. Ingressurus igitur disputationem, Promittis acturum te scripturis Canonicis, quandoquidem Lutherus nullius praeterea scriptoris autoritate tenetur.

⁸⁰ WA XVIII, 653, 28. "Para julgar os espíritos (dogmas) que aparecem na igreja".

sanctas esse lucem spiritualem. ⁸¹

Para Lutero, há distinção clara entre o Deus revelado e Deus em sua essência, distinção esta que não estava clara na teologia erasmiana, mesmo que falasse muito em Deus. ⁸² Erasmo não entendeu este duplo Deus, o Deus da ira e o Deus do amor. ⁸³ O Deus abscondido é o *Deus ipse*, ⁸⁴ que faz muitas outras coisas que vão além da sua palavra ⁸⁵ sendo que entre ele e o homem não há negócios, ⁸⁶ que cria e mata, ⁸⁷ que se oculta e quer ser ignorado por nós, pois as coisas que dizem respeito a ele não são de nossa conta. ⁸⁸ Para aceitar as coisas que faz e quer esse Deus, é necessária a fé, porque é através da fé que recebemos o que parece que não existe; então, o Deus é a oportunidade para testar a fé e saber que se vive em e pela fé, ⁸⁹ pois a fé sempre é de coisas não aparentes e sim de ocultas. ⁹⁰

Deus revelado é aquele que faz *commercium* conosco, ⁹¹ aquele que não é mais nu, mas que se reveste na palavra, ⁹² sendo que o homem pode ver só as costas de Deus, ⁹³ através da fé, palavra e sacramento. ⁹⁴ E é no Deus revelado que o homem tem novamente acesso a Deus na sua essência; é no oferecimento de Cristo *sub contraria specie*.

⁸¹ WA XVIII, 653, 30. As Escrituras Sagradas são a luz espiritual. Lutero ai compara as Escrituras ao sol, afirmando que elas são mais claras que o próprio sol, pois elas são a máxima em todas as coisas que dizem respeito à salvação e o que o cristão deve saber necessariamente.

⁸² EBELING. *O pensamento de Lutero*, p. 194, 5.

⁸³ WA XVIII, 685,25-27. LOEWENICH, W. *A Teologia da Cruz de Lutero*, p. 27 fala a respeito da distinção entre o Deus abscondido em Lutero: 1. Lutero apela para a doutrina do Deus abscondido numa dificuldade exegética; 2. Lutero introduz a doutrina como algo conhecido.

⁸⁴ WA XVIII, 685, 26.

⁸⁵ WA XVIII, 685, 27.

⁸⁶ WA XVIII, 685, 15.

⁸⁷ WA XVIII, 685, 22.

⁸⁸ WA XVIII, 5-6.

⁸⁹ WA XVIII, 633, 21.

⁹⁰ WA XVIII, 633, 7.

⁹¹ WA XVIII, 685, 11-12.

⁹² WA XVIII, 685, 26.

⁹³ *Genesis-Vorlesung* (1525-1545), WA XLVII, 599, 29.

⁹⁴ Id. Ibid. WA XLIV. 110.23.

Lutero chama a atenção de Erasmo, que nem sequer menciona Cristo no seu escrito.⁹⁵ Nas palavras de Lutero, Erasmo classifica a redenção do homem como o que há de menor valor no homem, pois ela consiste na libertação dos impulsos ignóbeis que se armazenam com a degradação⁹⁶

Portanto, com o dogma do arbítrio livre do homem, o homem é convertido em Deus de deuses e Senhor dos senhores.⁹⁷

Lutero coloca Cristo como o centro de toda a existência.⁹⁸ E fora de Cristo está só Satanás, fora da graça só ira, fora da luz só trevas, fora do caminho reto nada mais do que erro, fora da verdade só mentira, fora da vida, a morte e nada mais.⁹⁹

Caracterizada a dependência total do homem à obra de Cristo, pode-se caracterizar a antropologia nesta controvérsia.

Para Erasmo, o homem é um ser necessário. O homem não possui uma dupla condição: o homem possui um espírito, que se resume a todas as faculdades superiores (alma, mente, juízo, razão) - é um ser divino, deificado. Mas, este homem é debilitado, coberto de impulsos baixos dos sentidos, do egoísmo e da ignorância. Há algo de neoplatônico e agostiniano nesta interpretação de Erasmo. Lutero diz que Erasmo pinta um homem que é capaz de fazer tudo que se ordena, ou que ao menos reconheça o que não pode fazer. Mas, argumenta Lutero: as Escrituras nos mostram um homem atado miserável, cativo, enfermo e morto, carregando suas próprias misérias.¹⁰⁰ A antropologia luterana é apresentada pela dicotomia total de que *totus homo caro e totus homo spiritus*. O homem, segundo sua natureza humana possui uma inclinação, intenção, postura para o mal (*impium affectum*)¹⁰¹ Perante Deus o homem é carne (*coram Deo vere sunt caro*)¹⁰² e todos os esforços e debilidades estão na mesma condição,¹⁰³ e só o Espírito de Deus pode produzir o novo homem, o *totus homo spiritus*.

⁹⁵ WA XVIII, 609 17-19.

⁹⁶ WAXVIII, 744 10.

⁹⁷ WAXVIII, 744 20.

⁹⁸ WA, XVIII 609 19; 639, ; 700, 18s; 614, .

⁹⁹ WA, XVIII 779 17-21.

¹⁰⁰ WA XVIII 679 20-26.

¹⁰¹ WA XVIII 743 16-17.

¹⁰² WAXVIII 761 32.

¹⁰³ WAXVIII 763 39 - 764, 12.

Portanto, a doutrina do *logos spermaticos* é negada com a incapacidade do homem de conhecer a Deus, a não ser em Cristo.¹⁰⁴ A vontade (*potentia*) e sempre de caráter passivo,¹⁰⁵ pois a vontade não sendo uma força absoluta ou autônoma, ela sempre toma corpo daquele a que pertence. A essência da vontade sempre é uma *perversa voluntate*¹⁰⁶ que faz o homem ser escravo do pecado, sendo que o arbítrio humano nada mais pode do que pecar.¹⁰⁷ Caracterizando a condição do homem, Lutero derruba o conceito de mérito proposto por Erasmo. Lutero fala em *seqüela* da obra do homem, uma conseqüência necessária para o cristão,¹⁰⁸ uma conseqüência de imutabilidade do homem na nova vida.¹⁰⁹ Esta conseqüência não deve ser como um prêmio ou uma recompensa do agir, pois os cristãos buscam somente à vontade e a glória de Deus.¹¹⁰ O significado de recompensa refere-se a tudo o que os homens fazem ou deixam de fazer na terra e terão perante Deus um resultado definitivo e permanente (*seqüela conseqüência*), por causa da graça de Deus e não do mérito humano.¹¹¹

Toda a controvérsia entre Lutero e Erasmo estava centrada na situação do homem perante a graça de Deus, sendo que Erasmo assumiu uma postura ético-antropológica, enquanto que Lutero posicionou-se cristologicamente. Lutero condenou a concepção erasmiana do arbítrio humano, pois vê no conceito nada mais do que a apoteose do homem e é desta apoteose que surge o ateísmo, a idolatria do homem. Lutero enfatiza que o próprio Deus dá o reconhecimento da falta do livre arbítrio no homem, quando envia o seu próprio filho como SENHOR do mundo,¹¹² considerando a discussão do livre arbítrio entre as coisas que são inúteis e desnecessárias, pois perante a graça de Deus o arbítrio humano não é operante, mas é cativo e servo do mal.¹¹³ A força do livre arbítrio é nada,

¹⁰⁴WA XVIII, 761, 22.

¹⁰⁵WA XVIII, 611, 10-15.

¹⁰⁶WA XVIII, 709, 15; 751, 39.

¹⁰⁷WA XVIII, 705, 20-23.

¹⁰⁸WA XVIII, 694, 9.

¹⁰⁹WA XVIII, 693, 31.

¹¹⁰WA XVIII, 694, 18.

¹¹¹WA XVIII, 693, 42.

¹¹²WA XVIII, 614, 17.

¹¹³WA XVIII, 636, 4-6.

se está ausente a graça misericordiosa de Deus, sendo um nome que compete somente e exclusivamente à majestade divina.¹¹⁴ O mais correto, então, seria falar de um arbítrio inconstante ou mutável,¹¹⁵ ou num arbítrio que serve ou ao pecado na condição natural,¹¹⁶ ou à vontade de Deus, quando está sob a misericórdia de Deus.¹¹⁷

Lutero dá um sentido positivo ao livre arbítrio quando argumenta em favor da liberdade no reino da esquerda. Para ele, deve-se ensinar que o homem tem liberdade não em coisas superiores a ele, mas inferiores; em coisas pertinentes à salvação não há liberdade, mas no que diz respeito aos bens e possessões, o homem tem o livre arbítrio.¹¹⁸

Toda a problemática erasmiana também está na distinção de lei e evangelho. E isto Lutero apontou.¹¹⁹ Erasmo argumenta que quando a lei se coloca ao homem como dever, pressupõe a este a capacidade de o fazer; da lei, então, surge o conceito de vontade de agir do livre arbítrio. Tem-se, então, um sentido adulterado do uso da lei pela filosofia humanística, que penetrou no cristianismo, dando um enfoque meramente ético à religião, desconsiderando os conceitos de fé, salvação e redenção.

Lutero distingue a lei do evangelho. Enquanto a lei faz o homem estar perante Deus com um coração contrito e humilhado, porque todo o sentido e toda a força da lei radica em dar conhecimento da situação pecadora do homem,¹²⁰ sendo que o evangelho sempre nos aponta a Cristo, na *von evangelii*.¹²¹ *Verba autem Dei dico tam legem quam Evangelion; lege exinguntur opera, Evangelio fides.*¹²²

Erasmo respondeu a esta obra de Lutero um ano depois, em 1526, com seu *Hyperaspistes*, o qual Lutero desconsiderou. A divergência, de forma direta, terminou por aqui.

¹¹⁴ WA XVIII, 636, 25-29.

¹¹⁵ WAXVIII, 662, 14.

¹¹⁶ WA XVII 1,670, 9.

¹¹⁷ WA XVIII, 662, 11.

¹¹⁸ WA XVIII, 638, 4-9.

¹¹⁹ WAXVIII, 680, 28.

¹²⁰ WA XVIII, 677, 10-12.

¹²¹ WA XVIII, 766, 30-31.

¹²² WA XVIII, 663, 14. "Como Palavra de Deus entendo tanto a lei como o evangelho; pois a lei exige obras e o evangelho fé".

Conclusão

A busca por respostas a respeito da condição humana pode ter vários caminhos. Lutero e Erasmo apresentam dois totalmente distantes: Lutero, centrado na *revelatio Dei*, determina o caminho do arbítrio humano escravo ou da vontade de Deus ou da vontade de Satanás; Erasmo, com a filosofia do *logos spermaticos*, distancia-se completamente da revelação divina, enfocando a liberdade humana como condição natural do ser humano. O presente artigo não conclui toda a pesquisa nesta área envolvendo os dois reformadores - pelo contrário, resumiu-se o que cada um afirmou, através de suas palavras. A apoteose do homem na reflexão erasmiana pode ser analisada em outras obras suas, onde se tem uma teologia bem mais sistematizada do que no *De Libero Arbítrio*. A pesquisa em Lutero sempre é um desafio para melhor compreender a condição humana perante o Criador e perante a criação. Por isso, buscar entendimento escriturístico baseado em Lutero é útil, porque assim as Escrituras tornam-se vivas nos corações e mentes humanos. A mensagem do *De Servo Arbítrio* deve ser conhecida e defendida com convicção e clareza perante as propostas de reflexão hodiernas, pois esta mensagem apresenta uma hermenêutica sadia para o entendimento da *theologia crucis*, contrariando os pressupostos da *theologia gloriae*. Não se pode nem se quer, agora, condenar tudo que Erasmo fez; pelo contrário, Erasmo, principalmente com sua formação humanística destacada, cooperou enormemente para a retomada do uso das línguas antigas, principalmente para os textos bíblicos, que era uma das grandes preocupações de Lutero. Mas, quando se quer pesquisar a teologia de Erasmo, pouco se aproveita, pois tem-se nele nada mais do que um bom católico romano, ensinando o que a igreja romana sempre ensinou, colocando o homem num pedestal, se não maior do que Deus, ao menos igual a Deus. Mesclar o pensamento secular com as propostas bíblicas degenera completamente a verdadeira revelação divina, o que Lutero categoricamente atacou.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

- ERASMO. *Obras Escogidas*. Madrid, Aguilar, 1956.
- ERASMO. *Selection from the Letters of Erasmus*. In HUIZINGA, Johan. *Erasmus of Christendom*. New York, Harper and Row, 1957.
- ERASMO de Roterdam. *Elogio da Loucura*. Paulo M. Oliveira, trad. e Antônio Olinto, int. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d.
- ERASMUS. *De Libero Arbítrio*. RUPP, G. and WATSON, P. (ed.) *Luther and*

- Erasmus: Free Will and Salvation. Philadelphia, the Westminster Press, 1969.
Erasmus and the Age of Reformation. New York and Evaston, Harper e Row, 1957.
Livro de Concórdia. Trad. Arnaldo Schüller. São Leopoldo. Sinodal e Porto Alegre, Concórdia, 1983.
- LUTERO, M. (WA) *Dr. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimar, Hermann Bohlau, 1883 ff.
- LUTERO, M. (OS) *Obras Seleccionadas vol. 1 e 2*. São Leopoldo, Sinodal e Porto Alegre, Concórdia, 1987 e 1988.
- LUTERO, M. (LW) *Luther's Works*. St. Louis, Concórdia, 1955.
- LUTERO, M. *La Voluntad Determinada. Obras de Martin Luther tomo IV*. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- LUTHER, M. *De Servo Arbítrio*. RUPP, G. and WATSON, P. Luther and Erasmus: Free Will and Salvation. Philadelphia, The Westminster Press, 1969.
- RUPP, E. G. and DREWERY, Benjamin (ed.). *Martin Luther*. New York, St. Martin's Press, 1970.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Porto Alegre, Grafisul, 1980.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Lisboa, Academia de D. Felipa, s.d.

Fontes Secundárias

- ANDERSON, Marvin. Erasmus the Exegete. *Concórdia Theological Monthly*, 40: 722-733, 1969.
- AUGUSTIJN, Cornélio. *Erasmus von Rotterdam im Galatebriefkommentar Luther's von 1519*. Lutherjahrbuch, : 115-132, 1982.
- BAITON, Roland. *Erasmus of Christendom*. New York, Charles Scribner's Sons, 1969.
- BAITON, R. The Paráfrases of Erasmus. *Archive for Reformation History*, 60 (2): 67-75, 1969.
- BECK, Nestor. *Lutero e a Educação*. Igreja Luterana, São Leopoldo, : 38-61, III e IV trimestres, 1984.
- BENTLEY, Jerry. *Erasmus' Annotationes in Novum Testamentum and the Textual Criticism of the Gospel*. Archive for Reformation History, 67: 33-53, 1976.
- BERGENDOFF, Conrad. *The Church of the Lutheran Reformation*. Saint Louis, Concórdia, 1967.
- BLUHM, Heinz. Luther's view of Man in His Early German Writings. *Concórdia Theological Monthly*,. 783-593, 1963.
- BRECHT, Martin. *Martin Luther his Road to Reformation 1483-1521*. Philadelphia, Fortress Press, 1985.
- DALLMANN, Ww. *Erasmus's Pictures of Church Conditions*. Concórdia Theological Monthly, 11: 100-187; 179-188; 266-280, 1940.
- DALLMANN, Wm. *Erasmus on Luther*. *Concórdia Theological Monthly*, 9: 660-674, 735-746, 1938.
- EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero*. São Leopoldo. Sinodal. 1988.

- ESTEP, William R. *Renaissance and Reformation*. Michigan, Grand Rapids, 1985.
- FERKENSTAD, Craig A. *Luther's Reply to the Humanists: The Bondage of the Will*. Concórdia Theological Quarterly, : 1-29, 1987.
- FORELL, George. *Fé ativa no Amor*. São Leopoldo, Sinodal e Porto Alegre, Concórdia, 1985.
- FUNCK-BRENTANO. *Lutero*. Rio de Janeiro. Vecchi, 1943.
- HAGGLUND, Bengt. *Historia da Teologia*. Porto Alegre, Concórdia, 1986.
- HUIZINGA, Johan. *Erasmus and the Age of Reformation*. New York, Harper and Row, 1957.
- JAEGER, Werner. *Paideia*. São Paulo, Herder, s.d.
- JUNGHANS, Helmar. *Der junge Luther und die Humanisten*. Weimar, Hermann Bohlaus Nachfolger, 1984.
- KLANN, Richard. *Human Claims to Freedom and God,s Judgment*. Concórdia Theological Quarterly, 54 (4): 241-263, 1990.
- KLUG, Eugene. *Luther: Right or Wrong?* The Springfelder, : 12-28, 1, 1972.
- KOLHS, Ernest-Wilhelm. *Die Theologie des Erasmus 2 vol*. Switzerland, Friedrich Reinhardt Basel, 1966.
- KOHS, Ernest-Wilhelm. *Luther oder Erasmus 1 vol*. Marburg/Lahn, Erich Mauers berg, 1972.
- KOSTLIN, Julius. *Martin Luther: sein Leben und seine Schriften*. Berín, s. ed., 1903.
- LAU, Franz. *Lutero*. São Leopoldo, Sinodal, 1980.
- LESSA, Vicente T. *Lutero*. São Paulo. Presbiteriana, 1956.
- LIENHARD, Marc. *Luther: witness to Jesus Christ*. Minneapolis, Augsburg, 1982.
- LINDSAY, Tomas m. *História de la Reforma vol I*. Buenos aires, La Aurora e México, Casa Unida de Publicaciones, 1926.
- LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo, Sinodal, 1988.
- LUCAS, Henry S. *The Renaissance and the Reformation*. 2^a ed, New York, Harper e Row, 1960.
- MARGOLIN, Jean-Claude. *L'Analogie dans la Pensée d'Erasme*. Archive for Reformation History, 69: 24-9, 1978.
- MARGOLIN, Jean-Claude. *La Religion d'Erasme et l'Aliemagne des Lumieres*. Archive for Reformation History, 72: 197-231, 1981.
- McGRADI, A.E. *Humanist Elements in the Early Reformed doctrine of Justification*. Archive for Reformation History, 73: 5-19, 1982.
- MELANCHTHON, Filipe. *Lutero visto por amigo*. Porto Alegre, Concórdia, 1983.
- MEYER, Carl. *Erasmus on the study of Scriptures*. Concórdia Theological Monthly, 40: 734-746, 1969.
- MEYER, Carl. *Christian Humanism and the Reformation: Erasmus and Melachthon*. Concórdia Theological Monthly, 41: 637-647, 1970.
- MONTER, William. *Reformation History and Social History*. Archive for Reformation History, 72: 5-12, 1981.

- PACKER, James. *Luther Against Erasmus*. Concórdia Theological Monthly, 37: 207-221, 1966.
- PRENTER, Regin. *Luther's Theology of the Cross*. Philadelphia, Fortress Press, 1971.
- REYNOLDS, Terrence M. *Was Erasmus Responsible for Luther? A Study of the Relationship of the Two Reformers and Theirs Clash Over the Question of the Will*. Concórdia Theological Quarterly, 41 (1): 18-34, 1977.
- ITTER, Gerhard. *Why the Reformation Occurred in Germany*. Concórdia Theological Monthly, 30 (October 1959): 723-32.
- SAARNIVARA, Uuras. *Luther discovers the Gospel*. St. Louis, Concórdia. Concórdia, 1951.
- SCHUMANN, Breno. *Erasmus e Lutero: A vontade é livre?* Revista Vozes, : 1089-1096, dez, 1969.
- SCHWIEBERT, E. G. *Luther and his times*. Saint Louis, Concórdia, 1950.
- SCHWIEBERT, E. G. *The Reformation and Theological Education at Wittenberg*. The Springfielder, : 9-43, outono, 1964.
- SCHÜLER, Oswaldo. *As causas da Reforma*. Igreja Luterana, São Leopoldo, (2): 90-123, 1966.
- SPITZ, Lewis W. *The Renaissance and Reformation Movements vol. 1 e 2*. St. Louis, Concórdia, 1971.
- STUPPERICH, Robert. *Das Enchiridion militis christiane des Erasmus von Rotterdam nach seiner Entstehung, seiner Sinn und Charakter*. Archive for Reformation History, 69: 5-23, 1978.
- TRINKAUS, Charles. *Erasmus, Augustine, and the Nominalist* Archive for Reformation History, 67: 5-32, 1976.
- WATANABE, Morimichi. *Martin Luther's Relations with italian Humanist*. Lutherjahrbuch, : 23-43, 1987.
- WATSON, P. *Let God be God*. London, The Epworth Press. 1960.
- WATSON, P. *Erasmus, Luther and Aquinas*. Concórdia Theological Monthly, 11:747-758, 1969.

AUXÍLIOS HOMILÉTICOS

Série Trienal - C

Leitura do Antigo Testamento

PRIMEIRO DOMINGO DE ADVENTO

27 de Novembro de 1994

Jeremias 33.14-16

Introdução

"Ó tempo santo de Natal! Eternamente lindo!" Estas linhas do poeta descrevem bem a quadra do Ano Eclesiástico, na qual estamos entrando. O Advento e o Natal - eternamente lindo!

Leituras do dia

O Salmo 25.1-9 do Início é um pedido. Inclui três assuntos: socorro, perdão e misericórdia.

1 Ts 3.9-12 traz a oração de um pastor que suplica a Deus prepare bem aqueles que deverão se apresentar a Jesus, para que sejam aprovados.

Lc 21.25-36 descreve como será o encontro com Jesus na sua segunda vinda visível ou, no caso da segunda opção - Lc 19.28-40 - participar da festa da chegada do Menino que se tornou Rei.

Tudo o que nos sugerem estas leituras só poderá acontecer se o Senhor for nossa Justiça, como diz nosso texto.

Contexto e texto

Jeremias é o profeta que anunciou o cativeiro do seu povo e que o viu acontecer. Queria que o cativeiro fosse evitado, mas não foi possível. A desobediência e os falsos profetas falaram mais alto.

Em meio ao cativeiro, quando o coração estava mais propício para ouvir e o espírito mais aberto para receber, Deus pôde falar de libertação e restauração. É sempre assim: fora do hospital e com aparente saúde, os ouvidos se fecham. No leito da dor, o coração se dobra.

Agora o povo de Deus queria ouvir o que Deus lhe tinha a dizer. E Deus tinha coisas maravilhosas a dizer.

V.14 - "Eis que vêm dias" - são os dias do cumprimento dos quais fala o evangelista Lucas quando inicia o grande capítulo do nascimento de Jesus, capítulo 2: "Naqueles dias foi publicado...". São também os dias que o apóstolo Paulo cita como a "plenitude do tempo" - Gl 4.4,5.

Embora estes "dias que vêm" em que haveria boas notícias pudessem significar a libertação do cativo, Deus olha muito mais longe. Sabe que toda a humanidade é cativa do pecado e precisa receber a grande notícia. Tem sido um modo peculiar de Deus falar como aqui, que da libertação terrena salte para a espiritual. Assim também foi quando Jesus falou da destruição de Jerusalém, à qual ele logo ligou os ensinamentos sobre o fim do mundo - Mt 24.

"Cumprirei a boa palavra" - era tanto a libertação do cativo, mas, sobretudo, a libertação e salvação no Salvador que viria. A palavra de salvação era a boa palavra. Para o pecador não há melhor palavra.

Deus fez cumprir sua boa palavra. Nada pôde impedi-lo. Tudo devia cooperar, desde César Augusto até o hospedeiro. Todo o plano da salvação é um cumprimento perfeito do qual, quando Jesus morreu, pôde atestar: "Está consumado".

"Que proferia a Israel e Judá" - mesmo sendo já dois reinos - Israel e Judá - a promessa é deles.

O verbo no passado, "proferi", lembra as muitas promessas feitas por Deus desde Gn 3.15.

V.15 - "Farei brotar a Davi um Renovo" - Porque é citado Davi e não Jacó ou outro dos patriarcas a quem também foram feitas as promessas? Porque Davi é um modelo de rei, segundo o coração de Deus - At 13.22,23. E mais: porque Jesus devia ser chamado Filho de Davi. Assim, o que é prometido a Davi, o é a todos. O que é dado a Davi, é dado a todos.

Este Renovo é Jesus. E é Filho de Davi - Mt 22.41-46.

"Ele executará o juízo e justiça na terra"- Como entendê-lo? Veio Jesus realmente trazer juízo e justiça na terra? E não está a terra aí mais do que nunca cheia de injustos e que não estão sendo julgados? E não disse Jesus que seu Reino não é deste mundo?

É curioso que em dois outros textos da Bíblia não se fala propriamente em fazer juízo e justiça na terra, mas herdar a terra - Mt 5.5 e Sl 37.5.

É certo que não podemos dar à nossa passagem uma interpretação ao pé da letra.

Os comentaristas sugerem que se veja nesta expressão a seguinte figura: "Israel queria um príncipe, um rei, a exemplo de Davi, que tornasse seu reino grande e reconhecido na terra. Esse era o sonho e a esperança de Israel. Pois, diz Deus, o Renovo que farei brotar do Tronco de Davi, será um Rei assim como se fizesse juízo e justiça em toda a terra, mas no sentido espiritual". E, de fato, no versículo seguinte, isto acontece.

V.16 - "Senhor, Justiça Nossa" - Assim será chamado o Renovo de Davi. Esse é um dos muitos nomes de Jesus. Aqui Ihe é dado um nome pelo que Ele vai fazer: Justiça.

A Bíblia toda gira em torno de uma grande transação que Deus quer fazer. A transação envolve sua Justiça e nossa injustiça - nossos pecados. Ele quer dar-nos sua Justiça e quer que nós lhe demos nossa injustiça, nossos pecados.

Deus concretiza esta transação na pessoa de seu Filho. Para isso veio ao mundo.

"Aquele que não conheceu pecado - Jesus - Ele - o Pai - o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus"- 2 Co 5.21.

Esta transação começa por iniciativa do amor de Deus e se efetua pela fé em Cristo, quando confiamos no que Ele fez por nós.

Sugestão homilética

Jesus é nossa justiça

- 1- Nossas próprias justiças são um trapo de imundícia - Is 64.6
- 2- Só Jesus é nossa Justiça - 2 Co 5.21
- 3- "O justo viverá por fé" - Rm 1.17

Benjamin Jandt
Erechim, RS.

SEGUNDO DOMINGO DE ADVENTO
4 de Dezembro de 1994
Malaquias 3.1-4

O Messias vem purificar e restaurar a sua Igreja numa ação dolorosa e profunda que, entretanto, produz a reconciliação entre Deus e os homens e refaz o culto autêntico. Para isso:

1. Elege um porta-voz adequado: Malaquias

Malaquias: "mensageiro de Jeová". Nada mais se sabe a respeito desse profeta. Vínculos, posição social, influências, amizades são desejáveis, mas acima de tudo, um porta-voz de Deus deve ter um compromisso maior: "ser um mensageiro de Jeová" para evitar "respeitos humanos" e meias palavras diante dos pecados.

(2 Tm 4.3 - "... haverá tempos que cercar-se-ão de mestres, segundo suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos").

2. Aponta claramente os erros sem distinção humana

a) V.2: "Eu vos tenho amado, diz o Senhor; mas vós dizeis: Em que nos tem amado?" Boa parte do povo relegou ao esquecimento todas as grandes demonstrações de amor de Deus ao longo da história, porque ele preferiu Jacó a Esaú e com isso os descendentes de Esaú (edomitas) levaram muitos séculos para se reintegrarem ao povo de Israel.

b) Cap.1 e 2 reprovam os levitas por se terem tomado desleixados nos serviços de culto oferecendo pão imundo (v.7) e animais aleijados e doentes (v.8). A falta de ânimo para o serviço está explícita no v.13: "E dizeis ainda: Que canseira! E me lançais muxoxos...".

c) V.11 indica que os homens se deixaram levar por atrações físicas, sem considerar a formação religiosa de suas futuras esposas: 2:11 - "Judá tem sido desleal, e abominação se tem cometido em Israel e Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do Senhor, o qual ele ama, e se casou com a adoradora de Deus estranho".

d) Anciãos, que deviam servir de modelo aos jovens, jogaram-se em aventuras amorosas: v.14 - "O Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança".

3. O problema é deles ou é nosso também?

Na escolha de Jacó, os edomitas não entenderam o amor de Deus e lhe votaram repulsa. Quantos se afastam de Deus por não aceitarem seus desígnios? E as ofertas? O que não serve para o comércio, damos a Deus...

E na questão matrimonial: damos preferência aos encantos? Mantemos fidelidade absoluta ao longo da vida ao nosso cônjuge? E como se encontra a dedicação, o zelo, no serviço religioso - tanto dos oficiantes quanto da congregação? Conclusão: Malaquias está pintando um retrato fiel de nossos tempos. O problema, pois, é nosso também. Qual é a solução?

4. Mostra a solução da problemática: o Messias - Jesus

a) Onde atua Jesus? v. 3. 1b: "... de repente virá ao seu templo o Senhor". Não em santuários, cultos individuais como apregoam muitos (Nova Era); romarias, etc. "Em seu templo." O Ofício das Chaves foi entregue à Igreja. Daí a purificação começa pelo líder da Igreja (v.3: "...purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata". Ela envolve toda a Igreja (Ef 5.25-27).

b) Como atua Jesus?

b1 - Provocando o arrependimento no pecador: 3.1 - "Eis que eu envio meu mensageiro que preparará o caminho diante de mim". É a profecia que se cumpre em João Batista (Mt 3.1-3) - "Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizendo: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor...".

Arrependimento não é uma simples confissão de culpa, mas é dor profunda e tremor intenso diante da justiça de Deus. (v."2 "...quem pode suportar o dia da sua vinda? e quem pode subsistir quando ele aparecer?

b2 - Promovendo uma purificação interna e externa: v.3.2 - "Porque ele é como fogo de ourives e como a potassa dos lavandeiros".

O fogo separa a escória que se integrou ao ouro. A potassa retira as nódoas do pano. Um age no interior, outro na superfície. Jesus purifica a alma e faz com que nossas ações exteriores o reflitam, tornando o nosso culto... Agradável ao Senhor" (v.4.). Um homem purificado pelo sangue de Jesus sabe trazer ofertas agradáveis ao Senhor. Deus primeiro olha o ofertante e então a oferta. Assim foi desde o princípio (Gn 4.4 - Abel).

1 Jo 1.7 - "O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado".

SI 51.10 - "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" para se cumprir em mim esta palavra: "Então a oferta... será agradável ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos."

Anselmo Schüller
Santa Rosa, RS.

TERCEIRO DOMINGO DE ADVENTO

11 de Dezembro de 1994

Isaías 12.2-6

Contexto e texto

1. A primeira parte do livro do profeta Isaías, capítulos 1 -12, que contém uma série de profecias contra Judá e Jerusalém, termina com uma espécie de salmo de louvor, no qual se pode divisar a alegria de Israel pela libertação. O texto parece ser composto de dois hinos, sendo que pelo menos o v.4a dá início a uma nova seção. Pode-se deduzir isto a partir da fórmula introdutória semelhante dos v.1 e 4. O v. 4 possui claramente um paralelismo com o Salmo 105.1, especialmente no que tange ao uso da fórmula fixa *hôd l jhâwh qir' bbis 'mô h di' ba' mmim 'lilôtajw* (dai graças a Jahwé, invocai o seu nome, fazei conhecidos aos povos os seus feitos). Pode indicar uma interdependência entre os textos ou talvez um uso litúrgico fixo. Por outro lado, é necessário notar-se as ligações do texto com o contexto anterior do próprio livro de Isaías, a saber, a alusão à ira de 12.1 remete a 9.11, 16, 20 e 10.4.

Com relação à introdução do texto, especialmente a datação *bb jjôm h h'* (naquele dia), comparar com os v. 25.9 e 27.2. O povo louva ao Deus Eterno porque ele deixou sua ira de lado e o julgamento tornou-se em salvação e libertação (cf. SI 118.21).

Através de seu ato salvífico, Jahwé revelou-se como o Salvador do seu povo, que agora pode confiar seu Deus no futuro. Isto está fundamentado em palavras retiradas do cântico de Moisés após a travessia do mar (Êx15.2): *kki-'azzi w zim rat jahhj hwah w j hi-li lis ah* (pois minha força e

cântico [é] Jah[we], Jahwé tornou-se para mim salvação); como naqueles tempos houve salvação, assim também o Eterno salvará o seu povo, e como naqueles tempos cantou-se louvores pela salvação, assim também será "naquele dia". Na passagem para o v.3, muda a pessoa do discurso, indo este para o plural. Uma interpretação possível é a de que o singular refira-se ao povo de Deus como unidade, enquanto o plural refere-se aos "redimidos" enquanto individualidades. Outra interpretação, contrariamente, indica o singular como referindo-se ao indivíduo da comunidade-povo e ao plural como referindo-se à coletividade.

Em todo caso, dois níveis distintos são aqui apresentados. *Jahwé* faz brotar fontes de salvação (cf. 55.1), nas quais o povo pode buscar água com alegria. As fontes de salvação prefiguram as multiformes e abundantes bênçãos que o tempo prometido, futuro, irá trazer. A Vulgata traduz *mimm 'aj né h jes 'ah* (feminino, "da salvação") do v.3 por *de fontibus salvatoris* (masculino, "do salvador"), o que não é gramaticalmente correto, mas indica a interpretação messiânica do contexto. O v. 4 inicia com a mesma fórmula do v. 1: *bb jôm h h ' .* O invocar (*qr'- boáo* na LXX) do nome de Jahwé representa o louvor que lhe é devido, mas o povo redimido não deve louvar ao Eterno de maneira solitária. Deve proclamar (*jd'(hifil) - anaggé-loo*) o seu nome, segundo a concepção semítica a própria essência do ser, no caso *Jahwé*, entre os demais povos (cf.48.20). Igualmente os gentios devem ouvir sobre os maravilhosos atos de salvação de Jahwé, também porque eles precisam reconhecê-lo como o único Deus verdadeiro e assim possam louvá-lo e engrandecê-lo por isso (cf. 45.20). Sobretudo *jôsaebaet* (part.fem.jsb) *sjôn-* "a habitante de Sião" do v.6 - tem motivos para alegrar-se e rejubilar-se, porque é grande o Santo de Israel. Quanto à representação feminina da comunidade de habitantes ou de um grupo em geral, conferir Mq 1.11 e talvez 2 Jo 1.

2. Com estes dois hinos termina também a proclamação salvífica do capítulo 11. A dialética condenação-salvação ou, mais especificamente, lei-evangelho, faz parte, mais do que nunca, da pregação dos profetas. Isaías pregou destruição e condenação, dirigidas por Jahwé contra um povo rebelde e sem fé. Mas ele também profetizou a salvação, a libertação. "Aquele dia" é um dia especial, em que a glória do Deus Eterno se revelará como poder salvador e libertador. Em última análise, Jahwé não condena para destruir, mas para revelar a sua salvação. A partir desta esperança implantada no coração contrito e abatido brotam o louvor e a proclamação. Da morte para a vida o povo-indivíduo foi conduzido, porque Jahwé, o Libertador, foi ao seu encontro. A mensagem de salvação, entretanto, não é uma mensagem particular. É uma mensagem universal. Por isso o louvor

a Jahwé precisa ser universal. E se há alguém que ainda não conhece os atos libertadores de Jahwé, este precisa conhecê-los. As fronteiras precisam ser alargadas, para que muitos mais possam se juntar à comunidade que louva e engrandece ao Deus Eterno.

3. As demais leituras, Sf 3.14-18a; Fp 4.4-7 (8-9); Lc 3.7-18, bem como a posição do domingo no calendário eclesiástico vêm sublinhar a temática do dia: o advento de Jahwé traz condenação dos pecados, na tentativa de conduzir ao arrependimento; mas traz também salvação, cujo fruto é ar alegria, cuja conseqüência é a proclamação. O contexto veterotestamentário de exílio-libertação-promessa é transcendido pela figura do Messias, o Cristo proclamado pelo Batista. O próprio Deus Eterno se faz presente entre seu povo (Advento) em Jesus Cristo. A presença do Santo de Israel desmascara o pecado e o condena, buscando o arrependimento, mas faz despontar o "já-ainda não" do Reino de Deus. Cristo veio efetivar a salvação, o que alegra o seu povo, a Igreja, que o louva e engrandece. Mas a salvação-libertação como um todo é muito mais ampla e abrangente. Ela compreende também uma dimensão eterna, uma dimensão além-vida, a qual o povo aguarda com grande expectativa. Mas, enquanto aguarda, este povo - cada cristão (singular) e a Igreja (plural) - tem muito o que fazer: "Tornar manifestos os seus feitos entre os povos".

Proposta homilética

Advento: o Deus eterno está no meio do seu povo

1. Condenação: o pecado e a santidade divina não são compatíveis. Só há uma via possível, o arrependimento e a confissão.

2. Libertação: Jesus Cristo traz graça e misericórdia. Não há mais lugar para tristeza, mas sim para júbilo e alegria, de onde brota um louvor sincero.

3. Proclamação: a salvação é oferecida a todos. Cabe, portanto, aos que já a experimentaram anunciá-la aos outros, para que o Deus Eterno receba o louvor que merece.

Gilberto V. da Silva São
Leopoldo, RS.

QUARTO DOMINGO DE ADVENTO
18 de Dezembro de 1994
Miquéias 5.2-4

Leituras do dia

O Salmo 96 faz parte de um grupo (Salmo 95 a 100) que fala do "reino de Cristo". Mostra-nos que os ídolos não têm poder algum; mas Deus, do qual até os céus proclamam a glória. E esta sua glória está na vinda do Messias com seu reino de retidão, conforme a descrição em Isaías 11.1-9: *Justiça e Fidelidade*. Para este Deus e sua realeza cantamos louvores.

Hb 10.5-10 - Os sacrifícios antigos, em si, não tinham eficácia alguma. Somente o sacrifício preparado pela encarnação do Eterno Filho de Deus. Deus não tinha interesse nos sacrifícios em si, mas na devoção e obediência. Há a necessidade do nascimento de Cristo, sacrifício agradável a Deus, um nascimento virginal.

Lc 1.39-45 - Lucas dá ênfase muito grande sobre a ação do Espírito Santo. Foi pelo Espírito Santo que Isabel reconheceu Maria como sendo a mãe do Redentor; é também pela ação do Espírito Santo que o pecador conhece Cristo como seu Senhor.

Contexto

Miquéias era profeta contemporâneo de Isaías. Enquanto Isaías profetizava na cidade, Miquéias permanecia no interior.

A temática de Miquéias é semelhante à de Amos - tenta desmascarar a crise social que aflige Judá: opressão, abusos e corrupção generalizada. Judá vive de uma falsa segurança. A capital, Jerusalém, é um "armazém" de criminosos, está sitiada, seu rei é um incapaz que é insultado e desprezado.

O Israel deste tempo é solo improdutivo - que esperança pode haver? Com ousadia, Miquéias adianta a notícia de que Jerusalém seria arada como um campo e convertida em um montão de ruínas. Isaías talvez jamais iria proferir tal maldição sobre a cidade que tanto amava. Mas Miquéias, vindo de fora, não tinha nada a temer. A sua palavra tinha que assumir um tom de escândalo para os ouvidos do povo de Judá. Com razão o profeta fala com severidade, pois o povo rompera com a aliança. É o pecado da ingratidão, é a crise da fidelidade.

O futuro messiânico não pode ser uma mentira em Jerusalém ou na linhagem de Davi; Deus quer criar um novo começo. A brilhante figura do Messias surge pela sentença divina sobre o povo da promessa.

Por detrás de todo o quadro sombrio, o profeta entrevê uma conversão e a glória futura da dinastia davídica. Agora Deus quer voltar à vila e clã de Davi, onde uma vez o escolheu como rei de entre seus irmãos. O oráculo do capítulo 5.1-6 celebra o nascimento do libertador em Belém, lugar de origem da dinastia de Davi. Ali, num lugar e clã muito pequenos, para ser estatisticamente significante, Deus faz sair um Juiz de acordo com seu próprio coração. Com isto Miquéias quis mostrar que Belém não era tão pequena aos olhos de Deus; não estava interessado em Belém meramente como um lugar, mas que estava em contraste com a grande Jerusalém, humanamente o lugar provável do nascimento de Messias. Para o profeta, pequena Belém significa que "Deus escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes;... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1Co 1.27-29).

Texto

V.2 - Efrata é o nome de uma tribo de Judá, à qual Davi pertenceu; Belém, a vila onde o clã habitava (Rt 1.2; 1 Sm 17.12). "Os dois termos podem ser usados como sinônimos, Tem o significado de "casa de pão" ou "terra frutífera". É o lugar onde nasceu Davi e onde haveria de nascer o Messias, o Senhor Jesus Cristo. Sete séculos antes do nascimento de Cristo, o profeta é bem explícito em indicar o local deste acontecimento.

Tanto a divindade como a humanidade de Cristo são claramente apresentadas neste versículo: como *homem*, nasceu na estrebaria em Belém; como *Deus*, existia "desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Is 7.13,14; 9.6,7).

V.3 - "Portanto os entregará" - refere-se ao Juiz mencionado no v.1. Os israelitas que rejeitaram a Cristo, o Juiz, serão entregues à desgraça. Ao remanescente é oferecido perdão e reintegração dentro desta nação escolhida (Rm 11.26).

V.4 - Descreve as características do governo do novo rei. O *Senhor* delega o seu poder ao rei vindouro para apascentar o povo na força e na majestade do próprio Deus. Este rei, fortalecido pelo poder e nome do

Senhor, cuidará do seu povo como bom pastor. O seu reino jamais terá fim trágico, como os reinos antigos. Por causa da segurança, "até os confins da terra" haverá fidelidade e obediência ao governo de paz e justiça.

Sugestão de tema

Introdução - O Natal de Jesus se aproxima. Vozes se levantam para anunciar um Natal de vendas. O profeta nos chama para a conversão. Por isso:

Podemos nos preparar bem para o natal de Jesus:

1. Com mudança profunda de sentimentos :
 - a) Não fazer rodeios e ter como meta o Reino de Deus;
 - b) Entregando-nos sem medo à causa do Reino.

2. Com mudança profunda de ação:

a) Sendo modelo e exemplo que mostre, com a vida, como podemos seguir Jesus.

b) Anunciando a realidade do Deus libertador com exemplos concretos de vida em comunhão.

Conclusão - Dizer o que precisa ser endireitado em minha vida neste Natal e que estrada a congregação precisa abrir para que o Reino de Deus possa chegar.

Outros temas

O Rei do povo de Deus se levanta de Belém efrata:

1. Como surpresa desagradável aos que não vigiam.
2. Como chegada do grande e esperado amigo para os que são vigilantes.

Somos convidados a aproveitar a vida:

1. Jerusalém nos convida a aproveitar a "vida"
2. Belém nos convida a ouvir a voz de Deus.

Egon Eidam
Dourados, MS.

NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR

25 de Dezembro de 1994

Isaías 62.10-12

As leituras do dia

As leituras bíblicas para o dia de Natal só podem mostrar a imensa graça de Deus que se revelou salvadora a todos os homens e que precisa ser aproveitada "até às extremidades da terra".

Sl 98: Este Salmo incentiva o povo e evocar um jubiloso cântico de louvor por causa da maravilha que a revelação divina da salvação deve ser feita conhecida até os confins da terra. Embora originalmente se refira ao livramento de Israel, pode muito bem ser aplicado à salvação da humanidade na pessoa de Jesus Cristo, que veio ao mundo no Natal.

Tt 3.4-7: A epístola do dia mostra que a mudança de nossa condição se deve inteiramente a Deus, à sua iniciativa, à sua bondade e amor ativo e à sua franca intervenção para nos salvar. Nossa salvação não é resultado de quaisquer obras de justiça por nós praticadas (v.5); é inteiramente determinada pela misericórdia de Deus.

Lc 2.1-20: O evangelho relata os episódios da conhecida história do nascimento de Jesus, onde, naturalmente, podemos apontar para diversos aspectos do texto.

O texto

Is 62.10-12 - É uma das muitas promessas da vinda do Salvador com sua grande recompensa.

v.10 - Estas palavras são dirigidas especialmente aos pregadores, que devem abrir as portas da igreja cristã pela pregação do evangelho. Alertar o povo para preparar mente e coração a fim de receber o Salvador, aquele que inúmeras vezes foi prometido ao povo da antiga aliança.

"Arvorai bandeira aos povos." Cada nação tem sua bandeira. O povo de Deus também tem sua bandeira. Não é bandeira de pano, de símbolos e emblemas, usados desde os primórdios da igreja, para expressar a fé cristã ou pensamentos bíblicos, como, por exemplo: a cruz, o peixe, a videira. Aqui bandeira é usado no sentido figurado.

v.11 - Ao povo de Deus, a filha de Sião, que aguardava com ansiedade o Messias, deveria ser dito: "Eis que vem o teu Salvador". É como se na bandeira constasse o título: Salvador. Ou o nome: Jesus Cristo.

Se ele é chefe, é rei, perguntamos: Não é verdade que muitos se decepcionaram com certas características que envolveram a Jesus? Nasceu numa cidade insignificante. Seu nascimento foi anunciado primeiro a humildes pastores. Viveu numa cidadezinha desconhecida. Escolheu pescadores para serem seus discípulos. Esteve constantemente na companhia de pecadores. Mas aí está o paradoxo: Lc 2.11: "Hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor". Fp 2.11: "Toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai." Jo 6.69: "Nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus."

Ele é Senhor. Ele vem como Salvador (Ajudador).

A bandeira distingue e caracteriza igualmente os seguidores do rei.

Eles chamam-se pelo seu nome: cristãos! São seguidores leais. Não se envergonham do seu Rei, mas dão testemunho dele sempre que for possível.

O cristão lutará pelo seu Rei, seu Salvador. Procurará conquistar almas para Cristo. É preciso proclamar "até às extremidades da terra estas palavras" (Cristo para todos).

Se a luta é intensa, Deus garante a vitória. Haverá "recompensa e galardão". Naturalmente não há mérito humano. A vitória pertence ao Senhor.

Devemos anunciar que Cristo já veio, que ele vem através de sua palavra (Ap 3.20) e que voltará visivelmente para o grande julgamento.

v.12 - "Povo santo, remidos do Senhor." Foram comprados pelo sangue redentor. Ele assinou o contrato de paz com seu sangue. Agora temos paz com Deus e fazemos parte da comunhão dos santos. Isto é graça!

"A procurada, a cidade não deserta" lembra o empenho e o cuidado dos remidos de convidar, de auxiliar e de reunir os dispersos. Jo 11.51,52: "... Jesus estava para morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos."

Para os cristãos, Natal não é apenas festa linda, ou "Linda festa das crianças, santo dia de Natal...".

Natal lembra presentes? O maior presente foi Deus quem nos deu, enviando seu Filho. Conhecendo a Jesus como o Salvador, devemos repartir o presente com outras pessoas. Fazendo parte do "povo santo", um dia alcançaremos o céu, onde a festa do Natal jamais terá fim.

Sugestão homilética

Introdução: O anúncio da chegada de alguém que é estimado, traz expectativa e alegria. Isto acontece, por exemplo, com a visita de parentes e amigos. Portanto, antes de sua chegada já é possível sentir alegria. Este deve ter sido o sentimento daqueles que aguardavam com ansiedade a vinda do Messias. A promessa, repetida inúmeras vezes ao povo da Antiga Aliança e que trouxe alegria antecipada, era:

Eis que vem o teu salvador

I - Ele quer ser reconhecido e aceito como Senhor e Rei

1. Sua profunda humildade: características que envolveram seu nascimento e sua vida.
2. Apesar disso é Senhor e Rei (Lc 2.11: Fp 2.11).
3. Veio como Salvador (Ajudador).
4. A preparação para recebê-lo.

II - Ele quer ser anunciado até às extremidades da terra

1. Quem deve anunciar? Aqueles que sentem a alegria de sua Salvação.

"Povo santo, remidos do Senhor".

2. A quem anunciar? Os pastores "vendo-o, divulgaram o que lhes havia dito a respeito deste menino. Todos os que ouviram..."

Cristo para todos.

3. Cristãos não se envergonham do Seu nome, mas lutarão pelo Rei, procurando conquistar almas para Cristo.

Conclusão: Cristo nasceu no Natal. Veio para salvar. Foi motivo de "grande alegria". Ele ainda vem aos nossos corações pela Sua palavra e pelos sacramentos. Alegremo-nos nele. E levemos Cristo para Todos!

Fermino Bündchen
Joaçaba, SC.

PRIMEIRO DOMINGO APÓS NATAL

1 de Janeiro de 1995

Jeremias 31.10-13

Preliminares

A leitura do Antigo Testamento e o Intróito do dia apresentam, em linguagem poética, a base de uma esperança real, ao invés de uma esperança utilitária. De fato, esta significativa palavra *esperança* é muito oportuna para uma correta aplicação de Evangelho nesta abertura de um novo ano. Todos nós já passamos por momentos em que nada parece dar certo. Imagine o que não se passa na cabeça de um cristão quando pede a Deus que realize um milagre e, em lugar disso, obtém mais problemas! A pergunta é: como se pode ter esperanças quando se pede a ajuda de Deus e nada acontece? Quando isso ocorre conosco, certamente Deus não se esqueceu de nós, mas quer nos fazer perceber que precisamos de Deus muito mais do que as respostas dele a nossos problemas. *É quando Ele não atende as nossas expectativas, ou não dança a nossa música que somos abençoados com a crise de desejar Deus por Deus, e não pelo que ele realizar como cumpridor de nossos planos. Aqui nasce a verdadeira esperança. Aqui nasce o verdadeiro consolo.*

O profeta Jeremias demonstra claramente, por meio de sua vida, a transição turbulenta de uma esperança utilitária para uma esperança real. O profeta Jeremias tornou-se um homem de profunda esperança. E esta esperança o texto da perícopes básica quer expressar. Para tanto, o contexto literário e o contexto vivencial do profeta servirão para a devida compreensão. Convém ressaltar que a 1ª leitura deste *1º domingo após o natal* é basicamente uma pregação de Evangelho ao povo de Judá, pressupondo a situação de exílio, como situação de Lei, e que teria preparado os corações do povo para tal mensagem de consolo.

Jeremias não experimentou a esperança logo no início de seu ministério. Isto ocorreu em anos posteriores quando as orações pareciam sem respostas, quando seu anseio pelo seu povo não se cumprira, e quando se achava esgotado por completo. No livro de Jeremias, cap. 15, v.18 lemos: *porque dura a minha dor continuamente e a minha ferida me dói, e não admite cura? Serias tu para mim como ilusório ribeiro, como as águas que enganam?*

Contexto e texto

Jeremias, conhecido como o "profeta chorão", foi escolhido para ser o arauto de Deus para sua nação, o reino do sul, Judá. Sua tarefa de prever a desgraça, caso o povo não se arrependesse e retornasse ao SENHOR Deus, foi dificultada pela contínua crise política e religiosa de Judá durante o seu ministério. O profeta falou em uma época em que o Oriente estava fermentado como nunca. Ele viu o poderoso império Assírio entrar em colapso, enquanto surgia um regime babilônico que se espalhou pelo Oriente e combateu com os exércitos egípcios até acabar com suas pretensões.

Em seu próprio país, Jeremias presenciou uma sucessão de crises políticas, com poucas esperanças de estabilidade nacional.

Nesse contexto o profeta exercia o seu ministério de denunciar a corrupção em suas diversas formas de manifestação, advertindo a nação quanto à iminente invasão dos babilônicos.

Mas a sorte de Jeremias estava tão baixa como a do povo de Judá. Suas dificuldades foram intensificadas pelo assim chamado discurso do Templo (Jr 7.1-8.3). Com grande coragem o profeta foi contra a idéia popular que a confiança no Templo onde eram oferecidos sacrifícios ao SENHOR livraria o povo. Quando ele começou a profetizar que o Templo tão reverenciado seria invadido pelos babilônicos, o seu próprio povo não agüentou mais as acusações e o protesto do povo quase lhe custou a vida. O povo de Judá ainda não estava preparado para ouvir a pregação da Lei de Deus, por intermédio do profeta.

Jeremias não tinha nenhum desejo de ser um profeta de tragédias. O seu livro, bem como Lamentações, evidencia bem os conflitos emocionais pelos quais passou. Seu jeito de ser era compreensivo e simpático. Destaca-se entre os profetas hebreus por causa da dimensão que revelou seus sentimentos pessoais. Os outros faziam suas profecias sem dizer muito do que se passava dentro deles, mas Jeremias revela seu coração turbulento de homem que foi escolhido um pouco contra sua vontade para esta missão.

Talvez esta relutância se tenha baseado em sentimentos de incapacidade pessoal diante da tarefa quase impossível de fazer o reino de Judá voltar em verdadeiro arrependimento.

Nada parecia dar certo para Jeremias.

O sofrimento do povo, já com o cativo babilônico, não conduziu ao fim que Jeremias esperava. Jeremias chegou a duvidar da intervenção divina. Sentia-se sozinho, na escuridão da aparente rejeição do Todo-Poderoso.

Aprisionado, ele sentia-se sozinho e abandonado. Quando orava, parecia não haver resposta. *Ainda quando clamo e grito, ele não admite a minha oração*, diz ele em Lamentações 3.8-11. Jeremias expressa seu sentimento de total solidão no meio de um povo atarefado.

Nosso processo de cura começa quando pensamos que toda esperança se foi, e então nos lembramos de como Deus tem sido perseverante conosco, apesar de nossa rebelião e persistência.

Jeremias descobriu, com o passar do tempo, que precisava muito mais de Deus do que das respostas dele. Jeremias havia mudado. Em vez de desejar a esperança do SENHOR, ele quis experimentar a esperança no Senhor (Ver Lm 3.25-26).

E o texto da perícopes do primeiro domingo após o natal ressalta um Jeremias vibrante, com uma mensagem vibrante, de esperança, de consolo, de cuidados divinos, aspectos estes que são realmente próprios para um ano que se inicia.

Agora Jeremias via uma luz no *fim do túnel*. Após ter achado que sua pregação de Lei ao povo de Deus e aos seus reis de nada tinha adiantado, a Lei de Deus se fez notar nas circunstâncias desanimadoras nas quais Judá veio a passar. A deportação do povo para o cativo babilônico, e suas conseqüentes agruras, criaram o clima perfeito para que o povo do SENHOR refletisse em sua apostasia, considerando a voz de Deus por meio do profeta. E agora, Jeremias, tendo amadurecido em seu próprio relacionamento com Deus, novamente serve de arauto de uma comovente pregação de Evangelho. Assim, particularmente dentro deste contexto literário no qual Jeremias traz *mensagens de consolo* (30.1-31,40), nos deparamos com o texto da perícopes em questão caracterizando um povo que estaria arrependido, consolado e contente com as maravilhas de Deus. Tais características são exatamente os elementos próprios para *esperança* do povo escolhido, características que expressam a certeza da restauração realizada pelo SENHOR Deus. Acima de tudo, uma *esperança* que haveria de se firmar *no* Senhor. Jeremias e o povo podiam crer que o SENHOR

não tinha desistido deles. Deus não desistiu, mas por meio desta mensagem profética e tipológica, *lahweh* demonstra que está no controle da situação, e que não há dispersão que Deus não possa congrega. Quando o povo voltar cuidará dele como um pastor *zela pelo bem-estar de suas ovelhas* (Harrison).

Nós, no século XX, conhecemos muito mais das paixões de Deus do que o povo de Israel e que o próprio Jeremias. No domingo anterior a este lembramos o cumprimento da promessa da vinda do Salvador ao mundo: *Deus não desiste!* Cristo foi a misericórdia encarnada (cf. epístola deste domingo). Os atos poderosos de Deus dispensam a desesperança, (cf. o Início deste domingo) *Ele é o Senhor que intervém, que invade, o SENHOR da criação e da história humana. Nossa magra esperança é substituída por uma esperança viva.* Uma esperança que é atualizada, renovada, repetida, a cada dia, quando Deus nos fala por intermédio de sua palavra. E esta verdadeira esperança - que só o SENHOR pode nos dar - nos há de auxiliar neste novo ano que entra. Há de nos auxiliar nos problemas e decisões do dia-a-dia. *Seja o que for que o Ano Novo nos dê ou nos tire, é uma bênção quando nada der certo e nossa esperança humana se acabar. É aí que buscaremos e encontraremos uma esperança tão certa como o próprio SENHOR. A esperança que Jeremias encontrou nova a cada manhã e anunciou ao povo de Deus, é nossa a cada momento, pois o SENHOR não é apenas a nossa porção-ele é o nosso poder, poder para esperar! Pois Deus diz: "tornarei o seu pranto em júbilo e os consolarei; transformarei em regozijo a sua tristeza..." e assim, "a virgem se alegrará na dança, e também os jovens e velhos".*

Tema: Esperança Humana x Esperança Divina

1. Introdução: o que você faz quando nada dá certo? O que você faz quando você tem problemas, pede a ajuda de Deus e nada acontece?

2. Esperança utilitária: quando a fonte de nossa esperança são os acontecimentos. Caracterizar esta esperança como a realidade de muitos momentos de nossa vida. Isto demonstra se buscamos a Deus mais pelas respostas aos problemas ou buscamos a Deus em primeiro lugar. (Tal análise poderá servir como pregação de Lei).

3. Analisando o autor, contexto e o texto

a) Jeremias aprendeu a buscar a esperança real ao invés de uma esperança utilitária;

b) O povo de Judá precisou "sentir na pele" a Lei de Deus; assim ficou preparado para ouvir a mensagem do Evangelho;

c) A mensagem de Esperança: o doce Evangelho que expressa um Deus que não desiste!

4. Aplicação da Mensagem do dia

a) Nós conhecemos muito mais das maravilhas de Deus (ligar com a época do Natal, cumprimento da promessa; cf. intróito deste domingo, epístola e evangelho: Deus revela suas maravilhas em maneiras que fogem a todas as nossas expectativas).

b) É uma bênção quando nada der certo e nossa esperança humana se acabar. É aí que buscaremos uma esperança tão certa quanto o SENHOR.

c) Deus é o nosso Pastor, que nos congrega para junto de si, é a fonte da verdadeira esperança!

**Renato Hoerle Ji-
Paraná, RO.**

PRIMEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA 8 de Janeiro de 1995 Isaías 42.1-7

Leituras do dia

Salmo 45.7-9 - O amor à justiça e a indignação para com a iniquidade são, para Deus, os tesouros mais preciosos, os perfumes mais raros, as roupas mais luxuosas que existem e o prestígio mais elevado possível. O Servo de Deus tem essas características, por isso é seu ungido.

Atos 10.34-38 - Injustiça é discriminar pessoa e promover a discórdia e a intolerância. Justiça é reconhecer a absoluta igualdade de todos e quaisquer pecadores diante do Deus santo e justo, e, ao mesmo tempo, é promover a pacificação anunciando o evangelho da paz de Jesus que

reconcilia a humanidade com Deus. Essa é a missão de Jesus que, ungido com o Espírito Santo e com poder, saiu desde a Galiléia e por toda a Judéia expulsando o mal e promovendo o bem.

Lucas 3.15-17, 34-38 - Recolher o trigo no celeiro é amar a justiça, queimar a palha em fogo inextinguível é odiar a iniquidade. O fogo simboliza a purificação. A purificação se dá quando a injustiça é condenada e, por causa do Espírito Santo, permanecem os frutos da justiça.

Como todo o povo Jesus também é batizado, mas é ele o grande motivo de prazer para o Pai porque, como ninguém, ama a justiça e aborrece a iniquidade.

Contexto

Os profetas mostravam a mão de Deus que, dirigindo os babilônios, punia as injustiças em Israel. Também mostravam que o gentio Ciro seria o instrumento de Deus para posterior libertação. Porém Isaías vai mais longe e mostra que, apesar de Deus dirigir outros povos em função de Israel e apesar de Israel ser povo de propriedade exclusiva de Deus, o Senhor não é exclusivo de Israel. A necessidade da justiça e direito é algo tão universal como o próprio Javé. Israel se diferencia dentre os demais povos porque dele sairia o Ungido do Senhor para promover a luz, a justiça e o direito entre todas as nações que vegetavam nas trevas.

Texto

Vv.1-4 - Deus tem prazer no seu servo por Ele ungido e dá as razões: Justificou o gentio (v.1b); a doutrina dele trouxe esperança aos gentios (v.4b); implantou justiça entre os povos sem uso de violência (v.2); não realizou a sua obra à custa dos mais fracos (v.3); foi teimosamente fiel à sua missão mesmo nos momentos de maior oposição violenta (veja Mt 5.39b-41) (v.4a).

V.5 - O Senhor é Deus de toda a natureza e de todos os povos. Foi ele que tudo criou e deu vida a todos os povos, por isso Ele deve ser reconhecido também pelos gentios.

Vv. 6-7 - A missão de mediador da aliança do Senhor com o povo transcende esse povo e se abre para qualquer um que necessite de socorro. A justiça salvadora de Deus exercida pelo seu Ungido é luz em qualquer

lugar onde haja trevas. A ignorância em todo o seu amplo e perverso sentido é cegueira, e tudo o que reprime a possibilidade de uma vida plena é escravidão.

Proposta homilética

Introdução - A história do relacionamento de Deus com a sua criação tem sido uma história de dor e sacrifício. Deus sofreu muito com a queda e destruição da humanidade, Deus sofre com o crime, a injustiça e com a infidelidade de seu povo. Porém chegou a hora de Deus novamente sentir alegria e prazer, chegou à hora da restauração promovida por seu servo ungido, Jesus Cristo.

I - O mundo decaído perdeu o amor e a razão humana tornou-se egoísta e às vezes confusa;

A - O egoísmo gerou a injustiça, desigualdade, discriminação e o cativeiro (Rm 1.28-31);

B - A mente confusa criou superstições, medos inúteis e vãs filosofias que aprisionam almas (Cl 2.8);

II - Apesar de decaído, o mundo foi amado por Deus;

A - O amor à humanidade infiel faz Deus sofrer (Os 11.1-4; Lc 19.20; Lc 13.34);

B - O amor à humanidade leva Jesus ao sacrifício (Jo 3.16; Jo 15.13; Ef 5.12);

B.a- As clássicas revoluções humanas contra injustiças têm sido muito violentas e custado a vida de muitos, especialmente dos mais fracos;

B.b- A implantação da justiça graciosa de Deus foi através de sacrifício pacífico, solitário, único e mudo do Cordeiro de Deus (v.2; At 8.32);

B.c- É muito freqüente o desânimo dos cristãos diante das injustiças da atualidade, é grande a tentação de calar, de consentir ou até mesmo de participar delas. (Rm 12.2);

B.d- Jesus foi teimosamente fiel e paciente mesmo diante da oposição violenta (v.4; Mt 5.39b-41).

III - O amor-sacrifício valeu a pena:

A - A vida e justificação estão garantidas a todos (At 13.38-39; Jo 10.10b-11);

B - Deus se alegra com a obra da justificação (Is 53.11; Lc 15.7).

IV - "as terras do mar (gentios) aguardarão a Sua doutrina".

A - Hoje a missão de Jesus de levar a doutrina aguardada aos gentios é a nossa missão (1 Pe 2.90);

B - Queremos ser fiéis a essa missão.

Conclusão - a alegria de Deus com o seu Servo ungido é motivada pela abrangência de sua obra:

A - Essa alegria e prazer inclui cada pecador arrependido que retorna à justiça (Lc 15.6-7a);

B - Essa alegria inclui cada um de nós que tem prazer em cooperar (1 Co 3.9);

B.a - Cooperar para que o gentio receba a doutrina esperada e viva (v.4b);

B.b - Cooperar para que com perseverança teimosa a Justiça prevaleça na terra (v.4a).

Jaime Kuck
Florianópolis, SC.

SEGUNDO DOMINGO APÓS EPIFANIA

15 de Janeiro de 1995

Isaías 62.1-5

Leituras do dia

A) Sl 36.5-10 - Este é um Salmo de contrastes poderosos. De um lado a maldade humana, do outro a bondade de Deus. Os vv. 1-4 retratam um homem corrompido pelo pecado e empenhado em trilhar o caminho do mal. Os vv. 5-10 apresentam um Deus benigno, fiel e amoroso. Um Deus que vem de encontro deste homem, dando-lhe de beber do manancial e manifestando-lhe a sua luz, que é o tema da Epifania.

B) 1 Co 12.1-11 - Paulo fala da função do Espírito Santo na vida dos cristãos. É a obra do Espírito Santo no coração do homem que o capacita a reconhecer o seu pecado e confessar Jesus Cristo como Senhor. Por meio do evangelho o Espírito Santo chama este homem, ilumina-o com seus diferentes dons, santifica-o e conserva-o na verdadeira fé. Independentemente dos dons que o Espírito dá, os cristãos devem usar os mesmos com o intuito de propagar que Cristo é Senhor e Salvador do mundo.

C) Jo 2.1-11 - João sempre se refere aos milagres de Jesus como "sinais", palavra esta que enfatiza muito mais o significado da ação do que o milagre em si. O sinal aponta para Cristo. Por trás do sinal imediato está uma profunda manifestação da divindade de Jesus. Epifania é o período da igreja no qual é lembrado a manifestação de Jesus Cristo para o bem de todos os povos (lema da IELB). Com este primeiro sinal Jesus inicia o seu ministério, apontando para o último e maior sinal, a cruz e a tumba vazia.

Contexto

A tríade de capítulos (60, 61,62) apresenta o caminho para fora das trevas, em direção à luz da glória. A famosa perícopé de Epifania (60.1-7) exorta a congregação a se levantar e a testemunhar a epifania do Senhor. Enquanto a escuridão ainda cobre o restante da terra, a tão esperada luz nasce sobre Jerusalém, e a partir do seu resplendor, outras nações também são atraídas. O capítulo 61 (citado por Jesus em Lc 4.18,19) apresenta a redenção da humanidade do pecado e de sua horrível consequência. Isaías 62 é prova incontestável da vontade de Deus em enviar a sua Palavra de luz a fim de iluminar as almas obscurecidas dos povos, para que todos vejam a glória do Senhor.

Texto

A profecia com respeito à glória de Sião e sua perfeição, neste capítulo, alcançam o seu ponto mais alto de exaltação: a congregação dos redimidos é apresentada como a noiva do Senhor e, com tal, recebe um novo nome dado pelo seu noivo. Há uma relação entre Jerusalém e o Senhor, a qual não pode ser dissolvida, porque a mesma descansa num profundo e verdadeiro amor.

V.1: Aparentemente parece que a promessa havia alcançado o seu grau máximo no fim do capítulo 61, e que nada mais poderia ser acrescentado. Mas este não é o caso aqui. Para nossa surpresa, o Senhor afirma que aumentará o seu esforço a fim de trazer ao mais alto pináculo da glória. O Senhor se move em favor de Sião somente por amor. Porque Sião é a sua própria Igreja, ele não se calará e não se aquietará até que tenha executado gloriosamente a sua obra de graça. Sião agora está em trevas, mas virá o tempo quando sua justiça resplandecerá, e a sua salvação será como uma tocha.

V.2: Os olhos das nações estarão voltados para a justiça de Sião e todos os reis ficarão admirados de sua glória; glória que nenhum deles (nem mesmo todos juntos) poderão de alguma forma possuir. Nesta nova situação, Sião se torna nova, como se nunca tivesse existido anteriormente e seu nome antigo já não é mais suficiente para indicar sua natureza. O Senhor lhe chamará por um novo nome. Somente o Senhor, aquele que faz a igreja justa e gloriosa, é capaz de divulgar um novo nome que corresponda à sua nova natureza, assim como chamou Abrão - Abraão e Jacó - Israel. A natureza deste novo nome se indica nos vv. 4 e 12 (cf. Jr 33.16; Ap 2.17, 3.12).

O termo *sadaq* denota uma qualidade ou condição a qual não pode ser obtida a menos que Deus mesmo a providencie (Is 54.17). Sião se torna "cidade de justiça" (Is 1.26) somente porque "a boca do Senhor" (v.2) lhe dará esse novo nome. A justiça de Deus aparece no seu modo divino de tratar com seu povo, i.e., na redenção e na salvação (cf. Is 45.21; 51.5-6; 56.1).

V.3: Esta é uma imagem gloriosa que projeta o futuro de sião: ela será uma "coroa de glória", um "diadema real"; a peça mais importante no vestuário de um rei (cf. **Ap 6.2; 19.12**).

Vv. 4 e 5: Sião será novamente a amada de Deus. Antes desamparada e desolada, agora se toma objeto de verdadeira afeição do Senhor. Nela Deus se alegrará, oferecendo-lhe um forte e profundo amor, assim como o primeiro amor de um par de noivos. A Igreja, em sua relação com o Senhor, é uma mulher frágil, mas amada, a qual tem o Senhor por seu esposo. Se Deus não tivesse misericórdia de suas criaturas caídas, o destino destas seria o mesmo da mulher infiel, abandonada pelo seu esposo e condenada há viver seus dias em meio às ruínas de sua vida destroçada pelo pecado. Todavia, o Servo viveu e morreu para realizar a reconciliação. Porque "o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade" (Is 53.6) de todos os adúlteros espirituais, eles podem novamente tomar-se dignos de uma nova relação com seu Criador, relação esta íntima e santa, como os laços do matrimônio.

Proposta homilética

Tema: Deus declara o seu amor pela sua noiva - a Igreja.

Introdução: 1) Como é gratificante sentir-se amado. Quem não se lembra de seus tempos de namoro e noivado, quando a gente fazia de tudo para declara nosso amor pela pessoa amada.

2) O texto de hoje é também uma declaração de amor. O noivo é Deus e a noiva somos nós, a sua Igreja.

1. Deus não cessa de declarar o seu amor por Sião (Vv. 1, 4b, 5)
2. Deus estende o seu amor a outras nações (Vv. 1b, 2, 11)
3. O propósito deste amor
 - a) A redenção de um longo e dominante mal (v. 4a)
 - b) Uma nova vida (w. 1b, 2a, 3)
 - c) Um novo nome (v. 2b)

**Ely Prieto Arroio do
Meio, RS.**

TERCEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA **22 de Janeiro de 1995** **Isaías 61.1-6**

Leituras

O Salmo 146 coloca em forma de louvor ao Senhor, toda a expressão da fé verdadeira só nele depositada. A base desta fé que louva a Deus é a sua fidelidade alicerçada na esperança que não frustra, na justiça que se realiza, na libertação que se concretiza, na redenção prometida a todos os povos. Neste Salmo o tema em destaque é a fidelidade do Senhor. A reação de quem é alvo desta fidelidade é expressa em louvor e canto permanentes.

Na Epístola 1 Co 12.12-21,26-27, está a forma e o instrumento através dos quais Deus quer fazer conhecido seu plano universal de redenção das gentes. O Corpo de Cristo (a Igreja), que tem no Senhor sua cabeça e nos fiéis seus membros, este é o instrumento da missão divina. A Palavra é de

Deus, a nova atitude do membro no mundo é realizada por Deus. A Igreja como um todo unânime é testemunho vivo e atuante de Deus na transformação e regeneração de ser humano. O mundo (gentios) olha para a Igreja (povo de Deus) e espera ver nela palavras e ações em conformidade com o Evangelho e a salvação realizada pelo Senhor. Fora da Igreja é impossível de se realizar a salvação

No Evangelho de Lc 4.14-21 vemos o próprio Senhor da Salvação lendo aos seus ouvintes de Nazaré a profecia de Isaías. O Salvador os leva à certeza de que nele e por Ele cumpre-se o que da parte de Deus fora prometido. Para que Jesus veio? Para evangelizar os pobres (que reconhecem seus pecados e se arrependem), proclamar libertação aos cativos (que se sabem prisioneiros de si mesmo e de Satanás), restaurar a visão (aos que até então caminhavam cegamente para a perdição eterna), libertar os oprimidos (a maior opressão está dentro do homem, seu pecado) e apregoar o ano aceitável do Senhor (Deus não falha, sua promessa de redenção está presente em carne e ossos).

Contexto

No contexto Deus declara pelo profeta a universalidade de seu plano de redenção. Na proclamação desta salvação Deus chama seu povo (Igreja) como instrumento de divulgação. No Antigo Testamento Deus prepara seu povo para esta missão. Faz este povo, que o abandona, passar pelo deserto (exílio), para que retorne a Ele e coloque tão-somente no verdadeiro Senhor sua esperança presente, futura e eterna. Is 60.16: "Saberá que Eu sou o Senhor, teu Salvador, teu Redentor, o Poderoso de Jacó". Em Isaías 62 Deus declara seu povo (Igreja) como noiva do Senhor, que se prepara para o futuro salvamento e a vida eterna.

Texto

Fica claro que o texto profético refere-se à promessa divina de redenção para todas as nações. Isto fica evidente na leitura que Jesus Cristo faz de Isaías na sinagoga de Nazaré. Ele diz: "Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (Lc 4.21).

A profecia se refere ao que vem cumprir a vontade como Servo de Jeová, o Senhor. Servo ungido com o Espírito do Senhor (Is 42.1), Senhor dos céus e da terra - que envia o seu Servo e, com Ele, o seu Espírito (Is 48.16b).

Ele vem para restaurar tudo o que o pecado do homem destruiu (Is 42.7). Esta é a sua missão para com seu povo, missão da qual Ele é incumbido em palavras e morte (Is 42.7 e 49.9).

Não há dúvidas de que aqui temos palavras proféticas de Servo do Senhor. O Servo do Senhor e o Messias são uma e a mesma pessoa, Cristo.

Os caminhos de Deus são insondáveis. Aquilo que num primeiro momento pode parecer castigo ao seu povo, Ele o transforma em instrumento para trazer outros ao caminho da Vida.

Os que foram levados à fé na verdade de Deus, estes recebem dele uma responsabilidade dobrada. Serão sacerdotes e ministros de Deus. Novamente coloca-se a Igreja, povo de Deus, com a sublime missão de guiar e conduzir as gentes ao encontro da restauração completa que só Deus através de seu Servo Jesus Cristo pode processar na vida humana.

Disposição possível

Tema Central

Cristo, o meio e o fim da concretização do plano redentor

1. Cristo vem como Servo de Deus para cumprir sua vontade (meio ou instrumento da Salvação)

2. Seu plano é para todos (fim ou objetivo da Salvação)

a) A boa notícia é para os que reconhecem sua pobreza espiritual;

b) Esta boa notícia (evangelho) traz libertação interna e externa.

Interna = dos pecados, da morte, do egoísmo.

Externa = do mundo, de Satanás;

c) Esta libertação põe fim ao pranto e ao luto da morte espiritual, dando lugar à alegria e ao louvor permanentes na nova vida em Cristo.

3. Para divulgar tanto o meio (Cristo) como o fim (Cristo), de seu plano de restauração eterna, Deus arregimenta seu povo (Igreja) como seus sacerdotes e ministros no mundo.

Orlando Nestor Ott
Cruz Alta, RS.

QUARTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

29 de Janeiro de 1995

Jeremias 1.4-10

Contexto litúrgico

A temática do dia reflete o ministério da graça de Deus. O Salmo (36) enfatiza a obra de Deus em contraste com as obras dos homens. Da mesma forma, é o ministério daqueles que foram enviados da parte de Deus: Jesus (no Evangelho, Lc 4.21-32), Elias (também no Evangelho) e Jeremias (no Antigo Testamento, Jr. 1.4-10). A mensagem de lei e evangelho, da parte de Deus, destrói para o pecado e constrói para a graça. E Paulo tempera um pouco mais o ministério (na Epístola, 1 Co 12.27-13.13): o amor é o dom que norteia a ação de aplicar lei e evangelho.

A Coleta pode ser: "Deus todo poderoso, tu sabes que viemos em meio a grandes perigos e que pensamos que o nosso saber e o nosso poder são maiores do que realmente são. Protege-nos e guia-nos por caminhos que vão além de nossas forças e através dos perigos e das tentações; por Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor. Amém." (KRAUS, G. *Palavra e Oração*, p. 96).

Contexto do texto

Jeremias desenvolveu seu ministério a partir do décimo-terceiro ano do reinado de Josias, em 626 a.C, até sua morte no Egito, em 575 a.C. Filho do sacerdote Hilquias, nasceu em Anatote, onde passou a maior parte de sua vida, comparecendo em Jerusalém a todas as festas religiosas, devido sua origem sacerdotal. A idade de Jeremias ao iniciar seu ministério era de 20-21 anos. Seu ministério fiel fez com que pregasse contra governantes e sacerdotes infiéis à palavra de Deus. A apostasia, a idolatria e a impenitência do povo de Judá fizeram com que Jeremias anunciasse a destruição próxima de Jerusalém e do Templo, que acontece em 586 a.C.

Texto

vv. 4,5 - O chamado de Jeremias acompanha-o antes mesmo da concepção. Sem dúvida, como filho de sacerdote seria fácil entender seu chamado, mas *lahweh* tem planos especiais para Jeremias, *lahweh* diz "consagrei a ti" (*qadash como hifil pefeito*), revelando um ministério peculiar para Jeremias.

v. 6 - A desculpa dos homens. Jeremias também a usou: "sou ainda criança". Pela idade, 21 anos, sabe-se muito bem que não era mais criança. Talvez estivesse numa situação cômoda, auxiliando o pai no sacerdócio em Anatote.

vv. 7,8 - *lahweh* direciona o ministério de Jeremias: "não só ficarás em Anatote. Vou te "enviar" (*shalach*) para lugares, pessoas e tu irás e tudo o que eu te "ordenar" (*tsawah*), falarás". *lahweh* tira Jeremias de sua situação cômoda, para que seus propósitos sejam anunciados a quem precisa ouvir. Mas *lahweh* não abandona o profeta - concede-lhe força na promessa de salvação (*nawtsal*), nas situações de perigo que o possam amedrontar.

vv. 9,10 - A mensagem que Jeremias terá que anunciar, recebe-a diretamente de *lahweh* - não é necessário inventar, estudar, refletir, pesquisar - ela é revelada (colocada na boca do profeta), pois é a palavra de *lahweh* que será anunciada e não a do profeta. E esta palavra será para todas as nações a fim de: 1) arrancar (*nathsah*), derrubar (*nawthats*), destruir (*awbad*) e demolir (*harac*); 2) construir (*banah*) e plantar (*nawtah*). Por um lado, a mensagem de lei - por outro lado, a mensagem do evangelho. Jesus fala algo semelhante sobre o Templo (sistema religioso) de Jerusalém que irá destruí-lo e em três dias reconstruí-lo (Jo 2.19). No tempo de Jeremias, Jerusalém foi arrasada em 586 a.C. e sua reconstrução foi feita no tempo de Esdras e Neemias (445 a.C.)

Sugestão homilética

Pregar sobre o ministério pessoal de cada membro e o coletivo de toda a congregação requer enfatizar a mensagem de lei e evangelho como sendo a mensagem de Deus. O ministério está muito além de ser apenas uma simples mensagem; pelo contrário, cada cristão carrega consigo mesmo grande responsabilidade em anunciar a vontade de Deus - o mesmo vale para uma congregação. Deixar de anunciara palavra de Deus é o mesmo que anunciar palavras de homens. Dentro deste ministério, lembrar dois aspectos ressaltados nas perícopes: a situação humana de desculpas (posição inicial de Jeremias) para este ministério - mesmo que elas até procedam, os planos são de Deus e Deus não abandona - Ele concede poderes para anunciar a sua palavra (lembrar de Moisés e suas desculpas semelhantes - Ex 3 e 4); e , a ação do ministério em amor (ênfase paulina). Sempre aplicaremos lei e evangelho movidos pelo amor, pois é esta a necessidade do tempo da graça (esta é a conclusão de Paulo no v.13). A diversidade de dons descrita por Paulo caracteriza a necessidade

de aplicar a palavra de Deus em todas as situações temperadas pelo amor, pois por amor Deus nos salvou e salva Cristo.

**Clóvis Jair Prunzel São
José dos Pinhais, PR.**

**QUINTO DOMINGO APÓS EPIFANIA
5 de Fevereiro de 1995
Isaías 6.1-13**

a) Introdução à leitura do dia, texto e contexto

O reino de Judá estava sendo ameaçado pela opressão interna dos governantes e pelas desigualdades no meio do povo. A esse povo Deus quer falar por meio de um profeta. Isaías era um jovem da nobreza de Jerusalém, nascido por volta de 765 a.C, e que recebeu sua vocação em 740, ano da morte do rei Uzias. O livro de Isaías fala do ser humano como manchado pelo pecado, pecado este do qual Deus pede reparação. Isso porque Deus exige justiça nas relações entre suas criaturas e sinceridade e fidelidade no culto que elas lhe tributam. Isaías será, portanto, o profeta da fé por excelência, que conclama o povo envolvido em graves crises à confiança em Deus. Até então Deus tinha enviado gente simples, gente do povo como Miquéias e Oséias, para serem seus profetas. Desta vez ele pergunta: "Quem é que eu vou enviar? Quem será o nosso mensageiro?", e Isaías responde: "Aqui estou eu. Envia-me a mim!" (v.8)

Quando pensamos num profeta ou profetisa, em geral imaginamos alguém que tem visões a respeito do futuro, um vidente que fala de coisas que irão acontecer. Por certo a Bíblia também apresenta esse tipo de profeta. Só que profeta na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, não precisa ser necessariamente um vidente. Um profeta é antes de tudo alguém chamado por Deus para anunciar uma mensagem às demais pessoas, alguém que Deus emprega para proclamar sua vontade em relação a seu povo numa determinada época.

Esse texto permite uma reflexão sobre as exigências de Deus a quem quer ser seu profeta. A quem quer anunciar uma mensagem específica de Deus às pessoas que o rodeiam.

b) Proposta homilética

As exigências de Deus a seu/sua profeta/profetisa

1. O/A profeta/profetisa deve ser alguém que se arrepende do mal que pratica

Isaías diz: "Ai de mim! Estou perdido! Pois os meus lábios são impuros..." (v.5) Ele confessa o seu pecado e faz mais do que isso. Ele não se julga melhor do que os demais por sua confissão de culpa, mas se identifica como tão pecador quanto o seu povo. Pois fala: "Moro no meio de um povo que também tem lábios impuros" (v.5). Toda essa impureza, maldade e injustiça ficam mais evidentes quando Isaías se coloca diante de toda pureza, toda bondade e toda justiça de Deus, no Templo. Ele diz: "Com os meus próprios olhos vi o Rei, o Eterno, o Todo-poderoso". A Reforma da igreja, a partir da qual surgiu a Igreja Luterana, foi marcada já nos seus começos pela ênfase no arrependimento verdadeiro. Isso porque havia a prática difundida de fugir do arrependimento verdadeiro por meio de compensação financeira. As pessoas pagavam aos bispos e ao papa para serem dispensados da reparação do mal que praticaram. Lutero fala o seguinte na primeira das Noventa e Cinco Teses: "Ao dizer: Arrependei-vos porque está próximo o reino dos céus... Nosso Senhor e mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse de arrependimento." Eis aqui a primeira característica do profeta, daquele que anuncia a mensagem de Deus: ele se arrepende do mal que pratica.

2. O/A profeta/profetisa deve ter seus lábios purificados por Deus

Aí um dos serafins 'tocou a minha boca com a brasa e disse: - Agora que esta brasa tocou os seus lábios, as suas culpas estão tiradas, e os seus pecados estão perdoados "(v.6) Depois de apontar para o nosso pecado, depois de deixar escancarado o mal que praticamos, a injustiça pela qual somos responsáveis. Deus não nos deixa na mão. Ele não nos deixa sofrendo. O calor da brasa sempre foi usado para cauterizar feridas. A queimadura dói, é verdade, mas dói muito menos e causa muito menos dor do que a inflamação e a degeneração causadas por uma ferida não tratada. Deus queima a nossa ferida com a brasa. Mas ele não faz isso por sadismo. Ao contrário, Deus toca na ferida da maldade que praticamos para nos purificar para cauterizar o nosso pecado.

A maior mostra de que Deus faz isso por amor é Ele ter enviado Jesus Cristo, que na cruz superou em nosso lugar a dor terrível causada pelo pecado. Deus não quer que morramos de infecção, mas quer que vivamos com saúde plena. Para ser profeta, alguém deve ter seus lábios purificados por Deus. A pessoa não pode achar que é causadora de seu próprio arrependimento, que com sua própria força de vontade consegue identificar o mal que fez. Da mesma forma, ela não pode achar que por si só consegue superar o mal e o pecado. É Deus que age. Ele atua por meio de Jesus Cristo. Quem anuncia algo em nome de Deus, só pode fazê-lo porque o próprio Deus o torna capaz para tal. É o próprio Deus que cria os profetas, a quem irá enviar.

3. O/A profeta/profetisa deve anunciar a dupla mensagem de Deus

O profeta não anuncia sua própria mensagem, mas a mensagem que Deus manda que anuncie. O caso de Isaías, Deus o manda anunciar uma dupla mensagem.

3.1 O/A profeta/profetisa deve anunciar o juízo de Deus

De um lado, Isaías deve anunciar uma mensagem terrível, algo que ninguém gostaria de dizer a outra pessoa, e muito menos ouvir de outra pessoa. A tarefa de Isaías era comparável com a de alguém que precisa noticiara outra pessoa. A tarefa de Isaías era comparável com a de alguém que precisa noticiara outra pessoa a morte de alguém próximo, um parente ou amigo. Deus disse a Isaías: "Isaías, faça que esse povo fique com a mente fechada, com os ouvidos surdos e com os olhos cegos, a fim de que não possam ver nem ouvir nem entender. Pois se pudessem, eles voltariam para mim e seriam curados". Isaías fica perplexo com sua tarefa e pergunta: "Até quando isso vai durar?" E recebeu a resposta de Deus: "Até que as cidades sejam destruídas e fiquem sem moradores, as casas fiquem completamente vazias, e os campos sejam arrasados. Eu, o eterno mandarei para longe deste país, e as cidades ficarão vazias" (9-13a).

Eis uma parte da mensagem que Deus quer que seu profeta pregue. Uma parte terrível. Nós quase não estamos mais acostumados a isso. Aqueles que transmitem mensagens no Brasil, que são os donos dos meios de comunicação de massa, geralmente não transmitem mensagens negativas, que falem do juízo de Deus. Eles só transmitem o que lhes interessa - e que em geral nada tem a ver com a mensagem de Deus - ou então transmitem o que as pessoas gostam de ver e ouvir. 90% das coisas que vemos na TV tratam de coisas bonitas, sofisticadas, luxuosas (automóveis,

roupas, hotéis, planos de saúde privada, etc.), coisas inacessíveis para grande parte de nosso povo, que eles sonham em ter enquanto vivem na miséria, muitas vezes na falta do mínimo para sobreviver. Os meios de comunicação de massa, em geral, não mostram as cidades destruídas e os campos arrasados, eles ocultam o juízo de Deus. Dão uma idéia falsa da realidade. Porém, se os que mais têm condições de mostrar o juízo de Deus não o fazem, isso não quer dizer que seu juízo não deva ser anunciado. Deus quer que o profeta, com sua voz, que muitas some em meio à multidão, anuncie ininterruptamente seu juízo.

3.2 O/A profeta/profetisa deve anunciar um novo começo

A mensagem de Deus que o profeta deve pregar, porém, tem outro lado. "E mesmo que fique no país uma pessoa em dez, ela também será morta. Os que restarem serão como o toco de um carvalho que foi cortado. O toco representa um novo começo para o povo de Deus" (v.13). Do carvalho, que será cortado quando do juízo de Deus, restará o toco. Do toco virá um broto, um novo começo. Eis a parte da mensagem de Deus, a ser pregada pelo profeta, que enche de esperança. Que faz não cair em desespero numa situação marcada pelo juízo de Deus. O cativo, a opressão, a destruição não clarão a palavra final. A palavra final será a do novo começo, da libertação proporcionada pelo próprio Deus. Não uma libertação que está longe, num futuro distante, mas uma libertação que vai se manifestando já agora em nossas vidas, em nossas famílias, em nossas comunidades, em nossa cidade, em nosso país, em nosso mundo.

Conclusão

A libertação que se manifesta junto com o reino de Deus está presente: cada vez em que há arrependimento verdadeiro, cada vez em que há reparação do mal e da injustiça praticados, cada vez em que se anuncia a mensagem de Deus ao mundo. O novo começo e a libertação precisam ser anunciados. Para isso são necessários profetas e profetisas, gente que fale e viva de acordo com a mensagem de Deus. A pergunta feita por Deus há cerca de 2.750 no Templo ecoa até os dias de hoje: Quem é que vou enviar? Quem será o nosso mensageiro?

Ricardo W. Rieth
São Leopoldo, RS.

SEXTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

12 de Fevereiro de 1995

Jeremias 17.5-8

Leituras do dia

Destacam o contraste entre justos e pecadores quanto ao seu respectivo fim, isto é, diante do juízo divino: bênção ou maldição. S11: o justo é árvore plantada junto às águas, o perverso é como a palha; Lc 6.17-26: bem-aventuranças e ais (1 Co 15.12; 16-20). Paulo argumenta em favor da ressurreição dos mortos com base na promessa divina da bem-aventurança (felicidade) dos justos.

Contexto

Jr. 17.5-8 pertence ao conjunto de oráculos (anúncios da Palavra do Senhor) dirigidos ao povo da Aliança. Jeremias anunciou a Palavra de Deus nas décadas que precederam o Cativo Babilônico e a destruição de Jerusalém, denunciando a apostasia e chamando à conversão. Jeremias denuncia a política de alianças dos reis de Judá, e os chama a colocar sua confiança no Senhor, que fez Aliança com o seu povo.

Texto

Vv. 5 e 7 - - 'âr r (maldito seja) (v.5), em oposição a *bâruch* (bendito seja) (v.7), pertencem ao vocabulário da Aliança (Dt 11.26-28; 27.15-28.68). Geber (homem) (vv. 5 e 7), sujeito que confia, designa o homem em oposição a mulher e crianças (Êx 10.11; Dt 22.5; Jó 3.3); *âdâm* (homem) (v.5), objeto da confiança, define o homem em sua condição de criatura (Gn 2.7), o que é reforçado, pelo uso de termo *bâsâr* (carne) (v.5) (Gn 6.3). O verbo *bâtach* com a preposição *bâ* (confiar em) (vv. 5 e 7) tem como objeto *âdâm* e *Yahweh*, respectivamente (Jr 46.25; Sl 118.8,9; 2 Rs 18.5-6). Na oposição *âdâm* e *Yahweh* está o clímax do contraste (Jr 17.9, 10; Is 26.4; Is 45.22; Mt 10.28; Rm 8.31). O objeto da confiança é o poder ou braço (*ziro'*) (v.5) em que se confia para a salvação: 2 Cr. 32.8 Nas alianças as nações buscam fortalecer o seu braço (Sl 83.5-8, Dn 11.6), mas o Senhor é quem fortalece o braço do povo com quem firmou sua Aliança (Gn 49.24, Is 63.12 (Moisés), Sl 89.20-22 (Davi)). A Aliança está baseada no braço do Senhor e não do homem: Dt 5.15 (Êxodo), Sl 44.3 (Conquista de Canaã), o braço do Criador: Jr 27.5, 32.17. Confiar no braço do homem e não no braço do Senhor é apostasia, é apartar o coração do Senhor (Jr

3.10; Is 29.13) assim como confiar no Senhor é apegar-se a ele (2 Rs 18.5,6). A Aliança está baseada em Deus, não homem, mas requer o coração do homem (Dt 6.5; 1 Rs 11.4; 2 Rs 23.3; Ne 9.8; Jr 24.7 e 31.33; Ez 11.19 e 36.36), pois no coração do homem é que está a sua confiança (1 Cr 16.7-9; Pv 3.5; 31.11; Mt 6.21; Rm 10.9), *mibetach* (v.7) está para *batach* (vv. 5 e 7) como "confiança" está para "confiar". RA traduz por "esperança" aqui e por "confiança em sl 40.4 e Pv 22.19. O pecado de Judá consistiu em ter outra confiança senão o Senhor (Jr 2.36,37; Ez 29.16); daí sua ruína ou vergonha. No NT, passagens como Mc 16.16, Jo 3.16 e 1 Jo 5.12 trazem este paralelo de bênção e maldição como resultado da fé ou incredulidade.

Vv.6 e 8 — A comparação enfatiza a vitalidade das árvores em relação ao arbusto, e leva a considerar o habitat de cada um: a aridez do deserto e o barranco de um rio perene (Sl 1.3; Ez 31.5); como a comparação das duas casas (Mt 7.24-27 (= Lc 6.46-49) leva a considerar os seus respectivos fundamentos. Do Senhor somente procede bênção, como de um rio vivificador (Ez 47.12; Jo 7.38; Ap 22.1.2). O justo é como a árvore que frutifica, esta porque está junto ao manancial de águas, aquele porque está comunhão com o Senhor (Sl 1.3; Sl 92.12-15; Jo 15.5).

Proposta homilética

Duas árvores, dois destinos

Introdução: Contraste: arbusto no deserto x árvore junto às águas

/ - *Arbusto solitário no deserto:*

A) Descrição do arbusto: Quem é como este arbusto?

B) O homem que confia no homem é como este arbusto: está sob a ira e maldição de Deus. Exemplo: Judá aparta seu coração do Senhor para confiar no auxílio do homem. O braço do Senhor: Êxodo, Conquista de Canaã, etc. O braço do homem: alianças políticas não salvaram mas arruinaram o reino de Judá.

C) Jesus: construir sobre a areia. O alerta da Palavra de Deus: o juízo vem sobre os que abandonaram a confiança no Senhor (Hb 10.39). Os Ais! De Lc 6.24-26, etc.: confiança an riqueza. Inferno.

// - *Árvore plantada junto às águas:*

A) Descrição da árvore: Quem é esta árvore?

B) O homem que confia no Senhor é como esta árvore: está sob a eterna bênção de Deus. Exemplos: Abraão, Davi, etc. Frutos. Confiança perante Deus, não teme o juízo. Coragem. O braço do Senhor lhe dá a vitória!

C) Jesus: construir sobre a rocha. Jesus é Água da Vida, Rocha, Advogado, Videira, Salvador. Rm 10.9-11. Bem-aventurança por meio de Jesus: Lc 6.20-23. Bem-aventurança eterna: ressurreição.

Conclusão

Confiança em Deus, e no Salvador Jesus.
Colocar sua confiança no Senhor, que fez Aliança com seu povo.

Luisivan V. Strelow
Uruguaiana, RS.

SÉTIMO DOMINGO APÓS EPIFANIA

19 de Fevereiro de 1995

Gênesis 45.3-8a,15

a) Leituras do dia

SI 103.1-13

A multidão de misericórdias impressiona o salmista Davi e o leva a louvar o Senhor. Há um lembrete para não esquecer de nenhum benefício recebido. Dentre a multidão de misericórdias salienta-se, em primeiro lugar, o perdão de todas as iniquidades. Lembra as misericórdias manifestadas já ao povo de Israel e se esforça para descrever a grandiosidade da misericórdia do Senhor (vv.11-13). É a descrição de um Senhor gracioso por quem se reconhece como muito favorecido por tal graça.

1 Co 15.35-38a, 42-50

Inicialmente, há uma preocupação do apóstolo em dizer que a ressurreição é possível, pois Deus tem poder para dar corpo a qualquer semente (35-38a). A seguir, ele expressa a diferença entre o corpo semeado (corrupto, desonrado, fraco, natural, terreno) e o corpo ressuscitado. Carne, sangue e corrupção não podem herdar o reino de Deus e a incorrupção, contudo o Senhor, em sua misericórdia, tornou-se possível, por meio de Cristo, cultivar conosco a mais gloriosa de todas as esperanças: a vida eterna.

Lc 6.27-38

Jesus ensina a prática da misericórdia, misericórdia voltada para quem não tem nada a dar de volta, misericórdia que contraria todos os padrões humanos para se agir e, por isso, proveniente de outra fonte. É misericórdia voltada para o próximo que se encontra necessitado dela. É “fazer o bem sem esperar nenhuma paga” (v.35); lembrar da misericórdia divina por nós e compreendê-la em seu significado e alcance não permite agir diferentemente daquilo que o texto do evangelho prescreve.

Tema do domingo

À luz das perícopes, podemos identificar o tema da seguinte forma: a vida à sombra da misericórdia divina.

b) Texto

O texto dá o exemplo da prática da misericórdia. José tinha todo o poder para exercer vingança sobre seus irmãos. Quem eram eles naquela situação? Não passavam de réus diante do Senhor que tinha o direito de punir as maldades deles outrora cometidas. José, todavia, mostrou-se favorável aos seus irmãos, pessoas que necessitavam, mais do que qualquer outra coisa, da misericórdia dele.

V.3: destaca-se a situação dos irmãos de José. Na qualidade de ofensores de outrora, encontravam-se naquele momento diante de quem haviam ofendido e atentado contra a sua vida. O ofendido de então transformara-se num senhor poderoso com total domínio e controle sobre a vida e o destino daqueles que tinham pecado contra ele. Eram réus diante do juiz, réus confessos e dominados. Por isso, o que se poderia esperar deles naquele momento, a não ser terror?

Vv.4,5: no versículo anterior o destaque foi o temor que se apossou dos irmãos de José. Logo a seguir, contudo, passa a se salientar a atitude de José. Ela impressiona mais porque se revela totalmente do que seria "natural" acontecer. Pelos padrões humanos de julgar o relacionamento ofendido/ofensores, natural seria José cobrar de seus irmãos toda a maldade contra ele despejada em tempos anteriores, para então aplicar a pena justa. Havia, porém, em meio àquela situação, um elemento estranho ao ambiente onde os padrões humanos dominam. Tal elemento estabelece novos critérios de ação, critérios sobre os quais José se baseou para surpreender seus irmãos com uma atitude diversa que eles certamente imaginaram ser tomada. O que de estranho havia naquelas circunstâncias era um coração tomado pela misericórdia e por ela impulsionado, que se mostrara presente de forma tão magnífica na vida de José até então. Da misericórdia de Deus brotou a misericórdia de José e esta falou mais alto do que qualquer outro sentimento. Movido por ela, passou a agir. Em vez de expulsar os irmãos de sua presença, mandou que eles se aproximassem. Não houve repulsa, portanto, de sua parte; pelo contrário, aproximação. Tratou de acalmá-los e até consolá-los, pois, apesar de terem pecado gravemente contra José quando o venderam para o Egito, Deus iria, por misericórdia, transformar em bênção a maldade cometida: "... para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós". Interessante notar que a maldade humana não consegue barrar a ação graciosa do Senhor para com os seus fiéis, fato que ficou evidente mais uma vez naquele episódio. Em consequência, havia um coração sob os raios da misericórdia em condições de retransmiti-los a outros corações dela necessitados. Em última análise, portanto, os irmãos de José estavam sendo beneficiados pela misericórdia divina em ação através daquele irmão outrora rejeitado. Não é possível descrever toda a importância da misericórdia de Deus para aqueles homens, assim como também é impossível descrever toda a beleza de um ato em que um filho de Deus serve de retransmissor da misericórdia divina.

Vv.6, 7, 8a: José tratou de deixar claro para os irmãos o porquê da sua certeza sobre o verdadeiro motivo de sua vinda ao Egito: "... para conservar vossa sucessão na terra, e para vos preservar a vida por um grande livramento". O futuro da família de Jacó, da qual viria a grande nação profetizada por Deus, dependia da vinda de José ao Egito. Alcança longe a misericórdia divina! Onde seu alcance se faz presente, os resultados sempre serão para construir e não destruir. A família de Jacó não seria consumida; o povo prometido por Deus, do qual viria também o Salvador do mundo, estava garantido. Não refletimos suficientemente sobre o alcance da misericórdia! Entre ela e a vingança ou desforra imediata, muitas

vezes nos inclinamos com muita facilidade para esta última. Seu alcance também poderá ir longe, contudo, onde chegar, espalhará maus resultados com poder de destruição.

V.15: a misericórdia é um sentimento e, como tal, se não for exteriorizado, não será percebido. A forma como José o manifestou no texto atinge o seu clímax na descrição do versículo 15: "beijou a todos os irmãos e chorou sobre eles". Os irmãos estavam sendo aceitos por aquele que, na qualidade de senhor sobre todos, dispunha de poder total sobre a vida deles. E o que aconteceu? Aquele poder não foi usado para executar vingança, todavia cedeu seu lugar para que emergisse um outro poder, o poder do amor. É possível ver na cena descrita por este versículo uma prefiguração daquilo que acontecerá no juízo final, quando todos estaremos nas mãos do Senhor dos senhores, que também nos tratará com misericórdia e nos acolherá com palavras e gestos amorosos. Vivemos hoje à sombra da misericórdia divina e nutrimos a maior esperança de nossa existência com a sua oferta e promessa. O que esperará Deus de quem vive à sombra de sua misericórdia?

c) Proposta homilética

Tema: vida à sombra da misericórdia divina.

Introdução: O valor de uma sombra protetora dos efeitos de um sol escaldante. Mensagem trará o valor de uma outra sombra: a projetada sobre nós pela misericórdia de Deus.

I - Nossa situação "ao sol", sem a sombra.

II - Os efeitos da sombra para a nossa existência no tempo e na eternidade.

III - Os efeitos da sombra para a existência dos outros. Somos retransmissores da misericórdia divina. Para quem? Os outros, ou seja, a quem quer que dela carecer.

Conclusão

A suficiência para agir à sombra vem daquele que estende a misericórdia sobre nós. Sua suficiência é concedida a nós através dos meios da graça, habilitando-nos a contemplar outros com aquilo com que temos sido magnificamente contemplados.

Paulo Moisés Nerbas

A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

(Último Domingo após Epifania)

26 de Fevereiro de 1995

Deuterônômio 34.1-12

Introdução

A igreja cristã passa por crises. No passar do tempo sentiu sempre a necessidade de buscar sua identidade, de traçar o seu perfil com o fim de levar o santo evangelho ao homem de nosso tempo. Parece que o povo de Deus vive cansado. A "tensão escatológica", vivida intensamente no passado, parece estar ausente na vida de muitas igrejas. Tem-se a impressão de que o povo de Deus se acomodou. Será que uma certa entrega do homem ao espírito materialista consegue paralisar a atividade da igreja cristã? Pode-se afirmar de que o "não-envolvimento" de muitos na atividade da congregação revela certa fraqueza ou até estagnação na vida espiritual? Precisamos refletir novamente sobre o "porquê" da vida cristã. Onde encontrar a "motivação certa" para promover uma vida congregacional e eclesial satisfatória? Nada melhor do que mergulhar na palavra de Deus. As experiências vividas de grandes personagens bíblicos foram escritas para o nosso ensino e podem ajudar-nos na busca da solução das nossas dificuldades.

Conteúdo

1. Moisés, servo fiel de Deus, enfrenta os últimos momentos de sua vida. Momentos nos quais ele não está sozinho. Deus está com ele. Assim como esteve ao longo de uma caminhada. O Deus que o convocou como servo e o acompanhou em todos os momentos de sua existência terrena, este mesmo Deus o ampara na hora da sua morte. O Senhor Deus havia educado o seu servo Moisés, e ele havia aprendido a seguir o seu chamado e cumprir sua santa vontade. Agora, no momento da despedida, Moisés tem a certeza de estar com Deus. Uma união vivida se estende em direção de uma dimensão além-morte. "Assim morreu ali Moisés... segundo a palavra do Senhor" (v.5). Um imenso contraste para com o "lastimar-se" da Senhora Simone de Beauvoir que, antes da sua morte, confessou, coerente com sua visão ateísta: "Às vezes fico horrorizada perante o pensamento de ser diluída ou anulada para o nada. Toda cultura vivida: De repente não permanece nada. Descubro, consternada, que fui lograda".

2. Moisés obedeceu a Deus. Subiu ao monte Nebo (cf. Dt 32.49) e Deus lhe mostra a terra prometida. Ao servo Moisés foi permitido "ver" o que até neste instante foi conteúdo de sua esperança. Um momento sublime, pois o servo de Deus pode contemplar o cumprimento de uma promessa feita há muito tempo (cf. v.4). Moisés confiou e obedeceu. Por ter aprendido a obedecer à palavra do Senhor este servo pôde perceber o quanto vale confiar e obedecer à voz do Senhor. Dimensões jamais imaginadas se abrem à sua frente. Deus afirma: "Eu te faço vê-la com os teus próprios olhos" (v.4 cf. Jo 20.29). Dietrich Bonhoeffer, em seu livro "Discipulado", afirma: "Somente aquele que crê é obediente". Moisés e todos os outros crentes poderão "ver" pois creram na palavra do Senhor.

3. A situação de Moisés, naquele monte, sinaliza que ele cumpriu com a sua missão. Mesmo em fraqueza, o servo de Deus tem alcançado o seu objetivo. Moisés e o povo escolhido de Deus aprenderam, ao longo de uma grande história, o que significa estar sob a tutela do Senhor do mundo. A história narrada mostra que o mais importante na vida do povo do Senhor é o respeitar da vontade do Senhor. O povo do Senhor de nosso tempo precisa aprender a "ouvir" qual a vontade do Senhor em determinado momento histórico. Deus tem a "sua história" com cada membro do seu povo, com cada família ou congregação cristã. Importa ouvir e atender o seu chamado.

4. Os relatos novotestamentários mostram o quanto a pessoa de Moisés foi conhecida naquele tempo entre o povo de Deus. O próprio Cristo foi interpretado como um "novo Moisés". A narrativa da morte de Moisés tem certamente uma mensagem para o momento da transfiguração (cf. Lc 9.28-36), pois neste momento se evidencia uma "outra realidade" que se manifesta para Jesus e seus discípulos. A partir do cumprimento das antigas promessas na pessoa de Jesus Cristo a mensagem do Novo Testamento se torna transparente e permite a interpretação a partir dos relatos veterotestamentários. A ressurreição de Cristo abre a visão para o futuro. A dimensão escatológica será a constante em toda vida da igreja. Sem esta dimensão, reconhecida e vivida, não haverá vida verdadeira na igreja. Cristo prometeu: "Eis que estou convosco...". O evangelho proclamado contém tudo o que os cristãos necessitam para a sua vida com Deus. O mesmo evangelho abre a nossa visão para uma vida além-morte. O conceito da "terra prometida" se transforma numa dimensão na qual Cristo nos afirma: "Eu vivo e vós vivereis também". O grandioso fruto da caminhada do povo de Deus é o "estar com Deus", a partir da despedida. Pela fé os cristãos podem ouvir a palavra de Deus que afirma "Eu te faço vê-la". Atrás destas palavras reconhecemos a voz daquele que ressuscitou Jesus.

Somente ele pode garantir o cumprimento de suas promessas, como de fato aconteceu na gloriosa ressurreição de seu Filho. Ele nos dará, com ele todas as cousas (cf Rm 8.32).

5. A vida e morte de Moisés contêm uma grande lição para o povo de Deus de nossos dias. Moisés foi modelo em seu dinamismo e em sua liderança. Por intermédio das situações enfrentadas aprendeu o que significa viver uma vida consagrada. O dinamismo real na vida cristã, oriundo do evangelho, se manifesta na atitude daquele que "avança para as cousas que diante dele estão" (cf. Fp 3.13). A verdadeira esperança vivida não deixa parar. O evangelho quer envolver cada cristão "enquanto é dia". Deus dá a seu povo a força necessária para enfrentar vida e morte. Por isto o cristão se prepara e canta: "Por Cristo, ó Deus, concede a mim um bem-aventurado fim".

Esboço

Deus conduz o seu povo. Ele convida a:

1. Obedecer à palavra
2. Confiar nas suas promessas
3. Estar com ele na eternidade.

Hans Horsch

PRIMEIRO DOMINGO DE QUARESMA 5 de Março de 1995 Deuteronômio 26.5-10

Contexto litúrgico

O primeiro domingo de Quaresma é tradicionalmente o domingo em que se medita sobre a tentação de Cristo. Como evangelho, a série histórica ou tradicional previa (e ainda prevê) o texto de Mateus 4. A série trienal destaca para cada ano o relato de um dos sinóticos, sendo que no ciclo C lê-se Lucas 4.1-13.

As leituras e os demais própria assinalados para este domingo constituem um "prato cheio", a ser aproveitado pelo pregador. O salmo 91 fornece também o texto do intróito, traz as palavras que o diabo citou no pináculo do templo. A epístola, Rm 10.8b-13, lembra algo que é importante também no contexto da tentação: "Todo aquele que nele crê não será confundido" (v.11), e "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (v.13). Na oração do dia (coleta) pedimos que Deus nos guie, para que, por sua proteção, sejamos preservados de corpo e alma. O gradual nos estimula a fitarmos os olhos firmemente em Jesus (Hb 12.2) e a revestirmo-nos de toda a armadura de Deus (Ef 6.11).

Apontamentos sobre Dt 26.5-10

Dt 26.5-10 aparece ao final da parte intermediária de Deuteronômio (Dt 12-26), por muitos considerada a parte principal do livro e conhecida também pelo nome de "código deuteronomista". Dentro dessa coleção de leis, nosso texto é parte da regulamentação das primícias dos produtos do solo. Os versículos 5-9 são, a rigor, um credo, uma confissão de fé, que, diga-se de passagem, reúne alguns dos temas mais importantes de Deuteronômio (e.g. "o lugar que o Senhor escolheu para fazer habitar o seu nome", v.3; e o dom da terra). Esse credo resume a história da salvação e está centrado na libertação do Egito.

O credo começa falando do pai arameu errante que desceu ao Egito. (No hebraico, há uma concisão poética: *arammi obed abi*). Trata-se de uma clara referência a Jacó. O que não é tão claro assim é o sentido do participio *obed* (v.5), que qualifica o termo "arameu". Pode ser traduzido por "prestes a perecer" (Almeida) ou "errante" (BJ), "que não tinha lugar certo onde morar" (BLH). O contexto sugere que "errante", "peregrino", é melhor tradução.

Marcante é o final da perícopes, no v.10. O israelita traz as primícias dos frutos da terra que o Senhor lhe deu. A terra é dom e os frutos são dons, Trazer as primícias não é pagamento de promessa nem tentativa de barganhar com Deus. É, isto sim, reconhecimento de que tudo vem de Deus. Ofertar é parte do culto ("te prostrarás perante o Senhor", v.10) e acontece num contexto de alegria ("alegrar-te-ás", v.11).

Sugestão homilética

No domingo em que a tentação de Jesus está em foco, o pregador não está livre de tentação. Uma delas, especialmente aguda no ciclo B (Marcos), é a de esquecer o breve texto que se tem à frente e pregar, ou o texto de Mateus ou o de Lucas. Neste ano, a tentação é ignorar o texto de Deuteronômio e ficar com o texto de Lucas. Não há pecado em ceder a tal tentação (afinal, aqui o pregador é soberano), mas, a bem de uma maior variedade, seria interessante aceitar o desafio de pregar o Antigo Testamento. Neste caso, como fazê-lo? O texto parece mais adequado a uma festa da colheita ou culto de ação de graças. Como pregá-lo no primeiro domingo de quaresma? Qual a sua conexão com a tentação de Jesus? Aparentemente, nenhuma. Uma leitura cuidadosa, no entanto, revela que existe relação entre Lucas 4.7 ("se prostrado me adorares, toda será tua") e Dt 26.10 ("te prostrarás perante o Senhor").

Feita a conexão, pode-se aprofundar o tema da tentação no que diz respeito aos dons deste mundo, que são dons de Deus. Eis alguns enfoques: 1. Existe a tentação de ver os dons, não como dons, mas como frutos de nosso esforço. Deuteronômio ensina que a criação (a terra) e a redenção (o êxodo) são dons de Deus. 2. Existe a tentação de querer receber os dons ("a terra"), não de Deus, mas de Satanás. Deuteronômio 26 mostra quem deve ser adorado. 3. Existe a tentação de ver a oferta como uma espécie de barganha, ou pagamento que se faz a contragosto. Deuteronômio 26 lembra que há todo um credo que fundamenta o ofertar e aponta para o tema da alegria (Dt 26.11). 4. Existe a tentação de querer vencer esta e outras tentações com recursos próprios. O evangelho do dia nos ensina que Cristo é vitorioso e que somente nele teremos vitória. (Lembrar, a propósito, a ilustração de Lutero: Se o diabo nos fustiga os pés, a solução é, não querer rechaçá-lo a pontapés, mas acocorar-se (prostrar-se!), para que o manto de Cristo nos cubra!)

Vilson Scholz

SEGUNDO DOMINGO DE QUARESMA

12 de Março de 1995

Jeremias 26.8-15

Leituras

O Salmo 4 é um salmo de confiança em Deus na angústia. Davi confia na justiça divina quando está cercado de inimigos que desejam o mal e sua ruína. Confessa que no Senhor sente-se seguro.

Em Filipenses 3.17-4.1 o apóstolo Paulo lembra a seus leitores e ouvintes que há pessoas que de fato são inimigos da cruz de Cristo. Exorta a que permaneçam firmes no Senhor.

Na leitura do evangelho de Lucas 13.31-35 temos um exemplo de alguém que quer matar Jesus: Herodes. Jesus não se amedronta diante dele, mas ainda diz palavras de tristeza e dor sobre Jerusalém, a cidade santa, cujos habitantes careciam de santidade.

Contexto

O povo de Judá numa falsa segurança, o que ofendeu a Deus. Yahweh ordena a Jeremias que confronte a assembléia dos adoradores no átrio do templo com todas as palavras para que em tempo haja arrependimento. Nenhuma palavra deveria ser omitida para anunciar com toda a força o juízo do Senhor Deus que iria destruir o templo e a cidade de Jerusalém por causa da maldade de suas vidas. O profeta Jeremias aponta para uma tragédia que estava por vir caso não houvesse mudança de vida.

A reação á pregação de Jeremias é forte. Uma multidão composta por sacerdotes, profetas e povo se insurge contra Jeremias, exigindo que seja executado por blasfêmia contra a santa habitação de Deus (7-9; cf Dt 18.20). Os príncipes, informados do incidente, compareceram à entrada de Porta Nova da casa do Senhor. Sacerdotes e profetas instigam o povo contra Jeremias, pressionando dessarte a decisão e ação dos príncipes.

Jeremias defende-se diante desse tribunal improvisado no pátio do templo e insiste em que haja arrependimento por parte dos líderes e do povo! Quanto ao seu futuro pessoal, deixa que eles decidam. O profeta está seguro que cumpriu seu dever como servo de Deus. Falara em nome

do Senhor. Lembra aos seus inimigos que caso o matassem, acrescentariam à sua culpa já existente o derramamento do sangue inocente, o que também traria punição do justo Senhor dos exércitos.

Yahweh enviara Jeremias para falar ao povo palavras que produzissem vida nos seus corações. Jeremias fora fiel no seu ministério profético, mesmo que isso lhe custasse muito como pessoa e ser humano.

Jeremias não foi executado nesse momento difícil de sua vida. Reconheceram que falara em nome do Senhor, mesmo que nem todos aplicassem sua palavra às suas vidas.

Texto

V.8 - "os profetas"... Houve pessoas que assumiram a dignidade deste ofício sem realmente terem sido enviados pelo Senhor ou comissionado a agir como instrumentos de Deus. Como podemos distinguir autênticos profetas de Deus dos falsos?

V.9 - Consideraram a mensagem de Jeremias um insulto a sua cidade e ao templo. Além disso, acusaram Jeremias de blasfêmia, isto é, de mentir em nome de Deus. Uma multidão raivosa quis executar a sentença de morte aplicada a esse tipo de desobediência da lei. (cf Dt 18.20)

V.10 - Os príncipes de Judá, os governantes, os membros do grande conselho tinham autoridade para sentenciar à morte, mas não a multidão enfurecida. Esses membros do maior tribunal de justiça da nação procedem à investigação dos fatos para formar seu juízo.

V.11 -O orgulho dos sacerdotes e profetas fora ferido pela mensagem do profeta Jeremias. Alias, a liderança religiosa e Jeremias já vinham experimentado sua incompatibilidade há mais tempo. Jeremias era uma pedra no sapato dessa gente conformada com a maldade e pecado do povo. Para atacar Jeremias esses líderes vestem a roupa do falso patriotismo. São os demagogos daquela época. Os tempos não mudam tanto.

V.12 - A profecia de Jeremias referente ao templo e a cidade não era uma mera opinião pessoal, mas a mais autêntica proclamação da vontade do Senhor.

V.13 - O convite a que seus ouvintes emendem seus caminhos e atos revelam um apelo de alguém que quer ajudar seu próprio povo.

V.14 - Jeremias está tranqüilo com respeito a seu futuro pessoal. Não recua diante das ameaças recebidas. Coragem nunca lhe faltou como profeta. Está convicto que fizera o que tinha que fazer. Aliás, essa era a razão de sua vida. Sabia quem ele era e quem era AQUELE que lhe ordenara falar. Humildemente submete-se às autoridades constituídas.

V.15 - Jeremias *reafirma* sua mensagem. Não recua diante das ameaças e perigo. Enfatiza e chama a atenção dos seus ouvintes que sua advertência são palavras do Senhor. Ele é um mero mensageiro.

Meditação

É necessário que tenhamos uma correta compreensão do papel e função de um profeta em Israel para entendermos melhor o profeta Jeremias.

Profetas não eram adivinhos ou médiuns. Não prediziam o futuro com ajuda de uma bola de cristal, com habilidades psíquicas ou poderes extra-sensoriais. É verdade que os profetas falavam do futuro, pois *sob a orientação do Deus Eterno* podiam ler os sinais dos tempos e interpretá-los *a luz da vontade de Deus*.

A responsabilidade dos profetas, no entanto, não era a de predizer o futuro e satisfazer a insaciável curiosidade humana, mas confrontar e consolar o povo em nome do Senhor.

Em nossos dias não faltam aqueles escritores religiosos populares que forcem textos bíblicos de Ezequiel, Apocalipse e Daniel para deles extrair interpretações e previsões do mundo contemporâneo, como o surgimento da União Soviética, ações na China Vermelha e o atual mercado comum europeu. Profecia não é sinônimo de previsão do futuro, mas é a proclamação do Deus eterno na hora certa, para as pessoas certas e com o propósito certo. Foi isso que Jeremias fez. Falou em nome de Deus ao povo daquele tempo visando o arrependimento, o abandonar o pecado e voltar-se para Deus.

Jeremias falou do átrio da casa do Senhor (26.2). E fez isso por uma razão específica: atacar a noção errada aceita pelo povo e líderes de que a presença do templo era a garantia de a nação não ser destruída. Jeremias se opôs a essa visão sacralizada e equivocada ensinada pela religião oficial. Daí se entende porque Jeremias fora acusado de falso profeta. Ele tinha atacado o ensino da teologia dos poderosos da religião que estavam

acomodados em seu orgulho e tradição morta.

Alguém poderia perguntar: Mas como o povo poderia saber que a mensagem de Jeremias era ou não de Deus, se até os profetas oficiais se opuseram a sua mensagem? O tempo daria a resposta se o que Jeremias falava era a verdade ou não. O próprio profeta Jeremias esclarece isso em 28.9 - cf. Dt 18.22. Profetas não provam na hora que sua mensagem é verdadeira. Ele convida a crer, a aceitar, e obedecer.

O povo de Israel vivia em pecado. Muitos talvez pensavam que dizendo orações e fazendo ofertas estariam pagando por seus pecados e estivessem livres para continuar seu estilo de vida. Não entenderam a mensagem de Deus. Preferiam cultivar e defender a "doutrina" da eterna falsa segurança representada pelo templo, até o dia em que os babilônios o colocaram no chão destruído. O tempo e os fatos registrados pela história provaram que Jeremias era o verdadeiro profeta de Deus.

Reflexão homilética

Nós também somos tentados a separar nossa vida da igreja do nosso viver cotidiano. Palavra, sacramento, liturgias, orações e cantos visam equipar-nos, "carregar nossas baterias" para um viver diário do "novo" que Deus Espírito Santo colocou dentro de nós. O verdadeiro filho de Deus quer agradar a seu PAI e SENHOR.

Um enganador é um enganador se ele é ou não um membro da diretoria da congregação. Um fofoqueiro é um fofoqueiro mesmo que seja ou não membro do coro. Amargura, ódio e ressentimento não podem ser removidos pelo cantar de doces hinos. Pecados precisam ser tratados face a face com as pessoas envolvidas. Fé bíblica é um relacionamento com o Deus vivo que implica num relacionamento com as pessoas que estão ao nosso redor, incluindo os não amáveis e os que nos irritam e provocam.

Deus nos ama e promete não nos abandonar e esquecer. Essa verdade, no entanto, não nos transforma em "proprietários" que podem fazer o que quer desse amor e perdão. A graça de Deus não foi e não é barata. Custou a morte do Filho de Deus. Portanto, a idéia popular de que uma vez batizado e confirmado e tudo já está garantido é um dos maiores enganos no campo espiritual. A nova vida criada por Deus no batismo precisa ser alimentada e renovada no exercício da fé e na prática do amor. Nossa fé NELE, nossa maneira de administrar nosso dinheiro e nossos bens e tudo mais do nosso viver diário.

Felizmente se preocupa conosco sobre o que somos e fazemos. Deus nos quer como seu povo, e como *seu tipo* de povo. E é por causa de Seu interesse por nós que Ele nos confronta com Sua vontade, Sua palavra, que tanto nos admoesta como nos consola e conforta.

Gerhard Grasel

TERCEIRO DOMINGO DE QUARESMA
19 de Março de 1995 Êxodo 3.1-
8a, 10-15

Embora a perícopes aparentemente realce a pessoa de Moisés, os personagens centrais, no entanto, são Deus e o povo de Deus.

Conforme At. 7.30, segundo palavras de Estevão, haviam passado 40 anos desde Moisés matara aquele egípcio que estava maltratando um dos descendentes de Jacó. Este ato havia provocado a ira dos egípcios contra Moisés, de sorte que este foi obrigado a se exilar no deserto, em Midiã. Estava resignado. Tinha mulher e um filho. Trabalhava para o sogro. Vida aparentemente tranqüila.

V.1 - Horebe é o monte Sinai. Horebe significa "deserto", "desolação". Assim mesmo este lugar deserto é designado como sendo o monte de Deus. De fato, Deus está em toda parte (Sl 139.7-12). Dele nada se pode ocultar, mas também, onde quer que estejamos, "ele é socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1).

Vv.2 e 3 - Moisés se dispôs a ver a maravilha do fogo, ardendo na sarça, sem contudo consumi-la. Pela natureza estamos rodeados de tantas maravilhas e nem mais nos maravilhamos com a presença do SENHOR em todas elas.

A expressão "Anjo do Senhor" é usada alternadamente com as palavras "Deus" e "Senhor" (v.4) e designa a manifestação do próprio Deus (Jz 2.1-5; 6.11-24; 13.3-22; Zc 3.1-7; 12.8).

V.5 - "Tira as sandálias" é costume que os muçulmanos ainda hoje praticam antes de entrarem numa mesquita. Quando lemos ou ouvimos a Escritura é Deus mesmo que fale conosco. Damo-nos conta disto? Reconhecemos a solenidade destes momentos.

V.6 - "Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão...". Deus se revela como aquele que fez a promessa messiânica aos patriarcas: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). O v.15 reforça este fato. Ele é o Deus libertador ou da salvação.

Vv. 7 e 8 - "Vi a aflição do meu povo". *Aqui está o interesse do SENHOR ao procurar Moisés: o seu povo.* Não se podem esgotar a abrangência, o alcance e o peso deste fato: Deus fala em "MEU povo". Agora, hoje, Deus também tem o SEU povo. Pedro designa os cristãos de "povo de propriedade exclusiva de Deus" (1 Pe 2.9). Mesmo assim, apesar de ser de Deus, o povo passava por grande aflição. Parece ser um contrasenso, ser povo de Deus e assim mesmo estar em aflição. Por que, se confio em Jesus, Deus ainda me deixa passar por aflições? Pergunta que os ouvintes, provavelmente, já se fizeram muitas vezes. Por mais explicações que se possam dar, o que realmente consola é que o SENHOR ouve nosso clamor, conhece nosso sofrimento e ele planeja e sabe quando e como libertar-nos. Além disso (talvez não o compreendemos tão bem quando estamos no meio do sofrimento físico e/ou material), mas da pior aflição, a espiritual, Deus já nos livrou quando permitiu que seu Filho amado sofresse e morresse na cruz. Com esta providência Deus está, igualmente, fazendo subir-nos a uma "terra que mana leite e mel".

V. 10 - Os atos de Deus ele os executa através de meios. Através de anjos: foi como aconteceu o livramento de Pedro da prisão em Jerusalém. Através do alimento: é assim que Deus nos preserva a vida. Através dos pais Deus cuida das crianças. Através de pessoas: foi por Moisés que Deus resolveu libertar o seu povo das aflições no Egito. Os apóstolos e todos os cristãos foram enviados por Jesus para anunciara libertação da escravidão do pecado. Disse Paulo: "Deus nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio" (2 Co 5.19-20). Disse Jesus aos discípulos: "Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim" (Lc 10.16). Estamos conscientes dos comissionamentos para os quais também o SENHOR nos colocou no mundo?

V.11 - O chamado que Deus dirigiu a Moisés e a reação deste, nos fazem pensar na vocação para o ministério pastoral em nossos dias. O chamado que Deus fez a Moisés contraria muitos dos nossos conceitos sobre quem pode ser considerado apto para o ministério. Seria Moisés aprovado segundo nossos critérios? Moisés não se sentiu interiormente vocacionado (v.11), não tinha vontade para lidar com o povo (4.13), não tinha confiança em sua atuação (4.2), não possuía um dos dons que julgamos indispensáveis para o ministério: saber falar (4.10). Chamando este homem, não teria o SENHOR se enganado? Não era a alguém outro que ele quis confiar à libertação de seu povo? Se faltava muita coisa para Moisés, restava-lhe, porém, a virtude da humildade (misturada, é verdade, com muito baixa auto-estima): "Quem sou eu...", aprendida durante quarenta décadas na dura escola do deserto.

V.12 - Sobre a humildade Deus edifica. De fato, não serás tu, Moisés, que libertarás meu povo, serei eu, através de ti, "eu serei contigo".

Este é o requisito dos grandes homens da igreja de todos os tempos; a sua inteira dependência de Deus. É assim que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza (2 Co 12.9). Por isso foi que Deus "escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1 Co 1.27-29). A sua dependência de Deus fez o apóstolo Paulo exclamar "quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Co 12.10). Este posicionamento também teve Lutero após a sua conversão, e o expressou no hino "Castelo Forte". O "eu serei contigo" vale para o povo de Deus ainda hoje (Mt 28.20). Podemos achar mil defeitos na IELB, mas se humildes nos colocarmos sob a dependência do SENHOR, então, "Em Deus faremos proezas" (Sl 60.12), o povo sairá do Egito apesar de toda a oposição de Faraó, passará pelo deserto e chegará à Canaã, apesar de todas as adversidades.

Além disso, confiar no "eu serei contigo" é a mais eficiente terapia contra todo o sentimento de baixa estima.

V.14 - A palavra hebraica traduzida por "eu serei" é a mesma que no v.14, é traduzida por "eu sou".

Sugestões homiléticas

Tema: Eu serei contigo.

1. É a garantia para o sucesso do comissionamento feito por Deus a Moisés para a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito.

2. É a garantia para o sucesso do comissionamento de todos aqueles que ainda hoje atendem ao chamado de Deus para a libertação dos pecadores através da pregação do evangelho.

Tema: O interesse de Deus para com a libertação de seu povo se evidencia:

1. No chamado de Deus feito a Moisés.

2. No chamado de Deus feito através da congregação, ainda hoje, para o ministério pastoral.

Tema: Vi a aflição do meu povo.

1. Foi o motivo que levou o SENHOR a chamar Moisés.

2. É o motivo que leva o SENHOR, ainda hoje, a chamar cristãos para o trabalho na igreja.

Christiano Joaquim Steyer

QUARTO DOMINGO DE QUARESMA

26 de Março de 1995

Isaías 12.1-6

Leituras do dia

Salmo 32: Davi manifesta profunda paz e alegria por causa do perdão dos pecados. De modo especial descreve a experiência de ser humano que vive com algum pecado secreto e não confessado, com a situação de alívio após a confissão sincera a Deus.

1 Coríntios 1.18-31: A salvação não está suportada, não depende exclusivamente da razão. Fundamental é a pregação, a revelação. O Evangelho não somente informa, mas transforma.

Lucas 15.1-3, 11-32: Ensino simples e profundo a respeito do significado do arrependimento e da "alegria do céu" pela salvação de cada pecador, salvação essa completa e perfeita.

Contexto

Esse cântico lembra muito o cântico de Moisés (Êx. 15; Ap. 15.3). As profecias dos capítulos 7-12 são na sua maioria da época do rei Acáz. A situação era difícil e complicada para o povo de Deus.

De certa forma, Isaías se preocupava com os pactos e armistícios assinados e compromissados internacionalmente. Preocupava-se no sentido do povo depositar sua confiança nestes pactos e poder militar, esquecendo ou negando o pacto com Deus, que havia prometido proteger e defender seu povo, povo que lhe pertencia. Se assim ocorresse, o povo se tornaria incapaz de acompanhar seu Deus no Caminho da Salvação definitiva em Jesus Cristo, o novo rei da casa real de Davi. As advertências são sérias: só um resto do povo será testemunha da continuação da obra de Deus e poderá louvá-lo com os cânticos do capítulo 12.

Quando Israel experimenta as libertações dadas pelo seu Deus, como por ocasião de êxodo, os cânticos da sua juventude serão renovados e o povo cantará novamente como nos dias antigos (Os 2.15).

Texto

Os principais exegetas apontam dois cânticos de louvor no presente capítulo, cânticos esses que os remidos entoarão. Em ambos se percebem aspectos dos salmos e do cântico de Moisés.

Vv. 1-3: O cântico agradece ao Senhor porque o seu furor abrandou após um período de ira. Abundância de consolação foi concedida a Israel. A expressão "Deus da minha salvação" é conhecida nos salmos. "As fontes da salvação" (v. 3) são as bênçãos do Senhor, tanto temporais quanto espirituais. É importante ressaltar que, sem a experiência anterior de ira, não haveria razão para esse lindo cântico especial de gratidão do povo de Deus. Deus é o Deus de toda salvação de Israel. Israel nada tem a temer. Deus é a sua força.

Em anos posteriores passou a ser costume cantar esse cântico durante a festa dos Tabernáculos, enquanto o povo tirava água do poço de Silóé (Jo 7.37).

Vv. 4-6: Esse cântico, essa oração por assim dizer de súplica e agradecimento, é ao mesmo tempo um testemunho público da grandeza do Senhor. Que os seus atos feitos em favor de Israel sejam conhecidos

entre as nações, de forma que estas possam juntar-se no ato, na ação de honrá-lo. Diante de todos os ouvidos, em toda parte precisa ser comemorado o fato de que o nome do Senhor foi exaltado devido à redenção de seu povo. O Senhor fez "coisas grandiosas" e toda terra precisa sabê-lo (v. 5). Que exulte e rejubile o povo de Sião, pois para ele foi dada a maior de todas as bênçãos: "o Santo de Israel está no meio de ti".

Para o mundo do Novo Testamento, a salvação já se tornou definitiva pela cruz de Cristo. Esse o papel profético da igreja para testemunho "em toda terra" (v. 5).

A base da igreja, portanto, seu maior compromisso, é proclamara obra da salvação em Jesus Cristo por todo mundo, pois tudo passa, porém o "reino de Deus" permanece para sempre.

Sugestões homiléticas

Deus é deus de toda salvação

por que:

- a) Retirou a sua ira;
- b) Oferece perfeita e completa salvação;
- c) É consolo e força.

Por isso: seus atos sejam conhecidos em todas as nações; para que: toda terra o saiba e possa curvar-se consolada, pois "o Santo de Israel está no meio de ti".

Norberto E. Heine
Porto Alegre, RS.

QUINTO DOMINGO DE QUARESMA

2 de Abril de 1995

Isaías 43.16-21

Tema

O Deus eterno diz:

1. Esse é o povo que criei para que fosse meu;
2. A fim de que desse louvores ao meu nome.

Fé é crer nas promessas de Deus. A grande promessa de Deus é Jesus Cristo (Gn 3.15). Noé creu e achou graça diante do Senhor (Gn 6.8). Abraão "creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado por justiça (Gn 15.6). Os filhos de Israel, no Egito, creram (Êx 4.31) e foram libertados da escravidão (Êx 12.37; 13.4). Pela fé nas promessas de Deus conquistaram a Terra Prometida. Projetaram-se no cenário internacional (1 Rs 4.21-24 e 29-34). "O Deus Eterno diz: Esse é o povo que criei para que fosse meu" (Is 43.18 e 21). Israel não teve qualquer mérito nesta eleição. Deve sua escolha ao amor de Deus (Dt 7.6-8). Deus, no entanto, teve um objetivo em mente. "... A fim de que desse louvores ao meu nome" (Is 43.21). A partir do Êxodo, Israel tinha uma tarefa a cumprir, "vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa" (Êx 19.6). Cabia a Israel o privilégio de anunciar e testemunhar às demais nações a promessa de Deus do Messias e, como "nação santa", servir de modelo aos povos no cumprimento dos seus mandamentos (Is 2.2,3 e Mq 4.2).

Sabemos que Israel não corresponde a esta eleição e propósito de Deus. Igualou-se aos demais povos. Voltou-se à idolatria. Abandonou a Lei do SENHOR. Para chamá-los ao arrependimento sofreram o exílio babilônico. Ao mesmo tempo Deus manteve-se fiel às suas promessas (Dt 32.4 e Sl 117.2). Providenciou-lhes a libertação, o retorno à Terra Prometida. O caminho de volta aos olhos do povo parecia impossível. Havia um grande deserto a percorrer. A falta de água fatalmente os levaria à morte. O profeta então lhes lembra o êxodo. Os filhos de Israel, perseguidos pelo poderoso exército de Faraó, encontravam-se diante do Mar Vermelho (Êx 14). Naquela ocasião Deus removeu o excesso de água. "Abriu um caminho no mar, uma estrada no meio das águas perigosas" (Is 43.16). Pois agora, na volta do exílio, Deus faz "uma coisa nova" (Is 43.19), "farei que jorrem fontes no deserto e que rios corram pelas terras secas" (Is 43.20). E assim como a passagem pelo Mar Vermelho foi uma prova da onipotência do Deus de Israel, a travessia pelo deserto, tendo água em abundância, será motivo de louvor "pelos animais selvagens, pelos chacais e pelos avestruzes" (Is 43.20), ou seja, os povos pagãos. O cuidado e proteção de Deus a favor de Israel no seu retorno à Terra Prometida devia induzir os povos pagãos ao amor de Deus, levá-los ao arrependimento e igualmente crerem na mesma esperança de Israel, isto é, a vinda de Messias.

No Novo Testamento Deus diz à sua Igreja: "Esse é o povo que criei para que fosse meu". Também à Igreja não cabe mérito nesta escolha. Tudo é graça de Deus através do sacrifício vicário de Cristo (Ef 2.8,9). Deus em Cristo libertou a Igreja do cativeiro do pecado. Promete conduzir a sua

Igreja à Terra Prometida (o reino celestial). O caminho é árido (Mt 7.13; 1 Jo 2.15). Mas assim como Deus providenciou água no deserto ao povo que retornou a Jerusalém, Deus em Cristo igualmente oferece fontes de água viva a seus fiéis através dos seus sacramentos e santa palavra (Escritura) (Sl 119.105). Enquanto isso, cabe à Igreja a mesma tarefa e incumbência de Israel no Antigo Testamento, como "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus" (1 Pe 2.9), proclamar as promessas de Deus contidas na obra redentora de Jesus. Nisto consiste o verdadeiro louvar "o seu nome" (Is 43.21).

Walter O. Steyer
São Leopoldo, RS.

SEXTO DOMINGO DE QUARESMA - DOMINGO DE RAMOS

9 de Abril de 1995
Deuteronômio 32.36-39

Contexto litúrgico

O Domingo de Ramos, ou Domingo de Paixão, é um dia de contraste. Nele a Igreja Cristã volta sua atenção pela vez primeira aos acontecimentos da paixão do Senhor Jesus. Em certo sentido este domingo assinala a conclusão da época da Quaresma e, por isso, sugere muitos temas a ela relacionados como meditação, exame de consciência, arrependimento. Por outro, este domingo demarca o início da Semana Santa. Jesus, o Messias, entra em Jerusalém em meio aos gloriosos "Hosanas" que, aos poucos, vão se transformando no arrepiante "crucifica-o".

Leituras do dia

A epístola, o *Carmen Christi*, retrata o contraste entre a humilhação e a exaltação de Cristo para que ao seu nome se dobre todo joelho e toda língua confesse que Ele é *Yahweh*. A leitura do santo Evangelho antecipa os momentos derradeiros da humilhação de Cristo em benefício do povo de Deus e do mundo.

Contexto e texto

Deuteronômio 32 é o Cântico de Moisés. É o último hino (solo) antes da bênção (cap. 33) que tem como seqüência a despedida e morte do servo do SENHOR (cap. 34). O cântico é dirigido a "toda congregação de Israel" (31.30) e o que está dito não é "cousa vã, antes é a vossa vida" (32.47). O cântico trata de temas relevantes como a aliança de *Yahweh* com Israel, seu cuidado para com o povo, a desobediência dos israelitas e conseqüentes penas, a promessa de vingança contra os inimigos de Israel e o livramento final. A mensagem centraliza-se na esperança fundamentada na relação entre Deus e seu povo.

Em termos gerais, a perícopes apresenta Deus repreendendo seu povo que, em tempos de crise e adversidade, deixou o SENHOR e agregou-se a outros deuses. Não obstante - e aí reside o contraste -, Deus ainda quer "fazer justiça" (*din*), ou seja, vindicar, defender seu povo. Este processo e interesse divinos revelam sua compaixão (*nacham*) em relação a "seus servos". *Yahweh* compadeceu-se de seus servos mesmo ao ver que o poder e a força do povo haviam se exaurido na busca de ajuda, consolo, esconderijo em outras rochas que não a Rocha (v. 4, cf. o Salmo do Dia). O termo *yad*, "mão", - instrumento de trabalho, ação, realização -, é empregado para designar força, poder. Israel faz com as mãos o que não faz com o coração; apega-se ao visível porque desprende-se do Invisível. Antes de Israel experimentar novamente a compaixão de Deus, precisa conscientizar-se de sua incapacidade sinergista. Aparelhar-se com outros poderes é não deixar Deus ser Deus. Depois de algum tempo se verifica que o poder e a força de Israel estão esgotados e tornaram-se nulidade (*'azal*)

A pergunta retórica formulada nos vv. 37-38 destina-se a despertara consciência de que tais possíveis fontes de poder eram inúteis porque inexistentes. "Onde estão os seus deuses?" A referência traz à mente acontecimentos vexatórios como o Bezerro de Ouro (Êx 32), a adoração a Baal-Peor (Nm 25) e outros onde a salvação não veio e as conseqüências foram sinistras. A performance dos sacrifícios está, em si, correta, mas o objetivo e a direção estão errados. Funcionalmente os sacrifícios estão comprometidos *coram Deo*. As velas estão acesas nos terreiros, nas esquinas, mas não no altar do santuário. Por isso a descrição dos sacrifícios é feita de maneira irônica pelo SENHOR como se os deuses consumissem a gordura e bebessem o vinho. Os deuses, na verdade, são apenas "consumidores" e, por serem inoperantes, não podem auxiliar na crise e na aflição. (Os ídolos da sociedade moderna não são tão visíveis

como no tempo de Israel, estão camuflados nos horóscopos, figas, pirâmides, gnomos, fitas do "Senhor do Bom Fim"). O povo precisa de um esconderijo seguro e confiável. Na última cláusula do v. 38 um imperativo é introduzido pelo SENHOR para expressar assertivamente a necessidade que Israel tem de Deus: "Haja (*yehi*) esconderijo para vós!".

Ao apelo à própria experiência de Israel sobre a inoperância dos ídolos, segue-se um convite para que o povo reconheça *Yahweh* como único e verdadeiro Deus. A repetição de "Eu" no v. 39 é enfática. "Eu, apenas eu ele" é uma expressão de ser, existir. Eu sou (Ex 3.14; 20.2; Jo 8.24; 18.5). *Yahweh* manifesta seu poder em suas realizações, que Israel já experimentou e irá experimentar. Os verbos radicalmente opostos indicam a amplitude, abrangência do poder divino, abarcando os extremos. Tudo está sob seu poder. Este pensamento, bem como o seguinte - que também é consolador -, que Deus fere mas sara de novo, é freqüente entre os profetas (Os 6.1; Is 30.26; 52.17,18). Deus pode prometer restauração porque apenas Ele é Deus.

Em termos de Domingo de Paixão, este texto revela a fidelidade de Deus a seu povo mesmo quando Israel vive em grande desobediência. Em outras palavras, o texto dá o tom para a Semana Santa. O ato supremo da compaixão divina está no seu gesto amoroso e redemptivo através do sofrimento e morte de Jesus Cristo.

Sugestão de tema

Na Hora da Crise, um Deus de Contrastes

Acir Raymann

A RESSURREIÇÃO DO SENHOR / DIA DE PÁSCOA **16 de Abril de 1995** **Salmo 118.14-24**

Leituras do dia

O sermão terá por texto Sl 118.14-24. Sugere-se, portanto, que a leitura do AT seja feita do trecho alternativo de Êx 15.1 -11, que introduz o mesmo motivo de *louvor* ao Senhor, como Salvador de seu povo, cantado junto ao Mar Vermelho. Apenas alguns dias após o primeiro *pesach* ou passagem

salvadora (Êx 12), o povo de Deus experimentou um segundo livramento, em cruzar em seco pelo meio do mar. O salmista canta, no Sl 118, todas as misericórdias de Deus, a doação e a preservação da vida, ao momento histórico em que lhe dedicam o novo templo, na volta do exílio. A epístola é a continuação do anúncio e da pregação da boa nova que se repete na mensagem pascal, confirmada pelo apóstolo através da "graça de Deus comigo" (1 Co 15.10). O evangelho destaca o fato de que a ressurreição nos leva a *anunciar* todas estas coisas e confirmá-las por nosso testemunho até p delírio (Lc 24.9-11). As leituras de Páscoa são uma alegre e grata *proclamação de vida*.

Contornos da perícope

O Sl 118 é um hino de louvor, apropriado para qualquer ocasião em que se deseja responder à misericórdia de Deus, que dura para sempre. Foi composto para ser cantado no processional de dedicação do novo templo do Israel pós-exílico. Além do líder Zorobabel, também os profetas Ageu e Zacarias devem ter participado da obra de reconstrução, bem como da celebração que culmina com a páscoa do ano 515 a.C, porque "o Senhor os tinha alegrado" (Ed 5.22). Lutero considerou este Salmo como seu favorito, afirmando que o mesmo lhe serviu de grande consolo em muitas dificuldades, quando o imperador, reis, sábios, "espertos" e nem mesmo os santos o puderam ou quiseram ajudar. O caráter messiânico do Salmo 118 - e isto o traz para o âmago da Páscoa - revela que Israel se alegra pelo livramento de Deus, e o que era verdade relativa e temporal para Israel, se prova inteira e eternamente verdadeiro no Messias Salvador. A *ieshuâ*, salvação de Deus em favor do povo de Deus se confirma na vida futura dos crentes até os nossos dias. Celebremos a fé que é doada pelo Espírito Santo aos seus crentes na igreja cristã, através da remissão dos pecados, na ressurreição dos mortos, a vida eterna! O Terceiro Artigo de nossa fé nos conduz à Páscoa que não termina!

O texto

A perícope é formada por duas unidades principais (vv. 15-18 e 19-24), que constituem partes litúrgicas da procissão que se formou na festividade de dedicação do templo de Zorobabel. Expressa os movimentos alegres do cortejo e representa a continuidade da gratidão, progredindo em direção à casa do Senhor, e, ao chegar às suas portas, alegra-se por poder entrar.

V.14 - O verso introdutório é um eco do canto de vitória junto ao Mar Vermelho (Êx 15.2), que se repete em Is 12.2. O povo de Deus em todos os tempos conta com o poder do alto, como Neemias o expressa: "A alegria do Senhor é a vossa força" (Ne 8.10), vivamente musicado no Musi/JELB. Esta alegria, também pela Páscoa, está baseada na *ieshuâ*, a salvação que nos proporciona. É um ensaio para o grande coro dos remidos, em Ap 11.17, porque "assumiste o teu grande poder e passaste a reinar".

Vv. 15-18 - Dois temas de Páscoa podem ser abordados na proclamação desta parte - o local das tendas dos justos e o contraste da vida em oposição à morte. A figura da tenda (ohel) lembra o tabernáculo do deserto, como antecedente do templo, e aponta para seu antítipo, o templo que foi o próprio corpo de Cristo e o *eskênoosen* do Verbo de Deus, que veio "habitar em tendas" entre nós (Jo 1.14). Natal e Páscoa se unem neste ponto. E o Pentecostes pode ser encontrado na proclamação das obras do Senhor. Lutero confronta a alegria dos crentes na tenda da congregação, a igreja de Deus, com a tristeza e o desespero, geralmente negados, dos que ficam de fora, presas do pecado e da morte. Desta forma ele introduz a exposição do v. 17, que constituiu seu grande lema e se expressa em latim : *Non moriar, sed vivam et narrabo opera domini*. Aqui se passa de um sentido situacional do povo que estava ameaçado de desaparecer e agora vive um momento de renovação, para um sentido individual. O crente aceita com alegria o fato de superara própria morte pela fé na vitória e vida de Cristo. O salmista destaca a vida. Deus é um Deus não de mortos, mas de vivos. Isto nos faz crer e confessar, no Terceiro Artigo do Credo, que o Espírito Santo congrega a cristandade, perdoa os pecados, ressuscitará os seus mortos, e lhes dá a vida eterna. Este ritmo crescente de nossa fé culmina, com a Páscoa, na certeza da vida para sempre. Esta mensagem devemos crer com o coração e confessar com a boca (Rm 10.9). Páscoa é proclamação. É narrar intensamente (siper é piei) as obras da salvação que o Espírito Santo continua a operar em nós, fazendo de nosso corpo um templo de Deus.

"Castigar severamente" dói um pouco, diz Lutero, mas é a disciplina do Senhor que nos ajuda a viver melhor (Lutero, W5, 1230). Dói mais ainda se a gente se queixa e pragueja, acrescenta. A morte, aqui, é apenas uma "*vaeterliche Rute*", uma vara de pai que educa. O Salmo, neste trecho, sem dúvida nos fala dos princípios divinos de "educação" celeste.

Vv 19-24 - Neste ponto o processional atinge as portas do templo. Literalmente, as portas que se abrem são as da casa de Deus a ser dedicada ao seu nome. Os crentes atingem o lugar em que se busca a

presença de laweh. As portas são "da justiça" do Deus justo que justifica o pecador. A justiça de Deus que se revela no evangelho, de fé em fé, tem aqui uma de suas fontes. O v. 20 fica melhor traduzido com "esta é a porta para o Senhor" (*layahweh*), e somente os que são justificados pela fé no Cristo vitorioso entram por ela. A porta pode também significar o coração humano, diante da qual se acha o Salvador e bate (Ap 3.20). Os Salmos 15 e 24 também usam a imagem da porta, para dar entrada ao Rei da Glória.

"Pedra", no v.22, é uma imagem poderosa, tirada do trabalho de reconstrução do templo, motivo central do salmo. Pedras remanescentes do antigo templo foram rejeitadas e substituídas por novas. O novo Israel, o "remanescente" pós-exílico, que se firmava no culto ao Deus verdadeiro, substitui o povo exilado e desprezado, que agora voltava a ser honrado. Jesus toma os vv. 22 e 23 e lhes dá a sua dimensão messiânica (Mt 21.42-44). ELE é a pedra que foi a mais rejeitada e desprezada (Is 53.3) e motivo de tropeço para os que se perdem. O Israel espiritual está edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo Cristo como pedra angular (Ef 2.20). Pedro identifica a pedra com Jesus e aponta para os culpados de sua morte (At 4.11). A pedra eleita e preciosa é também rocha de ofensa (Is 28.16; 1 Pe 2.6-8). "Rocha eterna a me salvar..." também pode ser um hino de Páscoa.

O texto conclui, no v. 24, com um chamamento final à alegria. Dia em que se festeja a vitória sobre o mal, o exílio, o desprezo, a morte. Por ser uma linda perícopie de Páscoa, aprendamos a viver, com essa certeza de salvação, uma vida de alegria e testemunho, em palavras e obras de amor e de vida cristã.

Proposta homilética

Viverei para contar as obras do Senhor: páscoa é testemunho!

1. A morte de Cristo me livra da morte
 - 1.1 Não sou mais rejeitado por Deus
 - 1.2 Não serei castigado com os descrentes
2. A vida de Cristo me faz viver
 - 2.1 Para cantar hinos de louvor em seus átrios
 - 2.2 Para cooperar na edificação de sua igreja
 - 2.3 Para testemunhar de seu maravilhoso livramento.

Elmer N. Flor Johannesburg,
África do Sul

SEGUNDO DOMINGO DE PÁSCOA

23 de Abril de 1995

Atos 5.12,17-32

O *Senhor ressuscitou!* Essa é a boa notícia que perpassa todas as leituras do dia. O povo de Deus é convidado a celebrar com júbilo ao Senhor e anunciar a todos os seus poderosos feitos. Num momento, o cristão é chamado para fora do mundo com o propósito de adorar o Senhor, buscar sua paz e sua força (*ecclesia*); em outro momento, ele é desafiado a ingressar no mundo (*diáspora*) para testemunhar a respeito do Senhor ressuscitado. O cristão se abastece da Palavra para uma vida de obediência e testemunho.

Leitura do dia

Sl 100 - Um dos mais belos hinos de convite ao louvor para não somente apresentar-nos diante dele, mas fazê-lo com cântico. O louvor é o primeiro serviço que prestamos a Deus como resposta ao seu amor. Segue-se o servir ao Senhor com alegria. Não há espaço vazio entre o culto corporativo (na igreja) e o serviço a Deus fora da igreja.

Ap 1.4-8 - Jesus Cristo, o primogênito dos mortos, glorificado e vencedor, aparece ao discípulo João para confortá-lo. Não temas... estive morto e eis que estou vivo pelos séculos dos séculos; e para ordenar lhe escrevesse às sete igrejas o testemunho do Ressuscitado para admoestação e conforto.

Jo 20.19-31 - Os discípulos estão vivendo a Sexta-feira Santa e já é Domingo de Páscoa. Era compreensível o medo, a perturbação, a falta de esperança. Mas o Senhor Jesus, ao aparecer, devolve-lhes a alegria, a paz e a coragem. Os discípulos recebem o poder do Espírito Santo para testemunhar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenha vida em seu nome.

Contexto

A jovem igreja de Jerusalém estava enfrentando obstáculos amedrontados: a) Pedro e João tinham sido presos por darem testemunho do Senhor Jesus (4.1-3); b) Ananias e Safira foram eliminados pelo próprio Deus por mentirem a Deus sobre suas ofertas (5.1-10); c) agora ocorre novamente a prisão dos apóstolos, provocada pela inveja dos saduceus.

Entretanto, a igreja, amparada pelo poder de Deus, saiu-se fortalecida. E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor (At 5.14).

Texto

V. 12 - O povo costumava reunir-se no Pórtico de Salomão, uma área na parte leste do Templo, circulada por colunas, uma dela, dizia-se, existente desde os dias do rei Salomão. Sinais de prodígios (*semeia kai térata*) dependiam inteiramente da vontade de Deus.

Vv. 17,18-O sumo sacerdote oficial da época era Caifás (18-36a. D.). Mas quem realmente comandava era Anás. A pregação dos apóstolos, anunciando a ressurreição de Cristo, acompanhada de sinais e prodígios, desencadeou a perseguição por parte dos saduceus, seita que negava a ressurreição. *Prenderam os apóstolos*. Os perseguidores queriam acabar de vez com o cristianismo.

Vv. 19,20 - *Anjos do Senhor*, expressão usada mais quatro vezes em Atos: a) Estêvão (7.30-38); b) Filipe (8.26); c) Pedro (12:7-10); d) Herodes (12.23). *As palavras desta vida*: aquele que tinha prometido *Eu sou a ressurreição e a vida* (Jo 11.25), comprova sua promessa e dá vida aos que crêem.

Vv. 21-24 - *O sinédrio e todo o senado* - O Supremo Tribunal dos judeus. O sinédrio era composto de 70 membros e, no caso, foram convocados mais dois tribunais de 23 juizes (cada um), para decidirem sobre o destino dos apóstolos. *Capitão do templo* (ver 4.1) era um membro da família sacerdotal, subordinado hierarquicamente apenas ao sumo sacerdote. Era responsável pela ordem no recinto do templo.

V. 28 - As acusações feitas contra os apóstolos: a) desobediência à ordem expressa de não falarem de Jesus; b) encheram Jerusalém da doutrina de Jesus; c) querem lançar a culpa da morte de Jesus sobre eles.

De certa forma, as acusações fazem referência às declarações dos apóstolos de que alguns dos líderes participaram da execução de Jesus (2.23; 3.13-15; 4.10).

Vv. 30,31 - Deus - homens. O contraste estabelecido: os homens o mataram - Deus o ressuscitou. A ressurreição de Jesus é o ponto diferencial de toda a mensagem cristã. Através da ressurreição de Cristo o pecado, o diabo e a morte foram vencidos. Deus ressuscitou Jesus para conceder o *arrepentimento e a remissão de pecados*.

V. 32 - *Nós somos testemunhas (mártires) destes fatos*. Não falamos de teorias. Testemunhamos acontecimentos. Embora as testemunhas oculares da vitória de Cristo já estejam mortas, o testemunho do Espírito Santo continua vivo através das palavras da Escritura, convertendo pessoas a Cristo.

Proposta homilética

Jesus ressuscitou! Esta é a grande notícia do período de Páscoa, celebrada o ano inteiro pela Igreja Cristã. Duas palavras destacam-se no texto analisado: *testemunho* e *obediência*. São temas que não soam bem a nossos ouvidos porque nos sentimos devedores, tanto num quanto no outro. Não precisamos fazer uma análise profunda de nossa vida para constatar que somos mais inclinados para obedecer a homens do que a Deus e que estamos mais para silenciar do que para testemunhar.

Testemunho de Deus e obediência a Deus caminham juntos. Precisamos da presença do Senhor ressuscitado, do poder do seu Espírito Santo para vivermos a nova obediência da fé (CA VI, XX) para um testemunho crível do Salvador.

Na tentativa de destacar a ação graciosa de Deus para uma vida de nova obediência e de testemunho, poderia desenvolver-se na mensagem o seguinte esboço:

O SENHOR RESSUSCITADO DÁ PODER PARA TESTEMUNHAR-MOS

1. Ele concede arrependimento e remissão.
2. Ele livra da prisão do pecado, do diabo, da morte.
3. Ele dá o Espírito Santo aos que lhe obedecem.

Edgar Lemke Porto
Alegre, RS

TERCEIRO DOMINGO DE PÁSCOA

30 de Abril de 1995

At 9.1-20

Leituras do dia

Sl 28.1-2, 6-9 - O salmista não nega que o povo de Deus passa por dificuldades e problemas, porém deixa bem claro que Deus está sempre próximo e ao lado do seu povo. Os ouvidos de Deus estão sempre abertos para o clamor daqueles que lhe pertencem. Acima de tudo Deus é o Senhor da história, é aquele que dá força e que abençoa. O ungido de Deus, Cristo, é uma esperança, uma segurança constante.

Ap 5.11-14 - A doxologia cantada no v.13 é grandiosa e significativa, primeiro porque o Senhor do mundo e da história dá oportunidade a todas as pessoas de todos os tempos e épocas de participarem deste glorioso momento na eternidade bendita. O ungido de Deus está no trono e é a ele que honramos, servimos e nele esperamos, pois ele tem o domínio de tudo para sempre.

Jo 21.1-14 - Nesta leitura Jesus mostra claramente que sempre foi e continua sendo o Senhor sobre todas as criaturas. Repete-se a pesca maravilhosa. Estando no mar, os discípulos não reconhecem o Senhor Jesus na praia. Há necessidade de mostrar-lhes fatos já acontecidos para que a venda lhes caia dos olhos. "É o Senhor" (v. 7). O discípulo tem necessidade de ser constantemente lembrado e lembrado de que o nosso Deus, o seu ungido, tem o domínio sobre tudo e sobre todos. Ele é à força de seu povo.

Contexto

Estêvão havia sido apedrejado e morreu aos pés de Saulo. Começa a primeira perseguição aos cristãos encabeçada por este mesmo Saulo, prendendo, matando, torturando o povo para negarem o seu Senhor, enfim, perseguindo de todas as maneiras. Aparentemente parecia ser mais forte do que o Jesus de Nazaré a quem desprezava e perseguia (ver At 26.9-11). Agora, ele se dirige a Damasco como alguém que tem autoridade sobre a vida e a morte. Agora, ele se dirige a Damasco como um senhor. Agora, ele se dirige com a firme certeza de estar servindo a Deus.

Texto

V. 1 - O termo "ainda" dá continuidade àquilo que começou com o apedrejamento de Estêvão. Saulo estava tendo sucesso em seu empreendimento, e isto contribuía para aumentar seu orgulho e seu zelo.

V.2 - Provavelmente muitos cristãos fugiram para Damasco e lá estabeleceram uma congregação. Por ser uma grande cidade continha, além dos fugitivos, um grande número de seguidores de Cristo. Damasco era uma das cidades mais antigas do mundo. Ou os primeiros cristãos eram chamados pelos judeus como "os do Caminho", ou os próprios cristãos se denominavam assim. Provavelmente para evitar o nome Cristo, devido à perseguição, ou como definição de identidade: aqueles são de Cristo, "o Caminho, a Verdade e a Vida", "aqueles que estão no Caminho".

V. 3 - O sol do meio dia não consegue brilhar mais do que a luz e a glória de Cristo. Paulo estava na escuridão em pleno brilho do sol. Jesus precisava iluminá-lo. Jesus precisava mudar seu coração e mente. Jesus precisava mudar sua vida. Às vezes há necessidade de derrubar o orgulho humano, às vezes Deus precisa fazer cair toda a prepotência de um Saulo, para erguer a potência da Palavra de Deus na boca de um Paulo.

Vv. 4-5 - Na prática vemos o cumprimento das palavras de Jesus, não só como Salvador, mas também como juiz: "Tudo o que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mt 25.40).

Vv. 6-9 - O sofrimento conduz a uma reflexão mais profunda. O sofrimento quebra o orgulho, a vaidade e a prepotência. Paulo necessitava disto. Sem dúvida os momentos de cegueira, o sentimento de dependência, de estar perdido, fez com que o amor ao próximo, o amor ao ser humano, o respeito a quem lhe estendia a mão, e a confiança em Deus, Senhor de tudo e de todos, fortaleceu-se no coração e na vida de Paulo. Estes momentos também contribuíram para que, com humildade, escrevesse mais tarde: "quando sou fraco, aí é que sou forte" (2 Co 12.10).

Vv. 10-19 - É impressionante como os caminhos de Deus muitas vezes contradizem a lógica humana. Ananias provavelmente seria um daqueles que Saulo prenderia, torturaria ou até mataria. Agora o Senhor da vida e do mundo inverteu os papéis. Aquele que era perseguidor passa a ser seguidor, aquele que tratava a todos como objetos de sua ira e zelo, passa a ser um instrumento para salvação de muitos. Ananias não compreende a lógica e a atitude do Salvador. Tenta resistir, argumentar e fazer o

Salvador Jesus ver uma realidade que não existe mais, pois ele, o Senhor, mudou a realidade. Aquele que era, não é mais. Agora tornou-se um instrumento, e a história da vida de Paulo mostra que ele foi um instrumento valioso e poderoso na pregação do Evangelho. Ele foi realmente um vaso escolhido.

V. 20 - Não há dúvida nenhuma que causou muito espanto ouvir o fanático perseguidor falando bem e propagando as idéias do perseguido. Provavelmente passou despercebido o poder de transformação do nome de Jesus. Provavelmente ninguém, a não ser o próprio Paulo, tinha consciência da *metánoia* ocorrido em sua vida.

Sugestões homiléticas

TEMA: O SENHOR DO MUNDO

1. Quebra o orgulho dos que se julgam senhores.
2. Transforma corações orgulhosos em corações que amam e servem (ver w. 6-9).

TEMA: O *Senhor do mundo*

1. Chama
2. Salva
3. Orienta (ver vv. 4-6)

TEMA: O *Senhor do mundo*

1. Senhor de vidas
2. Senhor da história
3. Senhor da igreja (ver w. 10-19).

Luiz Carlos Garlipp
Porto Alegre, RS.

QUARTO DOMINGO DE PÁSCOA **7 de Maio de 1995** **Atos 13.15-16a, 26-33**

Leituras do dia

A mensagem do domingo está centralizada na *promessa*: Jesus Cristo o Salvador. É promessa feita, cumprida e que traz suas bênçãos aos que nela crêem.

O Salmo 23 focaliza a Promessa, o Bom Pastor, e suas bênçãos: "nada me faltará", "tu estás comigo", "bondade e misericórdia...". Ressalte-se a força dos verbos deste Salmo.

Ap 7.9-17 aponta para o grande objetivo da promessa feita por Deus à humanidade: a salvação eterna. Os vv. 9 e 14 mostram quem são os salvos. A promessa precisa ser anunciada para todos: IELB 2000.

Jo 10.22-30 lembra que a Promessa cria vínculos. Diz o pastor: "Eu as conheço..." Resposta das ovelhas: "Ouvem a minha voz... me seguem". Bênçãos da promessa: segurança e vida eterna.

Contexto

O capítulo 13 de Atos marca o início da grande marcha missionária do apóstolo Paulo. Ele é ordenado e enviado pela igreja.

Após o confronto com Elimas, o mágico, na ilha de Chipre, Paulo e Barnabé se dirigem para a região da Galácia. Chegam a Antioquia da Pisídia (Seleuco I fundou várias cidades e chamou-as todas de Antioquia em homenagem ao seu pai Antíoco).

Os judeus viviam na expectativa da vinda de um Messias que restauraria a nação judaica e estabeleceria um governo terreno. O objetivo de Paulo é anunciar que a promessa já se cumprira. Jesus Cristo era o Prometido de Deus. Seu governo não seria terreno, mas nos corações das pessoas. Ele veio para perdoar e salvar.

Texto

Promessa é a palavra chave desta leitura. Deus prometeu o Salvador. Deus cumpriu a promessa enviando Jesus ao mundo. Esta ação de Deus transforma corações, é real em nossas vidas.

V. 15: Paulo e Barnabé usam a estratégia de participar dos cultos nas sinagogas sempre que chegam a uma nova cidade. Era o ponto de contato mais rápido para divulgar o evangelho da promessa. O culto consistia de uma oração pelo líder, leitura da lei, e um sermão feito por um dos membros da congregação.

V. 16: "Ouvi" - Paulo fala com autoridade, como enviado de Deus. Procura atingir a todos, adaptando a mensagem a ambos os grupos. Lembremos que a mensagem da promessa precisa ser entendida pelos sulistas e pelos nordestinos do Brasil.

V. 26: "Palavra da salvação" - Não consistia numa libertação nacional, conforme a esperança messiânica dos judeus, mas na libertação do pecado, do diabo, passando por um profundo arrependimento. Salvação consiste em boas novas, perdão, e não simplesmente bons conselhos ou cumprimento de ordenanças e rituais. Esta promessa foi anunciada por João Batista, por Jesus, por Paulo e, agora, por nós cristãos do século XX.

Vv. 27-29: Paulo faz um apelo para não jogarem fora a oportunidade de salvação. Não deveriam seguir o exemplo do povo de Jerusalém. Eles agiram por ignorância. Não entenderam que estavam cumprindo as Escrituras do Antigo Testamento. No entanto, não estavam livres de culpa. "Madeiro", no v. 29, enfatiza a desonra a que Jesus foi submetido, em contraste com a honra que ele recebe de Deus, conforme o v. 30. Nota-se na mensagem de Paulo a forte possibilidade de arrependimento. É mensagem de perdão, para conversão. Os ouvintes são conclamados a se apegarem à promessa, que tantas bênçãos traz. Nossos sermões precisam ter este tempero, de maneira a tocar os corações dos ouvintes. O terror e o temor da punição só podem endurecer corações. Somente a esperança do perdão restaura e consola.

V. 30: Nisto está à prova de que Deus cumpriu sua promessa. Ele se colocou ao lado de seus filhos ao longo da história. Não os abandonou em meio à tribulação. Prometeu Jesus. E cumpriu. Se ainda houvesse alguma dúvida de ser Jesus o Salvador, a ressurreição é a prova. A promessa de um Salvador não poderia ser cumprida em um ser humano, destinado a morrer e desaparecer.

V. 31: As pessoas que tinham estado com Jesus eram as mais qualificadas para serem "as suas testemunhas perante o povo". Seria interessante refletir sobre a relação entre "caminhar com Jesus" e "ser sua testemunha", ou vice-versa.

Vv. 32,33: Paulo não anuncia nada de novo. Apenas o cumprimento de promessa já feita. Revela aos judeus o cumprimento da doutrina que eles mesmos confessavam seguir. Se rejeitassem a mensagem da

promessa, estariam desobedecendo ao pacto que Deus fizera com os patriarcas. "A nós", no v. 33, mostra a direção do amor de Deus e como ele é real na vida dos seus filhos.

Proposta homilética

O objetivo do sermão será de firmar no coração dos ouvintes a *convicção* de que Deus é fiel no cumprimento de suas promessas, a *certeza* de que Jesus é o Salvador enviado para nos salvar e o *consolo* que o Salvador prometido traz a todos que nele crêem.

TEMA: PROMESSA DO DEUS FIEL

Introdução: Homens fazem promessas: vazias, ridículas. Buscam favores próprios. Não cumprem as promessas: decepções, desilusões.

Deus faz promessas: pensando em nós. Cumpre rigorosamente. A maior delas: Jesus, o Salvador.

1. Feita aos pais (vv. 17-22, 32)
 - a) Rebeldia do homem;
 - b) Amor de Deus.

2. Cumprida em Jesus (vv. 23-31, 33)
 - a) Não um libertador terreno;
 - b) "Vós o rejeitastes";
 - c) Mas ressuscitado dentre os mortos;
 - d) Para salvar a todos.

3. Real em nossas vidas (v. 33)
 - a) Não: - guru Jesus / religiões orientais;
- Jesus do Espiritismo
 - b) Mas: - arrependido / João Batista (v. 24)
- Sl 23
- Jo 10.27-29
- Ap 9.9-17

Jonas Roberto Flor
Rio de Janeiro, RJ.

QUINTO DOMINGO DE PÁSCOA

14 de Maio de 1995

Atos 13.44-52

Leituras do dia

Sl 110 - Evoca a majestade e a glória de Cristo. Lembra, portanto, o futuro retorno de Cristo para o juízo. Neste tempo da graça é possível resistir-se a Cristo, porquanto o tempo da graça ainda corre junto com o tempo. Assim fizeram os endurecidos judeus diante da mensagem dos apóstolos do Senhor.

Ap 21.1-5 - A visão da glória futura muitas vezes se faz necessária à igreja militante. Quando Cristo foi transfigurado perante três de seus apóstolos, o objetivo era lhes abrir um parêntese celeste a fim de os confortar e estimular diante da oposição e do sofrimento causados pelo testemunho do nome de Jesus Cristo.

Jo 13.31-35 - A igreja existe para anunciar a graça de Deus e, assim, conduzir pecadores à vida eterna. A pregação, todavia, se faz não só por palavras, mas, e muito incisivamente, pela maneira de ser e agir: em amor.

Contexto

O texto em foco faz parte do relato da primeira viagem missionária do apóstolo dos gentios. Paulo tinha sido separado e designado por Deus (At 13.2) para dirigir seu esforço missionário não aos judeus, seus patrícios, mas aos povos de origem gentílica. No entanto, ele nunca esqueceu suas origens: judeu, fariseu zeloso, com íntima ligação com a sinagoga. A sua estratégia missionária sempre era de, se possível, em primeiro lugar contatar seu povo, transformando a sinagoga em ponta de lança. Isto ele repete em Antioquia da Pisídia, onde existia um bom número de judeus. A esta altura ainda havia na alma de Paulo muito saudosismo racial, o que, todavia, bem logo seria para ele motivo de profundos lamentos e até lágrimas, em vista das decepções que seu povo lhe causou (Rm 9-11; Fp 3.18).

Texto

V. 44 - A notícia sobre a eloqüente pregação de Paulo e seu trabalho missionário no decorrer da semana movimentou toda uma cidade. Ela ocorreu no sábado seguinte ao local onde Paulo repetiria suas vibrantes palavras sobre a ressurreição de Cristo. A curiosidade popular por doutrinas novas teve função decisiva na afluência popular. Isto tudo mostra quão poderoso orador era Paulo. Ele tinha realmente algo a dizer de concreto, mesmo que fossem coisas inauditas para os ouvintes dos gentios e inesperadas para os dos judeus.

Vv. 45 e 50 - Os judeus certamente nunca tinham tido a oportunidade de, em sua sinagoga, reunir tanta gente. Tocados na consciência e resistindo à ação do Espírito Santo, chegaram ao ponto de anatemizar a Cristo, blasfemando contra Deus. Para estes "filhos de Abraão" era um dissabor ver tanta gente de fora do arraial israelita sendo evangelizada por um intruso. O proselitismo judeu nunca alcançara sucesso. Como poderiam calar, vendo um patricio de Jerusalém, em tão poucos dias, atrair tantos gentios?

Na verdade, a história de Israel está repleta de movimentos de resistência contra Deus e seus profetas. A carta de Paulo aos romanos traz o que podemos caracterizar como sendo um profundo lamento do apóstolo em vista do fato de Israel ter rejeitado a Deus tão seguidamente. Deus investiu alto em Israel, não como um fim em si mesmo, mas para que Israel fosse à base missionária no Antigo Testamento para os povos pagãos. Este povo muito pouco entendeu e menos ainda colocou em prática a sua função e razão de ser um povo de sacerdotes (Lv 19.6). Como nação, Israel perdeu sua função e razão de ser. E a oposição maldosa dos judeus aqui e em tantas outras oportunidades contra a igreja recém fundada exterioriza sua incredulidade e dureza. As grandes perseguições contra a igreja primitiva, movidas pelo mundo romano, na verdade foram uma continuação das perseguições que os próprios judeus iniciaram, desde Estêvão.

Vv. 46 e 47 - Para Paulo era questão de consciência e de economia divina dirigir-se sempre em primeiro lugar aos judeus. Jesus era da linhagem judaica; todo o Antigo Testamento foi dado a Israel. A salvação primeiro era dos judeus, depois dos gentios. A missão entre os gentios já tinha lá seus 10 anos, tendo começado em Tarso. Mas aqui alcança seu ponto crítico. Tendo se tornado decisivamente rebeldes contra a mensagem cristã, a saída, forçada por perseguições, foi tomar rumo aos gentios, mas isto só após esgotarem-se as tentativas em salvar primeiro

os judeus. Conforme Atos 8, repete-se que aqui a igreja é colocada em polvorosa, permitida por Deus, para que em Jerusalém o chocar do comodismo fosse colocado em cheque. Com isto os cristãos que fugiram levaram a mensagem cristocêntrica consigo e desta forma nasceu a influente missão entre os gentios em Antioquia da Síria (At 11. 20, 21).

V. 48 - "A fé vem pelo ouvir e o ouvir pela palavra de Cristo" (Rm 10.17). A palavra de Deus não volta vazia (Is 55). Não foi pela eloquência de Paulo, mas pela atuação do Espírito Santo que logo os frutos da fé se fizeram sentir. A mensagem da cruz venceu. A barreira montada pelos judeus endurecidos direcionou os esforços missionários para um campo aparentemente inexplorado: os gentios.

É preocupante a aparente falta de uma maior e mais intensiva ação missionária também da igreja luterana para fora de seus muros. Não seria salutar uma perseguição para nos tirar do marasmo evangelístico? Os judeus imaginavam que Deus era propriedade deles, tal como pensamos quando nos encolhemos e restringimos nossa atividade missionária aos que são de "casa" (confessionalmenté cristãos). Foi, sem dúvida, muito benéfica a perseguição relatada em At 8, esta aqui em foco, e tantas outras. Ela empurrou os cristãos para campos novos. E frutos sem número foram colhidos para a eternidade.

V. 49 - Nunca é demais para nós pregadores e líderes da igreja sempre de novo enfatizarmos o testemunho pessoal. Mesmo Billy Graham acentuou no final de sua carreira evangelística que nada é comparável, em termos missionários, com o testemunho pessoal, direto e particular que os cristãos dão de sua fé. O império romano em questão de três séculos foi "virado de pernas para o ar", tudo por causa do zeloso testemunho que os cristãos davam de Cristo.

V. 51 - Quando resistências se fazem sentir, os missionários Paulo e Barnabé não pegam simplesmente sua mala e vão embora. Eles ainda, antes de se retirarem do campo de ação, pregam com seu gesto, dando a entender que não se sentem derrotados e que os judeus por eles eram considerados piores do que os piores pagãos. Vê-se aqui o zelo dos missionários pela causa de Cristo.

V. 52 - A perseguição, portanto, produziu um efeito contrário ao desejado pelos judeus rebeldes. O Espírito Santo já se fizeram presente em muitas vidas, até de maneira muito visível por meio da alegria contagiante que os recém convertidos davam a demonstrar. E o valioso em

tudo isso é o testemunho de Lucas de que a obra do Espírito Santo era de Deus, não de Paulo com sua eloquência. Assim ministros sempre precisam encarar sua função: instrumentos.

Sugestões homiléticas

1. As bênçãos da perseguição
 - a) Faz sair do "cercado";
 - b) Leva o Evangelho para além das fronteiras.

2. Métodos evangelísticos
 - a) Não salvam, por mais estruturados que sejam;
 - b) Guiam e orientam;
 - c) A pregação e o testemunho são à base da missão.

Heldo E. Bredow
Curitiba, PR.

SEXTO DOMINGO DE PÁSCOA **21 de Maio de 1995** **Atos 14.8-18**

Leituras do dia

No Salmo 67 as nações são chamadas a louvar ao Senhor, diante das bênçãos que ele derrama sobre seu povo. Em João 14.23-29 Jesus está respondendo a uma pergunta de Judas (v. 22), sobre como ele se manifestará a eles, os discípulos. Ele se refere ao habitar dele e do Pai nos seus, após sua subida aos céus, e fala também da obra do Espírito Santo, que os ensinará. Em Ap 21.10-14,22-23 há um quadro da nova Jerusalém, onde a presença santificadora e a glória do Senhor se farão evidentes. At 14.8-18 apresenta mensagem de Paulo, anunciando as obras da criação de Deus como manifestação da sua divindade. Tema do dia: a manifestação de Deus ao mundo, que visa trazer conhecimento e o desfrutar da salvação.

Contexto

Paulo está, com Barnabé, na sua primeira viagem missionária, levando o Evangelho para a região da Pisídia e Galácia (possivelmente as "igrejas da Galácia" de Gl. 1.2). É o primeiro contato de pagãos com a mensagem

do evangelho de Cristo. Surgem reações completamente opostas. Há alegria intensa por parte dos gentios (At 13.52), mas há também rejeição por parte de judeus (At 14.2,19). A razão de Paulo e Barnabé estarem naqueles locais era a proclamação do evangelho (14.7), que foi ouvido pelo paralítico (14.9). Este evangelho efetivamente produziu resultado. Mesmo com a oposição dos judeus, houve convertidos ("discípulos"- v. 20-22).

Texto

Vv. 8-10 - A descrição sobre o paralítico é enfática. Lucas também faz questão de dizer que o homem ouviu a proclamação de Paulo. Foi devido à Palavra que ouviu que ele "tinha fé para ser curado". A expressão - *pístin tou sothênai* - denota "confiança de que seria curado", e não "fé suficiente que o capacitava a ser curado". Não foi a fé que o curou, mas o ato de Paulo que, como apóstolo, tinha a operação de sinais como uma das suas credenciais, dadas pelo próprio Senhor (2 Co 12.12).

Vv. 11-13 - A reação dos habitantes pagãos de Listra não é de se admirar. Associaram o fato sobrenatural a uma visitação de seus deuses. Nada mais natural do que preparar um culto. É um exemplo interessante de que zelo, dedicação, sinceridade na fé não são suficientes. É necessário que esta fé esteja corretamente dirigida; ou seja, que seu objeto seja o Deus verdadeiro e, particularmente, Cristo e sua obra. Sem Cristo, qualquer "fé" se deposita nos "rudimentos do mundo" (Gl 4.3), que não salvam, apenas escravizam.

Vv. 14-18 - Na fala de Paulo temos a primeira ocasião em que ele dirige a palavra para uma audiência estritamente paga, que não aceitava a doutrina judaica sobre Deus (diferentemente dos gentios 'tementes a Deus', que Paulo encontrou em outros locais - por exemplo: At 13.16,43). Por isso a proclamação de Paulo centraliza-se no anúncio do Deus único e vivo. Note-se que aqui Primeiro e Segundo Artigos do Credo andam lado a lado: Paulo anunciava o evangelho (*euangelízoo* - proclamação da obra de Cristo), para trazer os pagãos ao Deus único (caracterizado pela Sua obra de Criação e Preservação do mundo). Ao permitir que os povos "andassem nos seus próprios caminhos", Deus não estava sendo condescendente com crenças pagas. Paulo quer mostrar (falando a pagãos) que o Deus verdadeiro, e não forças do destino ou deuses semi-humanos, estava no comando e dava testemunho de si, agindo com a bondade própria do Criador, que zela pelas suas criaturas. Mas agora, com a proclamação do evangelho, estes povos são chamados a deixar suas crenças vãs e crer no Deus vivo. Os feitos de Deus na obra da

manutenção do mundo testemunham sobre sua glória. O evangelho - proclamação da graça perdoadora manifesta em Cristo - conduz os homens ao conhecimento e culto ao Deus verdadeiro.

Disposição

Deus dá testemunho de si

1. Na sua obra de Criação e Preservação do mundo.
 - a) Isso ele faz sobre todos os homens, mesmo os pagãos; b) Os seus filhos reconhecem e o louvam por isso (Salmo do dia); c) Este é um bom começo para uma conversa evangelística.
2. No Evangelho ele mostra sua obra "preferida": salvar
 - a) O Evangelho não é simplesmente mensagem de informação, mas efetivamente é poderoso para converter;
 - b) Em Cristo conhecemos o propósito último de Deus para nossa vida.

**Gérson Luís Linden São
Bernardo do Campo, SP.**

SÉTIMO DOMINGO DE PÁSCOA

28 de Maio de 1995

Atos 16.6-10

Leituras do dia

Sl 133 - Davi enfatiza as vantagens da comunhão fraterna entre irmãos, a qual será abençoada, especialmente, quando sua influência se espalha pela sociedade inteira. Esta união entre irmãos depende da união de cada um com o Senhor, para então, sim, ser um testemunho eficiente perante o mundo.

Ap 22.12-17,20 - A Epístola fala do Jesus glorificado, Cristo e Senhor, que vem para o juízo derradeiro, para retribuir a cada um segundo as suas obras, e para buscar os seus fiéis e levá-los à vida eterna, à nova Santa Jerusalém.

Está aí o último apelo evangelístico do Espírito. O retorno de Cristo está iminente. Urge a igreja proclamar libertação ao mundo, através do sangue do Cordeiro, o Alfa e o Ômega: Jesus.

Jo 17.20-26 - Jesus ora pela igreja dos fiéis, de todas as épocas, congregados pelo testemunho dos apóstolos e missionários, a fim de que a sua unidade suscite a fé na missão de Jesus. É pede que a igreja militante se torne igreja triunfante.

Expressa-se aqui a certeza de que o envio dos discípulos ao mundo vai ter sucesso no anúncio do Evangelho de Cristo. E a igreja, através dos tempos, será sempre dirigida e assistida por seu Senhor em sua trajetória.

Texto

Quais eram os planos de Paulo, para a continuação de sua segunda grande jornada missionária, o escritor Lucas não nos explica. Parece que o seu objetivo é ir à Éfeso, seguindo as praias ocidentais da Ásia. Entretanto, Deus vai interferir nas suas intenções e vai conduzi-lo, juntamente com seus companheiros Silas e Timóteo, para novas áreas de trabalho. E Lucas conta-nos tudo isso de maneira muito rápida, dando a impressão que quer fazer o leitor sentir na própria narrativa a urgência de se começar a proclamar o Evangelho no continente Europeu.

V. 6- "Percorrendo a região frígio-gálata" - É a área ao oeste de Icônio. A Ásia Menor era dividida em regiões étnicas, como Frígia, Galácia, etc., e o sistema romano de província foi imposto sobre este grupo mais antigo de divisões. Destarte, a área da Frígia foi dividida entre as províncias da Ásia e a Galácia.

Paulo e seus assistentes foram dirigidos para longe de seu alvo inicial, que era a Ásia. Viram-se compelidos a caminhar para o Norte. Não sabemos como o Espírito Santo impediu-os. Supõe-se que foi mediante alguma compulsão interior ("*intimation or internal direction*").

V. 7 - Mísia era a parte Noroeste da província romana da Ásia. Ao Norte e ao Leste da Mísia ficava a Bitínia, também província romana. Novamente o Espírito Santo interveio e não permitiu que seguissem para Bitínia. E outra vez não nos é dito como eles foram impedidos.

"O Espírito de Jesus" - Esta expressão frisa a relação do Espírito Santo como agente de Cristo. No Credo Niceno confessamos: "Creio no Espírito Santo,... o qual procede do Pai e do Filho...". O próprio Jesus dissera que o Espírito Santo seria enviado (Jo 14.26).

V. 8 - Passando pela Mísia, chegamos ao Porto de Trôade, sobre o mar Egeu. O nome Trôade nos faz lembrar da primeira contenda entre Europa e Ásia, na remota antigüidade. Dos lugares onde os heróis da Grécia certa vez lutaram, agora os soldados de Cristo partem para uma guerra santa, com o objetivo de conquistar a Grécia e o mundo inteiro.

V. 9 - Em Trôade, Paulo teve, de noite, uma visão que fez o grupo de missionários concluir que Deus os chamava para evangelizar a Europa.

Na visão, Paulo viu um macedônio que lhe apelava para virão seu país e ajudá-los. Não sabemos por que esta forma de orientação divina foi adotada a esta altura. Porém, nos tempos antigos, as visões eram um meio de comunicação divina (At 9.10; 10,3,17; 18,9; 22,17; 23,11). E Paulo deve ter deduzido que o homem era macedônio, por causa daquilo que ele falou.

Até aqui o Espírito Santo havia dado somente ordens negativas (não Ásia, não Bitínia) e nenhum comando positivo. Agora, através de uma visão sobrenatural, e não apenas sonho, Paulo é chamado por Deus para trabalhar num campo totalmente pagão. Deus fecha portas, mas abre outras!

V. 10 - A redação passa bruscamente para a primeira pessoa do plural ("nós procuramos partir"). O próprio narrador, Lucas, reservadamente, registra o seu ingresso na história, juntando-se ali em Trôade à equipe paulina.

O chamado divino foi tão evidente para o apóstolo Paulo e seus assistentes que eles não hesitaram em obedecê-lo, "imediatamente".

Sugestão de esboço para a predica

Objetivo - Lembrar que é Deus que estabelece a sua Igreja no mundo, através da proclamação da Palavra, e dela (igreja) requer obediência, comunhão e serviço.

TEMA: SOMOS CHAMADOS PARA FAZER A VONTADE DE DEUS.

1. A negação - o não de Deus - vv. 6-8.
2. A direção - o sim de Deus - vv. 9-10.
3. O nosso dever:
 - a) Submissão às diretrizes de Deus e obediência à vontade do Senhor (vide Paulo e seus companheiros).
 - b) Unidos no amor, urge que proclamemos Cristo para todos (vide leitura do dia).

Alaor Güths dos Santos
São Paulo, SP.

DEVOÇÕES

Todas as coisas cooperam para o bem

Romanos 8.28-30

Responda depressa: "Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" é lei ou evangelho? Aposto que a maioria de nós optaria por evangelho. Também eu estou fundamentalmente convencido de que se trata de evangelho.

Por que, então, a pergunta? Acontece que a forma como uma determinada palavra - até mesmo uma palavra bíblica - é recebida depende muito da situação. Não teremos dificuldade maior em ver evangelho no "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" enquanto estivermos cercados de coisas boas, com saúde, ou no vigor da juventude. E o que dizer daquela pessoa que está doente terminal e, inconformada, reclama veementemente de sua situação? Se eu chego e digo: "Sabia que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus", ela pode sentir-se acusada por um como que petardo da lei, pois o texto agirá como crítica à reclamação dela. Afinal, reclamando ela demonstra não estar tão convencida de que todas as coisas cooperam para o bem.

Ou ainda, se ela se puser a refletir sobre o que lhe disse, talvez chegue à conclusão de que o que está errado com ela é o fato de não amar suficientemente a Deus. Afinal, o texto não diz que tudo isso é verdade para os que amam a Deus? E lá talvez fique ela querendo mais e melhor amara Deus, o que equivale a movimentar-se no campo da lei.

Por que digo tudo isto? Não quero aqui negar que Romanos 8.28 pode funcionar como o mais doce evangelho, mas quero mostrar que o texto não está livre de dificuldades quando se trata de sua aplicação a situações reais na vida. Além de ser percebido como lei, o texto pode também, em

determinadas circunstâncias, levar a uma passiva aceitação do estado de coisas, num raciocínio mais ou menos assim: "Porque me importar? Seja lá o que me sobrevier, de um jeito ou de outro resultará em meu bem". E então é aquela calma... E calma lembra "carma". Aliás, isto não fica longe do raciocínio espírita, especialmente em situações de dificuldade. Lembro ter ouvido um técnico de futebol desabafar, no fundo de um "precipício futebolístico" causado por quatro rodadas sem vitória, que ele, como espírita, sabia por que estas coisas estavam acontecendo na vida dele.

Voltemos ao texto. É um texto forte. Há uma forte tentação no sentido de atenuá-lo. O "sabemos" vira "suspeitamos" ou "é possível que", e o "todas as coisas" vira "todas as coisas boas". Afinal, não é verdade que, como diz o ditado, "há males que vêm para o bem"? Se há males, há outros que não vêm para o bem. Que dizer de Romanos 8.35b: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada?

Talvez nossa dificuldade com o texto tenha a ver com a tradução. Isto sempre é uma possibilidade, ou seja, o texto pode reproduzir inadequadamente o original. Se abro a Bíblia na Linguagem de Hoje, deparo-me com uma tradução um pouco diferente: "Pois sabemos que em todas as coisas Deus trabalha para o bem daqueles que o amam..." Dirá alguém: aqui só podem ter traduzido o aparato crítico para chegar a tal tradução! Pois, por mais que pareça, este não é o caso. Tudo que se fez foi interpretar o texto de forma diferente: o "todas as coisas" (*panta*), de sujeito neutro plural passou a ser adjunto adverbial, e o verbo *synergei* passou a ter um sujeito no singular, Deus, tirado do contexto. O texto a rigor não muda muito. Deixa claro o que fica implícito na Almeida Revista e Atualizada, a saber, que, para todas as coisas contribuírem para o meu bem, Deus deve estar agindo.

Mas a nossa dificuldade com o texto não está completamente removida. Ainda podemos perguntar: será que é verdade que em todas as coisas Deus trabalha para o nosso bem? Você e eu queremos continuar a fazer esta confissão. Queremos ouvir o texto como o mais doce evangelho. Mas isto só será possível se o ouvirmos num contexto vivencial em que a continuação de Romanos 8.28a se constitui em nossa certeza básica: "Todas as coisas cooperam para o bem... daqueles que são chamados segundo o propósito de Deus" (Rm 8.28b). E quando foi que isto passou a ser parte de minha vida? No dia em que Deus me chamou no batismo.

Num contexto em que o batismo é meu consolo, num contexto de reconhecimento de que Deus me escolheu e separou para eu ser conforme a imagem de seu Filho. Jesus, posso dizer, numa atitude positiva: em todas as coisas Deus trabalha para o meu bem. Ou, se preferir, todas as coisas cooperam para o meu bem. Agora, só posso dizê-lo em fé.

Devoção proferida pelo Dr. Vilson Scholz na capela do Seminário Concórdia, no dia 13 de agosto de 1993.